

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARCELA LOPES GOMES

***CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA BAKHTINIANA PARA
O ESTUDO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
A APROPRIAÇÃO DAS CATEGORIAS
DA ENUNCIÇÃO E DO DIALOGISMO***



ARARAQUARA – SÃO PAULO
2008

Marcela Lopes Gomes

***CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA
BAKHTINIANA PARA O ESTUDO DA
EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
A APROPRIAÇÃO DAS CATEGORIAS
DA ENUNCIÇÃO E DO DIALOGISMO***

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Epistemologia do Trabalho Educativo

Orientador: Prof. Dr. José Luís Vieira de Almeida

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – SÃO PAULO
2008

MARCELA LOPES GOMES

***CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA BAKHTINIANA
PARA O ESTUDO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
A APROPRIAÇÃO DAS CATEGORIAS
DA ENUNCIÇÃO E DO DIALOGISMO***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Educação Escolar.

Epistemologia do Trabalho Educativo

CNPq

Data de aprovação: 26/02/2008

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: José Luís Vieira de Almeida – Doutor

Departamento de Educação
Universidade Estadual Paulista/São José do Rio Preto.

Membro Titular: Newton Duarte – Livre Docente

Departamento de Psicologia da Educação
Universidade Estadual Paulista/Araraquara.

Membro Titular: Valdemir Miotello – Doutor

Departamento de Letras
Universidade Federal de São Carlos.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*Aos meus pais,
que me legaram o amor pela leitura.*

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta pesquisa tornou-se possível graças à contribuição direta ou indireta de várias pessoas, às quais manifesto minha gratidão e em particular:

Ao meu orientador, professor José Luís Vieira de Almeida, pela compreensão e confiança no resultado deste trabalho, cujas discussões iniciaram-se desde minha graduação na UNESP/Ibilce.

Aos professores Newton Duarte e Valdemir Miotello, pelo valioso diálogo empreendido durante o Exame da Qualificação desta pesquisa.

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – pelo apoio financeiro imprescindível para a realização deste trabalho.

À Silvana F. Lopes, professora e amiga, pelo incentivo e vibração com o desenvolvimento desta trajetória na Educação.

À Carina, estimada amiga na vida e no mestrado, por compartilharmos inquietações e convicções filosófico-acadêmicas, bem como por seu apoio e amizade sempre sinceros.

Aos queridos amigos Lara, Vanessa, Carlos e Flávio, pela convivência afetuosa, divertida e camarada. Saudades de uma certa escada ibilceana...

À Fran, pelo companheirismo fraterno, apoio intelectual e afeto constante, por partilharmos essa caminhada rumo ao mundo cultural russo em nossas discussões bakhtiniano-vygotskianas.

Aos meus queridos pais, Elvira Lopes Gomes e Benedito Carlos Gomes, pelo amor e amparo concedidos durante toda minha existência, por semearem em mim o prazer pelos estudos e a necessidade de se lutar por uma vida digna e justa para todos. A vocês, minha eterna gratidão!

*La verdad no nace ni se encuentra en la cabeza de un solo hombre, sino que se origina **entre los hombres** que la buscan conjuntamente, en el proceso de su comunicación dialógica.*
(BAJTÍN, 2003: 161 – grifos do autor).

*Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: **é produto da interação entre falantes** e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu.*
(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004: 79 – grifos dos autores).

RESUMO

O pensador russo Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) desenvolveu uma contribuição relevante e original para as Ciências Humanas a partir de seus estudos sobre a linguagem. Devido ao caráter crítico e vanguardista da obra bakhtiniana, numerosos estudiosos empregam-na para aclarar temas das mais diversas áreas, dentre as quais destacamos a Educação. Esta dissertação visa perscrutar as contribuições da teoria bakhtiniana para o estudo da Educação Brasileira mediante análise das categorias da enunciação e do dialogismo desenvolvidas ao longo da obra teórica de Bakhtin, assim como da aplicação que delas fizeram os pesquisadores brasileiros, por meio do exame de artigos publicados em periódicos específicos da Educação, no primeiro quinquênio do século XXI. A investigação apontou para uma crescente apropriação do pensamento bakhtiniano nas análises empreendidas no campo da Educação, com a realização de um esforço de compreensão por parte de seus estudiosos, no que se refere aos fundamentos das categorias da enunciação e do dialogismo. No entanto, indicou também que, em alguns dos artigos analisados, além desse esforço de apropriação da teoria bakhtiniana, há a ocorrência de distorções e impropriedades na aplicação e nos acréscimos efetuados nessa teoria. Assim sendo, uma pesquisa desta natureza poderá subsidiar estudantes de pós-graduação e pesquisadores em geral interessados em aplicar as contribuições da teoria bakhtiniana no campo da Educação, de modo a proporcioná-los um posicionamento crítico em relação às formas de interpretação e utilização das bases dessa obra.

Palavras-chave: Bakhtin. Enunciação. Dialogismo. Educação Brasileira.

RESUME

Le penseur russe Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) a développé une contribution importante et originale aux Sciences Humaines à partir de ses études sur le langage. En raison du caractère critique et à l'avant-garde de l'œuvre bakhtinienne, nombreux savants l'emploient pour éclaircir thèmes de plusieurs domaines, parmi lesquels nous signalons l'Éducation. Cette dissertation met en évidence les contributions de la théorie bakhtinienne pour l'étude de l'Éducation Brésilienne grâce à l'analyse des catégories de l'énonciation et du dialogisme développés tout au long de l'œuvre bakhtinienne, aussi bien que à l'application que les chercheurs brésiliens ont fait de ces catégories par le moyen du examen des articles publiés en périodiques spécifiques du domaine de l'Éducation, dans le premier lustre du siècle XXI. La recherche a apporté pour l'appropriation grandissante de la pensée bakhtinienne en analyses effectuées dans le domaine de l'Éducation, avec la réalisation d'un effort de compréhension de ses savants en ce qui concerne les fondements des catégories de l'énonciation et du dialogisme. Néanmoins, elle a indiqué encore que en quelques des articles analysés, au delà de l'effort de appropriation de la théorie bakhtinienne, il y a l'occurrence de distorsions et impropriétés dans l'application et les additions effectués en cette théorie. Ainsi, une recherche de cette nature pourra donner subsides à étudiants de l'enseignement supérieur et chercheurs en général intéressés en appliquer les contributions de la théorie bakhtinienne dans le domaine de l'Éducation, de façon à proporcionarner un positionnement critique par rapport aux formes d'interprétation et d'utilisation des bases de cette œuvre.

Mots-clés : Bakhtin. Énonciation. Dialogisme. Éducation Brésilienne.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1: A Pequena Temporalidade: a expressiva relação entre vida e obra.....	12
1.1 Mikhail Bakhtin: o percurso de uma vida.....	12
1.2 Obstáculos iniciais ao estudo da obra bakhtiniana.....	28
Capítulo 2: A Grande Temporalidade: a arquitetônica bakhtiniana.....	37
2.1 Crítica às duas principais orientações do pensamento filosófico-lingüístico.....	37
2.2 Princípios articuladores da filosofia da linguagem bakhtiniana.....	44
2.3 A categoria bakhtiniana da enunciação.....	52
2.4 A categoria bakhtiniana do dialogismo.....	66
Capítulo 3: A Contemporaneidade: a Teoria Bakhtiniana na Esfera da Educação.....	78
3.1 A apropriação da teoria bakhtiniana na esfera da Educação.....	83
Considerações Finais.....	114
Referências Bibliográficas.....	118
Bibliografia Complementar.....	123

INTRODUÇÃO

O componente verbal do comportamento é determinado em todos os momentos essenciais do seu conteúdo por fatores objetivo-sociais.

O meio social deu ao homem as palavras e as uniu a determinados significados e apreciações; o mesmo meio social não cessa de determinar e controlar as reações verbalizadas do homem ao longo de toda a sua vida.

*Por isso, todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos exterior e interior) de maneira nenhuma pode ser creditado a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim **ao seu grupo social** (ao seu ambiente social).*

(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004: 86 – grifos do autor).

O filósofo da linguagem russo Mikhail M. Bakhtin é reconhecido como um dos pensadores mais fecundos e originais do século XX, ao passo que sua obra tem sido, gradativamente, objeto de atenção em diversas áreas do conhecimento, dentre as quais destacamos a Educação. Com a ampliação do interesse por essa teoria, ocorre não só a realização de um esforço de compreensão por parte de seus estudiosos, mas também tentativas de apropriação, de filiação e de aplicação.

Neste trabalho, ensejaremos perscrutar de que modo ocorrem as aplicações da teoria bakhtiniana no campo da Educação Brasileira a partir da apropriação das categorias da *enunciação* e do *dialogismo* em artigos publicados em periódicos de Educação no período de 2001 a 2005. Dessa forma, buscaremos compreender os limites e as possibilidades do emprego dessas categorias suscitados por pesquisadores brasileiros da Educação nos artigos selecionados.

Julgamos que uma pesquisa dessa natureza poderá subsidiar pesquisadores e pós-graduandos interessados em aplicar as contribuições da teoria bakhtiniana na esfera da Educação, no sentido de proporcioná-los um posicionamento crítico em relação às formas de interpretação e utilização na Educação das categorias da enunciação e do dialogismo e, por conseqüência, do próprio pensamento bakhtiniano.

Para tanto, abordaremos, no primeiro capítulo, a expressiva relação entre a vida e a obra de Bakhtin com suas ressonâncias e desdobramentos para os

estudos do pensamento bakhtiniano. No segundo capítulo, trataremos dos fundamentos da filosofia da linguagem bakhtiniana de modo a evidenciar sua originalidade e complexidade, a partir dos quais ressaltaremos a constituição das categorias da enunciação e do dialogismo. Por fim, analisaremos, no último capítulo, apropriação da teoria bakhtiniana na esfera da Educação.

1 A PEQUENA TEMPORALIDADE: A EXPRESSIVA RELAÇÃO ENTRE VIDA E OBRA

1.1 Mikhail Bakhtin: o Percurso de uma Vida

Qualquer busca de compreensão do conjunto da obra bakhtiniana deverá considerar o fato de que essa obra é de certa forma inseparável das condições de vida de seu autor. A biografia de Bakhtin trará luz a alguns dos problemas experienciados por sua obra, tais como o relativo inacabamento de seu pensamento e de seus próprios textos, a não publicação de grande parte de seus escritos durante sua vida, a posterior edição dos livros em ordem distinta da sua elaboração, a questão da difícil unidade de sua obra, entre outros. Nesse sentido, procuraremos, nesta seção, realizar alguns apontamentos acerca da vida de Bakhtin.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin nasceu na cidade de Orel, ao sul do Moscou, em 16 de novembro de 1895¹. Era descendente de uma família aristocrática empobrecida cuja linhagem remontava ao século XIV. Há versões discrepantes acerca da ocupação exercida por seu pai, Mikhail Fedorovitch, ora asseveram que ele trabalhou como gerente do banco fundado pelo avô de Bakhtin, ora afirmam que seu pai era apenas um funcionário de um banco. Bakhtin tinha um irmão um ano mais velho, Nikolai, e três irmãs mais jovens – Ekaterina, Maria e Natália.

Os Bakhtin constituíram uma família culta e liberal que buscou proporcionar aos filhos a melhor educação possível, inclusive acesso à cultura e ao pensamento europeus. No que tange à educação recebida pelo teórico russo, ele teve uma preceptora alemã que o proporcionou uma iniciação completa na cultura européia, com ênfase nos estudos clássicos. Aos nove anos passou a frequentar o

¹ As informações relativas à vida de Bakhtin serão fundamentadas na biografia escrita pelos pesquisadores estadunidenses Clark e Holquist (1998), cuja obra constitui uma apurada fonte de dados biográficos, uma vez que os autores tiveram acesso, na Rússia, ao arquivo Bakhtin, às fontes bibliográficas e à maioria das pessoas sobreviventes que o conheceram; não obstante o fato de discordarmos das interpretações empreendidas pelos referidos pesquisadores a respeito da teoria bakhtiniana. Segundo Emerson (2003), há ainda uma biografia de Bakhtin realizada na Rússia por Semyon Konkin e Larisa Konkina, intitulada *Mikhail Bakhtin: página de sua vida e sua obra*, contudo não temos traduções dessa obra para o Ocidente.

ensino regular numa escola. Dessa forma, o jovem Bakhtin falava alemão com ampla fluência, empreendera um extenso rol de leituras por iniciativa própria e muito antes de ingressar na universidade já era considerado intelectualmente precoce.

Aos nove anos, Bakhtin se mudou de Orel para Vilno, capital da Lituânia, devido a uma transferência no trabalho de seu pai. Em Vilno, o pensador russo, vindo de uma cidade provinciana, deparou-se com uma intensa diversidade e mistura de línguas, classes sociais e grupos étnicos. Notemos que desde a tenra juventude Bakhtin tomara contato com a poliglossia, ou seja, a variedade de línguas, sendo que essa diversidade lingüística se fará presente entre os interesses de estudo de sua obra futura.

Quando o autor russo contava com 15 anos, sua família mudou-se para Odessa, onde Bakhtin concluiu seus estudos secundários. Como Vilno, Odessa era marcada pelo plurilingüismo e abrigava uma intensa vida cultural. Todavia, a única mácula nos anos passados na cidade consistiu na primeira manifestação da osteomielite, quando Bakhtin tinha 16 anos, uma enfermidade óssea dolorosa que o afligiria até o fim de sua vida.

Em 1913, Bakhtin ingressou na universidade local, mas um ano depois se transferiu para a Universidade de Petersburgo², onde se matriculou no Departamento de Estudos Clássicos e se formou em História e Filologia. Coincidentemente, os principais teóricos do Formalismo estudavam ou lecionavam nessa universidade quando Bakhtin a cursava, tais como Tinianov, Eikenbaum, Chklóvski, Polivanov e Iakubínski. Tal corrente seria criticada pelo pensador russo em diversos textos acerca da natureza da literatura e da linguagem, a partir da década de 1920.

O período universitário de Bakhtin em Petrogrado, de 1914 a 1918, foi uma época de intensa turbulência política, pois coincidiu com a Primeira Guerra Mundial e as duas Revoluções de 1917, fatos que afetaram também a vida universitária. Segundo Clark e Holquist (1998: 56), “havia números minguantes nas

² A Universidade de São Petersburgo alterou o seu nome para Universidade de Petrogrado em consonância com a mudança do nome da cidade, pois devido ao sentimento antigermânico suscitado pela Primeira Guerra Mundial, os russos buscaram um nome cuja sonoridade soasse mais próxima a de sua língua. Posteriormente, a cidade de Petrogrado foi renomeada Leningrado quando da morte de Lênin, em janeiro de 1924. Atualmente, a cidade voltou a se chamar São Petersburgo.

salas de aula e crescente tibieza nas exigências dos cursos. Tais liberdades proporcionaram a Mikhail largo espaço de escolha nos estudos”.

No período acima indicado, início do século XX, a Rússia enfrentava uma crise sem precedentes, cansada da Grande Guerra que já havia ceifado mais de um milhão de russos, gerado crise na agricultura e fome generalizada, além de encontrar-se na iminência de uma derrota, foi o primeiro dos regimes monárquicos da Europa Central e Oriental a ser destruído pelas pressões e tensões da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Assim, em fevereiro de 1917 eclodiu uma revolta em todos os setores da população, sobretudo entre os operários e os camponeses, a qual culminou, após quatro dias de manifestações espontâneas e sem liderança, com a abdicação do czar Nicolau II. De acordo com Hobsbawn (1995: 68), “a reivindicação básica dos pobres da cidade era pão, e a dos operários entre eles, melhores salários e menos horas de trabalho. A reivindicação básica dos 80% dos russos que viviam da agricultura era, como sempre, terra”, outrossim, todos concordavam que almejavam o fim da participação russa na guerra.

Contudo, ao desmoronamento da monarquia seguiu-se um vácuo revolucionário: de um lado um “governo provisório” impotente, do outro uma profusão de sovietes (conselhos operários) que detinham o poder de fato e exigiam o cumprimento das reivindicações populares. Era apenas o início de um agitado processo que conduziria à Revolução de Outubro de 1917:

Quando os bolcheviques – até então um partido de operários – se viram em maioria nas principais cidades russas, e sobretudo na capital, Petrogrado e Moscou, e depressa ganharam terreno no exército, a existência do Governo provisório tornou-se cada vez mais irreal; em especial quando teve de apelar às forças revolucionárias na capital para derrotar uma tentativa de golpe contra-revolucionário de um general monarquista em agosto. A onda radicalizada de seus seguidores inevitavelmente empurrou os bolcheviques para a tomada do poder. Na verdade, quando chegou a hora, mais que tomado, o poder foi colhido. [...] O Governo Provisório, sem mais ninguém para defendê-lo, simplesmente se esfumou. (HOBSBAWN, 1995: 68-69).

Após o triunfo da Revolução de Outubro, a perspectiva a longo prazo era problemática, mas o novo regime se agüentou. Contra todas as expectativas, a Rússia soviética sobreviveu em meio a um cenário de: ininterrupta crise e catástrofe;

conquista alemã e imposição de paz punitiva em Brest-Litowsk; separações regionais (Polônia, províncias bálticas, Ucrânia, partes do Sul e Oeste da Rússia, Transcaucásia); contra-revolução; uma brutal e caótica Guerra Civil de 1918 a 1920; intervenção armada estrangeira (estadunidenses, franceses, britânicos, poloneses, japoneses, sérvios, gregos e romenos enviaram tropas para o solo russo); fome e colapso econômico. Por conseguinte, uma avaliação crítica de tais circunstâncias indicaria:

Dados e estatísticas econômicas desfavoráveis, mas ainda faltaria acrescentar as epidemias, o desgaste extremo, as crueldades típicas dos processos de guerra civil, os traumas provocados pelo emprego sistemático do *terror – vermelho e branco* –, incontáveis atrocidades, gerando um processo de *brutalização das relações sociais*, caldo de cultura política que oferece o quadro que ajuda a compreender muitos episódios que ainda haveriam de vir. (REIS FILHO, 2003: 71-72 – grifos do autor).

Diante de tais condições, Bakhtin dirigiu-se para a pequena cidade de Nevel, ainda em 1918, após sua formatura na universidade, com o intuito de escapar às privações decorrentes da Guerra Civil e aos fortes invernos de Petrogrado. Para o autor russo, a primeira década pós-revolucionária constituiu um período de longo esforço para conseguir seu sustento, bem como para difundir seus pontos de vista:

A Revolução, não obstante, exerceu grande impacto sobre o desenvolvimento intelectual de Bakhtin. As privações e os deslocamentos vindos na esteira revolucionária e da seqüente partida de Nikolai para fora da Rússia tiraram de Mikhail o tipo de vida que, do contrário, teria levado. Durante dois anos, em Nevel, lecionou no que era de fato um ginásio e trabalhou como cabeça do *presidium* do conselho da escola. Envolveu-se também com um círculo filosófico que, em termos de estimulação e vinculações, preencheu a lacuna deixada pelo irmão. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 64).

A despeito de Nevel não constituir um lugar promissor para ser um centro intelectual, um grupo de intelectuais se reuniu, em 1918, para discutir filosofia, arte, ciência, enfim, para debater idéias³. Assim, na esteira dessas discussões originou-se

³ Conforme Emerson (2003), nessa época a cultura dos círculos de discussão filosófica entre intelectuais era um fato corrente na Rússia.

os fundamentos do pensamento bakhtiniano desenvolvido posteriormente em toda sua complexidade. O círculo de Nevel constituía-se por dois grupos de antigos amigos, como também por alguns indivíduos da região, e abarcava uma multiplicidade de interesses e ocupações profissionais. Um dos grupos de amigos se conheceu no período do ginásio e incluía V. Z. Ruguévitch, engenheiro de origem polonesa; V. N. Volochinov, formado na Faculdade de Direito da Universidade de Petrogrado, interessava-se por filosofia, lingüística e história da música; B. M. Zubákin, cuja personalidade era reconhecida como inconformista, efervescente e aventureira; e Ana S. Reibisova, médica, neta de Rubinstein, possuía um grande interesse por arte, além de tempos depois unir-se em casamento com Ruguévitch.

O segundo grupo de amigos de Nevel abrangia Bakhtin; L. V. Pumpiânski, figura inquieta e inspiradora que o autor russo conheceu na universidade; e Maria V. Iudina, concertista de piano e amiga de ambos. Outro membro marcante do círculo era M. I. Kagan, por ter um doutorado em filosofia na Alemanha, certo número de publicações em alemão e uma vasta diversidade de interesses que abrangia filosofia, matemática, ciências naturais e economia.

Contudo, em busca de um centro cultural mais fecundo, bem como de um melhor abastecimento de provisões, Bakhtin mudou-se para Vitebsk em 1920, logo depois de Pumpiânski, que se transferira para a cidade em fins de 1919. Essa era a cidade natal de Marc Chagall, eternizada em suas pinturas, onde o artista organizou um museu de arte local e criou também a Academia de Arte. A localidade possuía uma cosmopolita vida cultural como conseqüência da fuga de intelectuais dos grandes centros, principalmente Moscou e Petrogrado. Como observa Schnaiderman (1983), o pensador russo:

Viveu, portanto, a fase gloriosa da arte moderna em Vitebsk, a fase da pintura de rua, das experiências arrojadíssimas de Malévich, da tentativa de fundir arte e vida, sempre no sentido de uma obra essencialmente revolucionária. (SCHNAIDERMAN, 1983: 15).

Durante o tempo em que permaneceram na cidade, Bakhtin e Pumpiânski fomentaram um entusiasmado grupo de discussão no conservatório local. Todavia, a principal atividade intelectual promovida por ambos continuava a ser os debates empreendidos pelos remanescentes do antigo círculo de Nevel. Dessa forma, o

círculo de Nevel começou a se fragmentar até que, em 1921, interrompeu o seu funcionamento. Zubákin foi para Smolensk e Ludina retornou a Petrogrado, já Volochinov foi para Vitebsk em 1921. O restante do grupo centrava-se agora em torno de Bakhtin e passou a funcionar em Vitebsk, à medida que novos membros eram admitidos e os antigos vinham fazer visita. Um dos novos membros do círculo em Vitebsk foi I. I. Solertínski, integrante da Seção Cultural do Departamento Provincial de Educação, poliglota que conhecia mais de 25 línguas. O segundo membro destacado a se unir ao grupo foi P. N. Medvedev, formado na Faculdade de Direito da Universidade de Petrogrado, veio para a localidade como reitor da Universidade Proletária, além de ser nomeado chefe da Seção de Teatro e Educação Extramural do Comissariado de Instrução da cidade, convertendo-o num dos líderes da organização cultural local.

Vitebsk desempenhou também um papel relevante na vida pessoal de Bakhtin, pois foi nesta cidade que encontrou sua futura esposa, Elena Aleksandrovna Okolovitch. A jovem trabalhava como funcionária da Biblioteca Pública de Vitebsk com a finalidade de prosseguir no desenvolvimento de seus estudos. A união com Elena Aleksandrovna, em 1921, ocorreu num momento providencial, visto que a saúde de Bakhtin se deteriorara nesse período e ele necessitava de alguém para auxiliá-lo. Na realidade, a osteomielite estendera-se pelo quadril, perna e mão direita, o que impossibilitava o pensador russo de se dedicar às suas atividades normais. Ademais, Bakhtin foi acometido, em 1921, de febre tifóide e uma das complicações da doença requereu uma operação na perna direita. Como consequência dessa operação, o autor russo padecia de inflamações periódicas na articulação do quadril que lhe provocavam dores agudas, obrigando-o a permanecer em repouso. Segundo Clark e Holquist, as dores tinham tamanha intensidade que o autor russo chegou a ministrar suas aulas reclinado num sofá. No entanto, a doença não impediu sua produtividade:

Na verdade, saudou o descanso que a moléstia lhe impusera como uma oportunidade para realizar mais leituras e escrever à vontade. O período que passou em Vitebsk veio a ser, pois, extremamente fecundo não só em termos de suas obras escritas, como na sua atividade de ensino e nas preleções públicas. Foi então que formou seus hábitos de trabalho característicos que se mantiveram durante toda a sua vida. [...] Elaborou livros inteiros a lápis sobre papel grosseiro, numa caligrafia difícil de ser decifrada, consumindo galões

de chá e fumando maço após maço de cigarros. Continuava a trabalhar sobre muitos dos mesmos assuntos e até várias das mesmas obras que o haviam preocupado em Nevel, fatos que constituíram os anos de 1918 a 1924 em período singular na evolução de seu pensamento. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 78-79).

Assim sendo, por meio de referências em revistas e jornais, como também da escassa correspondência de Bakhtin⁴, tornou-se possível termos conhecimento de alguns projetos desenvolvidos no período de 1918 a 1924, a saber: *Arte e responsabilidade*, artigo publicado em 1919 numa revista de Nevel – aliás, o único trabalho que veio a lume nesse período; um livro sobre Dostoiévski, versão da obra publicada sobre o mesmo tema em 1929; uma monografia intitulada *A Estética da Criatividade Verbal*, cujo texto “O Problema do Conteúdo, Material e da Forma na Criação Literária” (1924) provavelmente representa uma parte; um ensaio sobre filosofia moral; um texto a respeito dos diversos modos pelos quais os autores se relacionam com as personagens; outro sobre ética e lei.

A variedade de temas que constituíram objeto da obra bakhtiniana, como demonstram os projetos acima, precisa ser compreendida sob o escopo de uma abordagem que visa perscrutar a realidade humana a partir de uma perspectiva de totalidade, ao invés de reduzi-la a teorias e modelos formais de fragmentos de coisas:

Como se pode perceber, a visão de mundo bakhtiniana, a arquitetônica bakhtiniana (para usar um termo próprio do autor em seus primeiros textos), se estrutura a partir de uma concepção radicalmente social do homem. Trata-se de apreender o homem como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente. (FARACO, 1999: 118).

Em 1924, Bakhtin regressou a Leningrado, ainda que não tivesse encontrado uma posição acadêmica adequada às suas atividades intelectuais. No entanto, a crescente gravidade de sua doença lhe concedia o direito a uma pensão estatal de segunda classe, a qual lhe possibilitou prescindir do trabalho. Ademais, a maioria de seus amigos já havia se transferido para a cidade – Iudina, Pumpiânski,

⁴ O teórico russo notoriamente se recusava a atender telefonemas e somente em raras situações respondia a uma carta (Cf. CLARK; HOLQUIST, 1998, p. 78).

Solertínski, Medvedev e Volochinov – e a maior parte conseguiu lograr êxito em suas carreiras.

Em Leningrado, Bakhtin era quase um desconhecido na maioria dos círculos intelectuais, não possuía quaisquer filiações institucionais, efetuava poucos trabalhos para órgãos oficiais, ministrava um número escasso de aulas e não participava de discussões públicas, enfim, era estimado apenas por um pequeno grupo de amigos devotados e um limitado número de alunos. De acordo com seus biógrafos, “essa experiência contrastava agudamente com a sua situação tanto em Nivel quanto em Vitebsk, onde havia trabalhado para uma larga variedade de instituições governamentais, dado muitas palestras e participado dos debates públicos” (CLARK; HOLQUIST, 1998: 120).

A permanência de Bakhtin em Leningrado constituiu, pois, um período de grande esforço pela sobrevivência, uma vez que sua pensão foi gradualmente reduzida, no decurso das revisões anuais. Não obstante, o pensador russo conseguia somente trabalhos esporádicos e de baixa remuneração, tais como palestras para bibliotecários acerca de livros recém-chegados em suas bibliotecas, além de preleções, conferências e cursos sobre estética, filosofia, literatura e história da cultura para grupos de interessados, em ocasiões privadas.

A despeito das privações materiais e dos problemas de saúde, tal período tornou-se um dos mais produtivos para Bakhtin no que concerne às suas publicações. Entre 1924 e 1929, o autor russo publica trabalhos importantes, quais sejam, *O Método Formal nos Estudos Literários*, *Discurso na Vida e Discurso na Arte*, *Freudismo: uma crítica marxista*, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, *Problemas da Obra de Dostoiévski* – única dessas obras assinada por Bakhtin. A autoria das quatro primeiras obras é, ainda hoje, objeto de discussão e polêmicas, mas trataremos desse assunto posteriormente.

Conquanto não participasse ativamente da vida intelectual pública, o pensador russo desempenhava papel preponderante na versão leningradense do seu círculo intelectual, o qual contava com novos membros, além dos antigos integrantes. O ingresso de novos participantes proporcionou uma ampliação na esfera de interesses intelectuais e profissionais do círculo. Alguns dos novos freqüentadores participavam ocasionalmente, a saber: N. I. Konrad, especialista nas culturas chinesa, japonesa e coreana; Vaguinov, escritor reconhecido; A. A.

Frankóvski, filósofo e tradutor; B. M. Engelhardt, também filósofo. Dentre os participantes regulares do círculo encontravam-se: B. V. Zaliéski, geólogo petrolífero, que em períodos posteriores prestou auxílio a Bakhtin nos momentos de necessidade; Kanaiev, biólogo cuja área de atuação concentrou-se na história da biologia comparativa, foi quem levou o pensador russo a uma preleção acerca das percepções de intervalos de tempo e espaço, ou cronotopos, por dominantes corticais humanas, conceituação essa que Bakhtin adaptaria posteriormente à sua teoria do romance; M. I. Tubiânski, especialista em cultura tibetana, budismo, antiga literatura indiana e bengali, bem como em línguas indianas e mongóis.

O círculo de Bakhtin não consistiu em nenhum sentido uma organização fixa, nem seus membros poderiam ser denominados *discípulos passivos*, uma vez que eram pessoas com grande alcance intelectual, talento invulgar e espírito polêmico:

Constituíam [...] um grupo de amigos que gostava de encontrar-se e debater idéias e que tinham interesses filosóficos em comum. Às vezes reuniam-se todos, porém outras vezes apareciam dois ou três para discutir uma determinada obra particular. Em geral, alguém do grupo preparava uma breve sinopse ou uma resenha de um texto filosófico e lia o trabalho para os outros como base das discussões. [...] De vez em quando, um dos participantes dava uma série de palestras para os demais. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 126).

Dessa forma, a reunião de Bakhtin e seus amigos num círculo filosófico dava-se sobretudo porque eles partilhavam uma perspectiva que considerava a importância do diálogo, do debate, da diversidade e da livre investigação, a despeito de existir uma ascendência intelectual exercida pelo teórico russo sobre os integrantes do círculo. A variedade de interesses intelectuais e profissionais de seus membros instigava cada um deles, em seus diferentes modos, a travar intensas discussões, a compreender ativamente o discurso dos outros, que atuavam em campos intelectuais distintos, de modo a aprender algo, a ampliar seus conhecimentos. Aliás, a partir dessa troca de conhecimentos, o pensador russo pôde elaborar conceitos de crítica literária e filosófica baseados em princípios da fisiologia – *cronotopo* – e da música – *bivocalidade* e *polifonia*.

Entretanto, passados os arrebatadores primeiros anos da Revolução, a livre investigação tornou-se cada vez mais difícil para o círculo de Bakhtin, bem como para os demais intelectuais que assumiam uma posição independente, não oficial, em relação às orientações dogmáticas do Estado soviético, uma vez que com a ascensão de Stalin ao poder em 1927 toda a população russa foi submetida a uma fase de terror e medo permanentes. Era a aplicação como tática instrumental do princípio de guerra total a todos os tempos. Segundo Hobsbawn (1995: 381), “o que deu a esse terror uma desumanidade sem precedentes foi o fato de que não reconhecia limites convencionais nem de qualquer tipo”.

A partir do fim da década de 1920 e início dos anos 1930, houve a realização de expurgos maciços e repetidos que geraram uma série de processos contra intelectuais, membros do Partido Comunista, entre outros. Milhões de pessoas foram presas, enviadas a campos de trabalhos forçados e executadas sem motivo aparente. O período stalinista foi particularmente inflexível e cruel com os intelectuais:

Para a maior parte dos cidadãos soviéticos, a maioria das declarações públicas sobre ideologia e política vindas do alto provavelmente não era absorvida de forma alguma, a menos que tivesse relação direta com os problemas do cotidiano – o que raramente tinha. Só os intelectuais eram obrigados a levá-las a sério numa sociedade construída sobre e em torno de uma ideologia que se dizia racional e “científica”. Contudo, paradoxalmente, o fato mesmo de tais sistemas precisarem de intelectuais, e concederem aos que não discordavam publicamente deles substanciais privilégios e vantagens, criava um espaço social fora do controle do Estado. Só um terror tão implacável quanto o de Stalin poderia silenciar completamente o intelecto não oficial. (HOBSBAWN, 1995: 384).

Foi um tempo difícil para as artes e a cultura em geral. A relativa abertura que prevalecera durante a NEP, gerando um certo pluralismo de escolas e tendências, foi substituída por associações nacionais de intelectuais e artistas rigidamente centralizadas e regidas por uma nova doutrina: o *realismo socialista*. Era preciso criar heróis *positivos*. Os que se opunham, quando não cometiam suicídio (casos célebres de Essenin e Maiakovski), seriam considerados *dissidentes*: presos, deportados, exilados, fuzilados. (REIS FILHO, 2003: 101 – grifos do autor).

Conseqüentemente, em janeiro de 1929, Bakhtin foi preso, vítima desse processo de depuração do meio intelectual soviético, sob diversas acusações,

jamais comprovadas, das quais não temos um conhecimento preciso, mas seus biógrafos conseguiram relacionar algumas:

Uma delas, que veio a ser abandonada, era a de ser membro da Irmandade de São Serafim; outra, a de que uma lista de um futuro governo russo anticomunista, publicada em Paris, incluía o seu nome, juntamente com o de Tarle e Platonov. Havia ainda a acusação de que nas aulas dadas nos cursos pastorais, realizados nos arredores de Leningrado, incorrera no crime socrático de “corromper os jovens”. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 167).

Por conseguinte, Bakhtin passou meses detido entre a Prisão para Detenção Preliminar e vários hospitais, visto que sua saúde se deteriora de modo a gerar mais complicações nas suas pernas. Afinal, foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados em um campo de concentração em Solóvki, na Sibéria. Desde a detenção, a esposa de Bakhtin, Ludina e Kagan empreenderam uma campanha para que o pensador russo fosse libertado, a qual contou com a interseção de Gorki, assim como um pedido de clemência com base em seu estado de saúde também foi por eles reunido, juntamente com uma resenha do proeminente bolchevique Lunatcharsky acerca do livro sobre Dostoiévski. Em virtude de sua precária saúde, a pena de Bakhtin foi comutada pelo exílio na cidade de Kustanai, no Cazaquistão.

Aliás, o ano da prisão de Bakhtin coincidiu com o da publicação do livro *Problemas da Obra de Dostoiévski*, o que impossibilitou o autor russo de participar do diálogo a respeito da repercussão de sua obra. Como bem assinalou Ornellas (1998: 7), “de uma só vez o regime stalinista negou a Bakhtin a liberdade para discutir as críticas acerca de seu livro recém-publicado, o convívio com intelectuais e o acesso às produções científicas e literárias do período”.

Em 1930, Bakhtin e sua esposa chegaram ao local do seu desterro, Kustanai. Embora as condições de vida na cidade fossem árduas e o pensador russo estivesse impedido de ensinar em escolas, devido à acusação de “corrupção de jovens”, Bakhtin sobreviveu a mais um período de privações trabalhando como contabilista, proferindo palestras públicas sobre tópicos de administração e contabilidade, entre outros. Durante toda essa fase, trabalhou também em seus ensaios acerca da teoria do romance, dentre os quais destacamos “O Discurso no

Romance”, “Da Pré-História do Discurso Romanesco” e “Formas de Tempo e de Cronotopo no Romance (Ensaio de Poética Histórica)”.

Dessa forma, em 4 de agosto de 1934, terminava a pena de exílio infligida a Bakhtin. No entanto, em virtude das dificuldades impostas ao retorno dos exilados às grandes cidades, o autor russo permaneceu em Kustanai até que, em 1936, mudou-se para Saransk, com o objetivo de aceitar o convite para lecionar no Instituto Pedagógico da Mordóvia, cuja recomendação ao cargo deveu-se a Medvedev. No Instituto Pedagógico, ministrou aulas de literatura para o curso de Letras, no entanto, quando os efeitos dos expurgos repercutiram entre os quadros da instituição, Bakhtin optou por se demitir, pois queria evitar outro processo de depuração. Assim sendo, foi para Savelovo⁵ em 1937, onde lecionou alemão e russo em escolas, bem como passou a ser convidado a participar de eventos acadêmicos, apesar de sua ficha política.

Os amigos do teórico russo também não passaram impunes pela década de 1930: Vaguinov teve morte natural em 1934; Volochinov morreu de tuberculose em 1936; Medvedev foi preso e fuzilado por volta de 1938; Pumpiânski faleceu em decorrência de um câncer em 1940; Tubiânski foi preso em 1937 e morreu no campo de prisioneiros em 1943; Zubákin também pereceu num campo de prisioneiros por volta de 1937; Ruguévitch foi detido em 1936 e teve a mesma sina de seus companheiros presos. O destino de Bakhtin não fora, assim, tão fatídico, embora suas condições de saúde tivessem se agravado de modo a requerer a amputação de sua perna direita em 1938, o que certamente afetou ainda mais a sua já limitada mobilidade. Diante de tal panorama, Clark e Holquist constatarem que:

[...] por volta do fim da guerra somente Kanaiev, Iudina, Zaliéski e o próprio Bakhtin restavam dentre os componentes de seu antigo círculo. Os infames anos 30 não haviam sido, no fim das contas, tão maus para ele quanto o foram para muitos de seus pares. O destino o enviara a alguns sítios inesperados e atribuía-lhe uma certa variedade de empregos, nenhum deles inteiramente adequado a uma pessoa de uma estatura intelectual como a dele. Mas, ao mesmo tempo, estes foram para Bakhtin anos de grande produtividade intelectual, durante os quais conseguiu redigir dois manuscritos com

⁵ Segundo Clark e Holquist (1998), era uma situação corrente pessoas com antecedentes políticos semelhantes ao de Bakhtin procurarem cidades como Savelovo, próximas ao limite permitido por lei, já que lhes era impedido residir a menos de cem quilômetros de Moscou.

a extensão de livros e pelo menos cinco longos ensaios. Além de tudo, sobreviveu. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 284).

Nesse sentido, habitar Savelovo possibilitou a Bakhtin, nos anos pré-guerra, um período profícuo de produção intelectual, visto que dispunha dos livros necessários aos seus estudos, além de tempo livre para escrever em razão da falta de empregos regulares. Desse modo, o filósofo russo pôde concluir seu livro *O Romance de Educação e sua Importância na História do Realismo*, grande parte eliminado em decorrência de um bombardeio ocorrido na Rússia durante a Segunda Guerra Mundial; desenvolver uma série de ensaios e artigos, tais como “Epos e Romance”, “Rabelais e Gogol”, “A Propósito dos Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas”; como também escrever sua tese de doutoramento, intitulada *Rabelais e a Cultura Popular*.

Com efeito, Bakhtin apresentou sua tese sobre Rabelais ao Instituto Gorki em 1940, mas em razão dos anos de guerra só conseguiu defendê-la em 1946. Tal fato prejudicava a recepção desse trabalho, uma vez que os anos do pós-guerra aliado ao recrudescimento da Guerra Fria puseram fim ao relativo liberalismo cultural da época da guerra, gerando um ambiente de maior controle sobre as atividades intelectuais, obrigadas novamente a se submeter ao limitado dirigismo oficial.

Ora, a tese de Bakhtin nada tinha a ver, de fato, com os dogmas do oficialismo. Desse modo, colocava a banca em situação muito delicada: era impossível negar as muitas qualidades do trabalho, mas, ao mesmo tempo, aprová-lo poderia trazer para os membros da banca pesadas conseqüências. (FARACO, 2006: 78).

Estudar a obra de um escritor ocidental como Rabelais, a cultura popular em sua manifestação corrosivamente não oficial do carnaval, tornava o tema da tese de Bakhtin um assunto politicamente controverso. Assim sendo, sua defesa causou grande polêmica, após muitas discussões e um longo processo de tramitação acadêmica, o Comitê Superior de Confirmação negou-lhe o título de Doutor, concedendo-o somente o de Candidato, em 1952.

Nesse íterim, Bakhtin retornara a Saransk a fim de retomar seu antigo cargo no Instituto Pedagógico, sendo, inclusive, promovido a chefe do Departamento

de Literatura Geral e elevado ao grau de docente, em 1945. Era reconhecido como soberbo orador público e considerado um professor dedicado e estimado pelos alunos. Com referência à atuação do professor Bakhtin, Emerson (2003) assinala:

O testemunho de muitas gerações de estudantes durante a maratona de ensino desses anos em Saransk revela que Bakhtin foi um pedagogo indisciplinado, obstinadamente independente, impaciente com os controles políticos sobre a literatura e perigosamente dedicado a ensinar o texto literário original. (EMERSON, 2003: 84).

Destarte, restava-lhe um pouco de tempo para se dedicar aos seus próprios estudos, o que não o impediu de discutir as relações entre Filosofia e Ciências Humanas no texto “O Problema do Texto em Lingüística, Filologia e Ciências Humanas”. Entretanto, as atividades do pensador russo na cidade não ficaram circunscritas ao Instituto Pedagógico, então alçado à Universidade Ogarev de Mordóvia, em 1957:

Durante anos, conduziu também um seminário sobre estética e história do teatro no Teatro de Mordóvia para Música e Drama, como fizera em Nevel e Vitebsk. Além do mais, ministrava cursos na União dos Escritores de Mordóvia e deu centenas de palestras para funcionários de vários tipos em Saransk, sobretudo para operários fabris, mas também para mestres-escolas e servidores civis. Bakhtin veio a ser extremamente popular mesmo entre os trabalhadores da área de fundições. Conseguia ajustar o tom de suas preleções a qualquer nível. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 341).

Com a ascensão de Khrushchev em meados dos anos 1950, após a morte de Stalin (1953), iniciou-se um processo de reabilitação dos perseguidos. Houve a libertação de diversos prisioneiros e o reconhecimento apropriado de vários intelectuais tidos como mortos ou desaparecidos, os quais foram efetivamente assassinados. Todavia, esse cenário não implicou, para Bakhtin, em nenhuma reparação ao período de obscuridade na esfera nacional, tampouco lhe proporcionou uma recolocação nos grandes centros acadêmicos adequada a alguém com semelhante conjunto de realizações. Aliás, o autor russo não poderia nem sequer ter sua obra reabilitada, visto que ela jamais fora acusada formalmente, nem integrara uma lista negra, apenas era imprudente, politicamente, reportar-se

aos escritos bakhtinianos. De acordo com Clark e Holquist, a principal razão pela qual a posição de Bakhtin não se tornou melhor:

[...] é que ele era uma pessoa insuficientemente agressiva e não se empenhava de modo ativo a obter reparação. Envelhecido e enfermo, com uma perna só, morando longe de Moscou, não estava em condições de conduzir aquela espécie de campanha incansável que seria necessária a fim de conseguir a republicação de seus livros. Bakhtin poderia, apesar de tudo, ter logrado bem mais, não fosse ele tão fleumático e tão singularmente desprovido de ambição, como se evidencia por sua aversão a escrever cartas. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 344).

Nesse sentido, a mentalidade de vítima era totalmente estranha ao pensador russo, como notou Elena Volkova, professora de filosofia da Universidade Estatal de Moscou: “nunca ele passou a mais tênue sugestão de que sua sorte, como ser humano, o impediu de expressar suas idéias” (Volkolva, 1990: 64 *apud* Emerson, 2003: 41). Por outro lado, Bakhtin demonstrara sua indiferença pela busca de notoriedade e ascensão na carreira acadêmica ao rejeitar sempre a promoção ao cargo de professor titular, bem como se tornar membro da União dos Escritores. Ademais, sua saúde e a de sua mulher estavam fragilizadas, a ponto de ele perder a mobilidade de sua outra perna. Tais fatos impediram o teórico russo de se transferir para instituições de ensino mais centrais. Diante disto, Emerson (2003) pondera que:

Bakhtin viveu toda sua vida adulta no período soviético e não cessou de escrever mesmo durante os piores anos. Fosse por temperamento ou por convicção, fosse por caprichos de saúde ou por acidentes de geografia, ele permaneceu não oficial e “do lado de fora”. [...] o fato de Bakhtin ter sido um *outsider* até certo ponto por opção e de preferir ser lembrado mais como sobrevivente do que como vítima. Houve, com certeza, períodos de desespero e amargura, mas tudo indica que ele recusava ver-se comprometido além do reconhecimento ou empurrado para um campo em que a responsabilidade pessoal não mais se aplicasse. (EMERSON, 2003: 158).

Porém, não foram pessoas de sua geração as responsáveis pelo início de um reconhecimento das obras de Bakhtin no cenário internacional, mas um grupo de alunos do Instituto Gorki que se deparou com a obra sobre Dostoiévski e começou a se inteirar acerca dos demais estudos do pensador russo até descobrir que Bakhtin

ainda vivia e entrar em contato com ele. Primeiramente, os jovens V. V. Kojinov, S. G. Bocharov, G. D. Gachev e L. S. Melínkhova propuseram-se levar ao prelo os livros do teórico russo e, em seguida, ofereceram-se para instalar o casal em Moscou. Dessa forma, a partir de 1969 os Bakhtin mudaram-se para os arredores de Moscou com vistas a um melhor atendimento das necessidades médicas do casal. No entanto, a esposa de Bakhtin veio a falecer no fim de 1971, em decorrência de problemas cardíacos.

Entrementes, Kojinov se deparara com muitas dificuldades quando da republicação do livro sobre Dostoiévski, o que o motivou a empreender, por meio de vários artifícios, uma verdadeira campanha em favor da obra. Assim, não fosse o empenho e a astúcia de Kojinov, “mesmo no liberalizado clima pós-Stálin dos anos de Khrushchev, o livro sobre Dostoiévski e, portanto, a maior parte das demais publicações de Bakhtin poderiam jamais ter sido editadas (sic)” (CLARK; HOLQUIST, 1998: 349). Por fim, o livro voltou a lume numa edição revista e reformulada em 1963, com o título então de *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tal fato gerou um ambiente mais propício à publicação das demais obras do filósofo russo, desse modo a tese *A Obra de François Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* logrou sua primeira publicação em 1965. Já as obras *Questões de Literatura e Estética* (1975) e *Estética da Criação Verbal* (1979) foram editadas postumamente, a partir de escritos deixados pelo pensador russo (a maioria em forma de rascunhos).

Somente no fim da vida, Bakhtin desfrutava, afinal, do reconhecimento e respeito que merecia e sua obra começava a conquistar grande repercussão internacional. Embora aposentado desde 1961, o pensador russo não interrompera sua atividade intelectual, acompanhava as revistas soviéticas *Questões de Literatura*, *Literatura Estrangeira*, *Ciência e Vida* e o jornal *Pravda*, como também iniciou novos projetos de estudos e revisou outros mais antigos. Contudo, em meados de 1974, o estado de saúde de pensador russo agravara-se de modo a impedi-lo de trabalhar. Bakhtin faleceu em março de 1975.

1.2 Obstáculos Iniciais ao Estudo da Obra Bakhtiniana

O conhecimento da biografia de Bakhtin torna-se essencial para compreendermos os desdobramentos e percalços submetidos à sua obra. Primeiramente, podemos perceber que o filósofo russo Mikhail Bakhtin teve uma vida de intensa atividade intelectual, a qual o alçou à condição de um dos pensadores mais fecundos e originais do século XX, embora permanecesse alijado dos círculos acadêmicos prestigiados e não desfrutasse de uma carreira acadêmica influente. Aliás, durante toda sua vida, o teórico russo demonstrou certo desdém por cargos e posições que lhe proporcionassem renome ou notoriedade. A esse respeito Tezza (2003) declara:

Não há absolutamente nada em Bakhtin que lembre a clássica figura do intelectual produzindo sossegadamente suas obras, uma depois das outras, uma comentando as outras e sendo comentada por outros pensadores, todos sendo entrevistados nos jornais de prestígio, escrevendo artigos, dando aulas em universidades, aposentando-se com homenagens e merecendo retrospectos esclarecedores. Nada disso: Bakhtin é um *outsider* do pensamento do século XX em praticamente todos os aspectos [...]. (TEZZA, 2003: 48).

Concomitante ao fato de a obra bakhtiniana constituir-se de modo inovador, multifacetado e fecundo, compreendê-la também é uma tarefa complexa, difícil e trabalhosa, como menciona Fiorin (2006):

Várias são as razões que tornam sua leitura árdua e trabalhosa. Em primeiro lugar, sua maneira de escrever. Diante de duas tradições do pensamento filosófico, uma, que vê a realidade como unidade, homogeneidade, estabilidade, acabamento, monologismo, e outra, que a considera diversidade, heterogeneidade, vir a ser, inacabamento, dialogismo, Bakhtin filia-se à segunda. A composição de seus textos reflete essa maneira de apreender os fenômenos. Bakhtin não elaborou uma obra didática, pronta para ser ensinada na escola. Não há nela uma teoria facilmente aplicável nem uma metodologia acabada [...]. Ao contrário, sua obra vai examinando progressivamente conceitos. Ela é marcada por um inacabamento, um vir a ser, uma heterogeneidade, que tornam muito complexa a apreensão de seu pensamento. Muitos de seus textos são

inacabados no sentido literal do termo, pois eram manuscritos ainda não concluídos, eram rascunhos. (FIORIN, 2006: 11-12).

Esse traço de heterogeneidade, inacabamento, vir a ser do pensamento bakhtiniano antes de constituir um problema, é o resultado do comprometimento das análises do teórico russo com o processo e a dinâmica da compreensão, trataremos posteriormente desse tema na seção sobre a categoria da enunciação. Aliás, o próprio Bakhtin indicou a dificuldade advinda da relação entre o inacabamento interior e exterior de seu pensamento, num texto de arquivo intitulado “Apontamentos de 1970-1971”:

A unidade de uma idéia em processo de formação e de desenvolvimento acarreta certo inacabamento interno de meu pensamento. Não gostaria entretanto de converter um defeito em virtude. Em meus trabalhos, há muito inacabamento externo, um inacabamento que se deve menos ao próprio pensamento do que ao modo de expressão e de exposição. Às vezes é difícil separar estes dois aspectos. [...] Meu fraco pela variação e pela variedade terminológica que abrange um único e mesmo fenômeno. As variedades das sínteses. Aproximações remotas sem indicações dos elos intermediários. (BAKHTIN, 2000: 397).

Quanto à aparente falta de unidade da obra bakhtiniana, salientamos que a diversidade de temas abordados pelo pensador russo no decorrer de sua obra, ainda que se relacionem às várias disciplinas (filosofia da linguagem, lingüística, estética, psicologia, epistemologia), estão articulados por uma perspectiva que visa compreender o homem no conjunto de suas relações sociais e, por conseqüência, tem como reflexão central “uma concepção de linguagem que toma como essencial sua realidade dialógica” (FARACO, 1988: 23).

De acordo com Faraco (2001: 35), Bakhtin se autodesignava como um *pensador*, afirmação essa presente numa entrevista a Viktor Duvakin em 1974. A palavra russa *myslitel'* (pensador) tem uma ressonância específica na cultura acadêmica russa, isto é, um pensador pode ser mais livre e eclético no trânsito entre as disciplinas, não é um homem de ciência, no sentido positivista do termo. Logo, o teórico russo usufruiu dessa liberdade no percurso dos diversos temas abordados em sua obra.

Ademais, outro dado que contribui para a dificuldade de apreensão da teoria bakhtiniana constitui a forma como as obras foram publicadas na Rússia e, posteriormente, no Ocidente. Esse tema desdobra-se em dois problemas, quais sejam, o primeiro consiste na discrepância entre data de produção e de publicação dos estudos de Bakhtin, o segundo problema é a questão da autoria de determinadas obras atribuídas ao pensador russo, mas publicadas em nome de outros autores, membros de seu círculo filosófico.

No que concerne à seqüência de publicação da obra bakhtiniana, o problema reside no fato de que ela não veio a lume na ordem em que foi escrita. Em razão das diversas dificuldades enfrentadas pelo autor russo no decorrer de sua vida, mencionadas na seção anterior, produziu-se um hiato entre o ano em que as obras foram escritas e a data de sua publicação, o que afetou a recepção dos trabalhos e a compreensão do sentido do desenvolvimento da teoria bakhtiniana não só entre os seus contemporâneos, mas também entre os seus posteriores estudiosos.

Dessa forma, baseados nas “Notas Bibliográficas” constantes em Faraco (1988), apresentaremos nas tabelas abaixo as principais obras de pensador russo, em ordem cronológica e divididas em três grupos, relativos aos nomes constantes quando de sua publicação original. Faremos também referência ao título, local e data da publicação original em russo, bem como aos dados de sua correspondente tradução para língua portuguesa e outros idiomas:

Principais obras publicadas por M. M. Bakhtin				
<i>Título original em russo</i>	<i>Local e data da primeira publicação na Rússia</i>	<i>Título da edição publicada em língua portuguesa</i>	<i>Dados referentes à publicação da primeira edição em língua portuguesa</i>	<i>Títulos de publicações em outros idiomas</i>
<i>Problemy tvorchestva Dostoevskogo</i>	Leningrado, 1929	-	Partes dessa obra não aparecem na edição revisada e reformulada de 1963, a qual foi publicada no Brasil.	-

<i>Título original em russo</i>	<i>Local e data da primeira publicação na Rússia</i>	<i>Título da edição publicada em língua portuguesa</i>	<i>Dados referentes à publicação da primeira edição em língua portuguesa</i>	<i>Títulos de publicações em outros idiomas</i>
<i>Tvorchestvo Fransua Rable i narodnaja Kul'tura Srednevekovija i Renessansa</i>	Moscou, 1965 (Publicação da tese de doutoramento escrita em 1940 e defendida no Instituto Gorki de Literatura Universal em 1946)	<i>A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais</i>	São Paulo: Hucitec; Brasília: EDUNB, 1987	Trad. franc.: <i>L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance</i> Trad. ing.: <i>Rabelais and his world.</i>
<i>Problemy poetiki Dostoevskogo</i>	Moscou, 1963 (Edição ampliada e revisada da obra de 1929)	<i>Problemas da Poética de Dostoiévski</i>	Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981	Trad. franc.: <i>Problèmes de la poétique de Dostoievski</i> Trad. ing.: <i>Problems of Dostoievsky's poetics</i>
<i>Voprosy literatury i estetiki</i>	Moscou, 1975 (Reúne textos escritos no período de 1924 a 1941)	<i>Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance</i>	São Paulo: Unesp; Hucitec, 1988	Trad. franc.: <i>Esthétique et théorie du roman</i> Trad. ing.: partes em <i>The dialogic imagination</i> , partes em <i>The architectonics of answerability</i>
<i>Estetika slovesnogo tvorcestva</i>	Moscou, 1979 (Reúne textos escritos no período de 1919 a 1974)	<i>Estética da Criação Verbal</i>	São Paulo: Martins Fontes, 1992	Trad. franc.: <i>Esthétique de la création verbale</i>

Principais obras publicadas por V. N. Volochinov				
<i>Título original em russo</i>	<i>Local e data da primeira publicação na Rússia</i>	<i>Título da edição publicada em língua portuguesa</i>	<i>Dados referentes à publicação da primeira edição em língua portuguesa</i>	<i>Títulos de publicações em outros idiomas</i>
<i>Frejdizm: Kriticheskii ocherk</i>	Moscou-Leningrado, 1927	O <i>Freudismo</i> : um esboço crítico	São Paulo: Perspectiva, 2001 (A tradução em língua portuguesa atribuiu a obra a Bakhtin)	Trad. franc.: <i>Le freudisme</i> Trad. ing.: <i>Freudianism</i>
<i>Marksizm i filosofiia iazyka: osnovnye problemy sotsiologicheskogo metoda v nauke o iazyke</i>	Leningrado, 1929	<i>Marxismo e Filosofia da Linguagem</i> : problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem	São Paulo: Hucitec, 1979 (A tradução em língua portuguesa atribuiu a obra a Bakhtin e Volochinov)	Trad. franc.: <i>Le marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique</i> Trad. ing.: <i>Marxism and the philosophy of language</i>

Principal obra publicada por P. N. Medvedev				
<i>Título original em russo</i>	<i>Local e data da primeira publicação na Rússia</i>	<i>Título da edição publicada em língua portuguesa</i>	<i>Dados referentes à publicação da primeira edição em língua portuguesa</i>	<i>Títulos de publicações em outros idiomas</i>
<i>Formal'nyi metod v literaturovedenii (Kriticheskoe vvedenie v sotsiologicheskuiu poetiku)</i>	Leningrado, 1928	-	Ainda não há a tradução desse livro para a língua portuguesa.	Trad. ing.: <i>The formal method of literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics</i> Trad. ital.: <i>Il método formale nella scienza della letteratura</i>

Bakhtin deixou também diversos manuscritos em seu arquivo pessoal, alguns permaneceram, inclusive, inacabados, entretanto tais textos começaram a ser publicados a partir de 1979. Logo, até hoje os estudiosos da obra bakhtiniana não conhecem tudo o que o pensador russo realmente escreveu⁶. Não obstante, há ainda a questão acerca da vida plurilíngüe dessa obra, isto é, das variantes terminológicas empregadas nas traduções⁷ dos livros. No que tange à nossa pesquisa, esse fato ocorrerá com o binômio *enunciação/enunciado* traduções de uma única palavra russa – abordaremos esse tema posteriormente ao tratarmos da categoria da enunciação.

No que se refere ao problema da autoria, as obras assinadas por Volochinov e Medvedev, além de alguns artigos de ambos, foram atribuídos a Bakhtin, no início da década de 1970, a partir de uma afirmação surpreendente do lingüista russo V. V. Ivanov⁸. Diversas foram as razões expostas para o pensador russo não assinar tais livros, alguns estudiosos alegaram que esse procedimento deveu-se a razões políticas, outros que se tratava da discussão sobre o dialogismo conduzida até os limites da autoria, entre outras. Contudo, tal polêmica permanece longe de seu desfecho, visto que ainda não há a descoberta de fatos que elucidem o que realmente ocorreu, persistindo as perguntas: como, quando, onde, por que, em quais circunstâncias, com ou sem colaboração, com que espécie de acordo, etc.

Assim sendo, o debate acabou por dividir a recepção dos textos disputados em três posições:

- a) aqueles que respeitam as assinaturas das edições originais e, portanto, admitem como de autoria do próprio Bakhtin somente os textos publicados com o seu nome ou encontrados em seus arquivos;
- b) os que consideram Bakhtin autor de todos os livros disputados;

⁶ Segundo Emerson (2003: 80), encontra-se em processo de publicação na Rússia as obras completas de Bakhtin, em sete volumes, com o título *M. M. Bakhtin: Sobranie sochinenii*, sob a responsabilidade editorial de Bocharov com comentários e textologia atualizados.

⁷ Souza (2002a) trata da vida plurilíngüe da obra bakhtiniana em sua tese de doutoramento, chegando a constatar o desaparecimento de algumas categorias em certas traduções, como também a discutir as implicações desse problema para a compreensão do todo do pensamento de Bakhtin e de seu Círculo.

⁸ Ivanov transmitiu, pessoalmente, essa versão de que as obras assinadas por membros do círculo de Bakhtin seriam, na realidade, de autoria deste, a Boris Schnaiderman em 1972. (Cf. Schnaiderman, 1983: 10).

c) há aqueles que adotam a solução de incluir os dois nomes na autoria dos livros, visto que não julgam essa questão elucidada. Dessa forma, *O freudismo e Marxismo e filosofia da linguagem* são atribuídos a Bakhtin/Volochinov, enquanto que *O método formal nos estudos literários* é considerado de Bakhtin/Medvedev.

De acordo com os biógrafos Clark e Holquist, a chave dos textos disputados encontra-se no uso dos cadernos de anotações:

Não só Bakhtin, como vários membros do seu grupo utilizavam essa forma de composição. As pessoas que entravam em contato com Bakhtin e ficavam impressionadas com suas concepções em geral mantinham notas do que ele dizia, como Miedviédiev e Volochinov sem dúvida o fizeram. O material que Bakhtin, por sua vez, registrava em seus cadernos amiúde era estimulado por discussões travadas por ele com outros integrantes de seu círculo. Parece então altamente provável que o conteúdo dos textos disputados tenha sido elaborado a partir dos cadernos de anotações seja de Bakhtin, seja de Miedviédiev ou, ainda, de Volochinov. (CLARK; HOLQUIST, 1998: 175).

Nesta pesquisa, adotaremos a terceira posição por avaliarmos que as investigações historiográficas ainda não apresentaram respostas que esclarecessem a polêmica da autoria. Aliás, concordamos com a argumentação de Brait (1998: 171), segundo a qual “a discussão sobre os autores empíricos não leva a nenhuma conclusão, na medida em que não há documentos que comprovem ser a obra só de Bakhtin, só de Voloshinov [só de Medvedev] ou partes de um e partes de outro”.

No entanto, consideramos necessário esclarecer que as questões acerca da publicação, tradução, autoria dos textos disputados e multiplicidade de temas abordados por Bakhtin não devem se tornar um pretexto para leituras apressadas e interpretações equivocadas da obra bakhtiniana, nem impedir sua leitura, uma vez que tais problemas tornam-se senão solucionados, ao menos aclarados por meio do estudo do todo da obra, além de já serem amplamente discutidos entre os estudiosos da teoria bakhtiniana.

Nesse sentido, julgamos que a principal dificuldade ao estudo dessa teoria nem sequer reside nos problemas precedentes, pois ela consiste na forma

como opera o pensamento bakhtiniano, a qual se funda na impossibilidade de se pensar o ser sem o outro, isto é, fora de suas relações sociais. Bakhtin compreende que as Ciências Humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, mas sim ao homem em sua especificidade. Como observa o autor russo:

O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que seja potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc.). (BAKHTIN, 2000: 334).

Quando se trata do homem em sua existência (em seu trabalho, em sua luta, etc.), será possível encontrar uma abordagem diferente daquela que consiste em passar pelos textos de signos que ele criou ou cria? Será possível observá-lo e estudá-lo enquanto fenômeno natural, enquanto coisa? (BAKHTIN, 2000: 341).

Bakhtin entende que o texto é um dado primário nas Ciências Humanas, contudo, esclarecemos que o pensador russo utiliza aqui a palavra *texto* no sentido lato do termo, a saber, como qualquer conjunto coerente de signos, seja ele expresso de forma oral ou escrita. Vale assinalarmos também que o autor russo não defende a autonomização da linguagem em relação ao ser humano e suas relações sociais, mas tão somente indica que estudar o ser humano enquanto sujeito implica, necessariamente, considerar a linguagem como expressão da vida real, como elemento presente nas mais diversas esferas da atividade humana.

Assim sendo, a questão do restabelecimento, da transmissão e da interpretação das palavras de outrem surge relacionada ao conteúdo objetivo das próprias Ciências Humanas⁹. Portanto, nesta ciência há uma relação de sujeito/sujeito e o estudo torna-se interrogação, inter-relação e interação, conseqüentemente o conhecimento que se tem do ser humano só pode ser dialógico¹⁰.

⁹ Na realidade, as Ciências Naturais e Exatas mantêm uma relação com a palavra do outro no desenrolar do trabalho científico (com o trabalho dos predecessores, os julgamentos dos críticos, as polêmicas, as referências e citações, etc.), todavia essa relação permanece no processo do trabalho e não se refere ao conteúdo objetivo da própria ciência, em cuja composição o sujeito que fala e sua palavra não entram. (Cf. Bakhtin, 1998: 150).

¹⁰ Ressaltamos que discutiremos os fundamentos da categoria do dialogismo em uma seção posterior.

Tal forma de pensamento contrapõe-se aos paradigmas hegemônicos nas Ciências Humanas, os quais na busca de um estatuto de cientificidade semelhante ao das Ciências Naturais, edificaram-se sustentados por dois pressupostos do pensamento moderno, quais sejam, o axioma do indivíduo e a dicotomia sujeito/objeto. Desse modo, esses paradigmas impuseram seus sistemas e métodos a ponto de coisificar o homem, homogeneizar o real e fragmentar a realidade humana. O pesquisador Faraco (2001) projeta Bakhtin numa linhagem de pensamento que visa justamente se contrapor a tais paradigmas:

Trata-se de uma visão de mundo que vai assumir como pedra angular a *intersubjetividade*, isto é, a impossibilidade de pensar o ser fora das relações com o outro; e, em consequência, vai pôr em xeque a precedência do indivíduo e vai explorar caminhos alternativos à polarização subjetivismo/objetivismo nos mais diversos campos da atividade intelectual. (FARACO, 2001: 35 – grifos do autor).

Nesse sentido, aplica-se à teoria bakhtiniana, *mutatis mutantis*, as observações que o próprio Bakhtin teceu acerca da originalidade da forma artística de Dostoiévski, a saber: “Sem entender a nova forma de visão, é impossível entender corretamente aquilo que pela primeira vez foi percebido e descoberto na vida com o auxílio dessa forma” (BAKHTIN, 1997: 45). Por conseguinte, salientamos que compreender a complexidade do pensamento bakhtiniano, como abordou Faraco (1988: 30), implica conceber “o homem visto como realidade social não porque se agrupa em sociedade, mas porque é necessariamente incompreensível fora do social”, demanda perceber que o social nos é tão intensamente constitutivo que em nossa voz se faz presente a voz do outro e requer, ainda, que se considere o homem em sua processualidade histórica, portanto, no conjunto de suas relações sociais.

2 A GRANDE TEMPORALIDADE: A ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA

2.1 Crítica às Duas Principais Orientações do Pensamento Filosófico-Lingüístico

Para apreendermos os fundamentos da filosofia da linguagem bakhtiniana, condição imprescindível para o estabelecimento de uma compreensão ativa das categorias da enunciação e do dialogismo, faz-se necessário considerarmos que tal filosofia se constituiu a partir de uma crítica rigorosa a outras teorias da linguagem, visto que o Bakhtin indagou-se sobre quais seriam as soluções que a filosofia da linguagem e a lingüística geral já propuseram para o problema do estudo específico da linguagem¹¹. Tal crítica será objeto de estudo nesta seção.

Primeiramente, ao avaliar qualquer concepção teórica, o pensador russo sempre tem o cuidado de distinguir sua eficiência e importância, sua coerência interna e capacidade de influenciar produtivamente outras idéias, além de nunca obliterar a dimensão histórica de uma teoria. Assim sendo, a partir de seus estudos sobre a linguagem, Bakhtin observa que há duas orientações principais presentes na filosofia da linguagem e nas divisões metodológicas equivalentes da lingüística geral, às quais atribui a denominação de “subjetivismo idealista” e “objetivismo abstrato”. Tais posições constituem antíteses uma da outra e encontram-se sintetizadas a seguir.

O teórico russo compreende que o subjetivismo idealista constitui uma tendência cujo foco está no ato da fala¹², no ato de criação individual, como base de toda atividade da linguagem, portanto, da língua. O psiquismo individual é identificado como a fonte da língua. Dessa forma, explicar o fenômeno lingüístico

¹¹ Para tanto, esclarecemos que Bakhtin não teve a pretensão de realizar um histórico completo dessa questão, mas tão somente objetivou efetuar uma análise geral das linhas mestras, em seu tempo, do pensamento filosófico-lingüístico acerca da linguagem. (Cf. BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 71, ss.).

¹² Compreendido por tal perspectiva como um ato de expressão do indivíduo.

significa limitá-lo a um ato significativo de criação individual, sendo que as leis da criação lingüística orientam-se pelas leis da psicologia individual. Bakhtin sintetiza abaixo as posições fundamentais dessa tendência:

1. *A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.*
2. *As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual.*
3. *A criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.*
4. *A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 72,73 – grifos do autor).*

Os princípios do subjetivismo idealista relacionam-se com Romantismo e suas tentativas de reorganizar a reflexão lingüística sobre a base da atividade mental em língua materna. Um dos mais notórios representantes dessa orientação foi Wilhelm Humboldt, cujas idéias estabeleceram os fundamentos do subjetivismo idealista. Contemporaneamente às análises bakhtinianas, a escola de Vossler contribuiu para a ampliação e difusão dessa primeira tendência.

No que se refere à segunda orientação do pensamento filosófico-lingüístico, o objetivismo abstrato, o pensador russo nos esclarece que o sistema lingüístico, ou seja, o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua, constitui o centro organizador de todos os fatos da língua. Assim, procura-se nas enunciações os elementos idênticos, que são normativos para todas as enunciações (relativas a um dado grupo de locutores). Logo, são as características reiteráveis e normativas que garantem a unicidade de uma dada língua, como também seu entendimento por todos os locutores de determinada comunidade lingüística.

De acordo com o objetivismo abstrato, as leis que regem o sistema interno da língua constituem-se como puramente imanentes e específicas a ele, fazendo da língua um sistema estruturado que segue leis lingüísticas específicas. Tais leis lingüísticas não podem derivar da consciência individual, uma vez que o indivíduo recebe da comunidade lingüística um sistema já estabelecido e, do seu

ponto de vista, essas leis são arbitrárias, ou seja, desprovidas de uma justificção natural ou ideológica. Bakhtin resume também os princípios essenciais da segunda orientação:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas lingüísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.
3. As ligações lingüísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos lingüísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. *Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si.* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 82,83 – grifos do autor).

O teórico russo identifica as raízes do objetivismo abstrato com o racionalismo dos séculos XVII e XVIII. No período contemporâneo a suas pesquisas, a escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, apresentou-se como a mais ilustre expressão dessa segunda orientação.

Não obstante, quais são as críticas de Bakhtin a cada uma das duas principais orientações do pensamento lingüístico?

No que concerne ao subjetivismo idealista, o pensador russo avalia que essa tendência se funda sobre a enunciação monológica, uma vez que considera a enunciação como um ato genuinamente individual, como uma expressão da consciência individual. Aliás, Bakhtin critica a teoria da expressão subjacente ao subjetivismo idealista e julga que essa deve ser totalmente rejeitada por desconsiderar que a organização de toda enunciação, de qualquer expressão, encontra-se no meio social que envolve o indivíduo e não em seu interior:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 121).

Segundo Bakhtin, a primeira tendência do pensamento filosófico-lingüístico tem razão em afirmar que não é possível isolar uma forma lingüística do seu conteúdo ideológico, o que implica atentar para o fato de que toda a palavra é ideológica. Todavia, comete um erro ao julgar que o conteúdo ideológico da palavra possa ser depreendido das condições do psiquismo individual.

O subjetivismo idealista está igualmente correto em defender as enunciações, ainda que isoladas, como a substância real da língua, mas se equivoca quando ignora e não compreende a natureza social da enunciação, ao procurar deduzi-la do mundo interior do locutor. “A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza *socia*l” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 122 – grifos do autor). Desde a elaboração estilística da enunciação até a própria cadeia verbal e, em última análise, a realidade da língua, cada elo dessa cadeia é social.

Com relação ao objetivismo abstrato, Bakhtin assevera que não é em direção aos elementos normativos e estáveis do discurso¹³ que o indivíduo dirige a compreensão de sua língua, pois o locutor a utiliza para atender a suas necessidades enunciativas concretas, adequadas às condições de uma situação social dada. Nesse sentido, “o sistema lingüístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 92).

Assim sendo, a reflexão lingüística de caráter formal-sistemático da segunda orientação tratou a língua viva¹⁴ como algo acabado ou, por assim dizer, estagnado, retirando-a do fluxo da comunicação verbal, posição essa que Bakhtin reputa conservadora e acadêmica, a qual implica uma atitude hostil em relação às

¹³ O pensador russo compreende que o discurso se forma sempre ao modo da enunciação pertencente a um sujeito falante e que não pode existir sem esse modo (Cf. BAKHTIN, 2000: 293).

¹⁴ Julgamos necessário esclarecer que o termo “língua viva” é empregado por Bakhtin para se referir às características historicamente real, concreta e dinâmica da língua, resultantes justamente de sua vinculação com os sujeitos reais que a utilizam e a realidade existente. Portanto, esse termo não é utilizado para indicar a língua como preexistente ao ser ou autonomizá-la em relação ao homem.

inovações lingüísticas, bem como se torna inconciliável com uma perspectiva histórica e concreta da língua. Aliás, o autor salienta que o objetivismo abstrato não resolve corretamente o problema da realidade dos fenômenos lingüísticos como objeto de estudo específico e único:

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 108).

O teórico russo considera que outro problema dessa segunda tendência consiste no predomínio do abstrato sobre o concreto, posto que ao eleger as formas lingüísticas abstratas, ou seja, as enunciações monológicas fechadas, como o centro organizador dos fatos da língua, o objetivismo abstrato separa a palavra de toda evolução histórica concreta e oblitera que a concretização da palavra só se verifica com a sua inserção no contexto histórico real de sua ocorrência primitiva. Desse modo, há uma reificação da forma lingüística isolada que substitui o todo dinâmico da fala, da enunciação:

A enunciação como um todo não existe para a lingüística. Conseqüentemente, apenas subsistem os elementos do sistema, isto é, as formas lingüísticas isoladas. [...]. Assim, a história da língua torna-se a história das formas lingüísticas separadas (fonética, morfologia, etc.) que se desenvolvem independentemente do sistema como um todo e sem qualquer referência à enunciação concreta. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 105).

Segundo Bakhtin, o sistema de formas nos afasta da realidade evolutiva e concreta da língua e de suas funções sociais. Enfim, na origem dos fundamentos teóricos do objetivismo abstrato estão os princípios de uma visão de mundo racionalista desfavorável a uma compreensão correta da história. Ora, tal concepção é contrastante ao enfoque bakhtiniano da língua como um fenômeno essencialmente histórico.

Por fim, o principal aspecto das críticas de Bakhtin às duas tendências do pensamento filosófico-lingüístico reside na incapacidade de compreender ou querer confrontar-se com a realidade histórica, social e concreta da enunciação. Nesse sentido, partilhamos da concepção defendida por Faraco (1999):

Para Bakhtin, o que constitui a realidade fundamental da linguagem é essa atividade sóciossemiótica – que se dá não entre indivíduos isolados que apenas atualizariam um sistema objetivo ou apenas expressariam uma subjetividade dada *a priori*, mas entre indivíduos socialmente organizados, isto é, constituídos e imersos nas relações sociais historicamente dadas e das quais participam de forma ativa e responsiva. (FARACO, 1999: 121).

Assim sendo, ao negar tanto a tese como a antítese, Bakhtin promoverá uma síntese dialética para formular seu próprio ponto de vista a respeito da natureza da linguagem, como ele próprio nos indica no excerto a seguir:

Acreditamos que aqui como em qualquer lugar a verdade não se encontra exatamente no meio, num compromisso entre a tese e a antítese; a verdade encontra-se além, mais longe, manifesta uma idêntica recusa tanto da tese como da antítese, e constitui uma síntese dialética. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 109).

Dessa forma, concordamos com a asserção de Souza (2002a), segundo a qual a questão primordial da teoria bakhtiniana não reside na originalidade terminológica empregada por Bakhtin:

A grande idéia de Bakhtin e seu Círculo é o ângulo sob o qual eles vão, com o uso da mesma terminologia de linguagem, construir o espaço, o tempo e o sentido de seu próprio pensamento: a sua concepção de linguagem, da obra verbal (enunciado concreto) e dos gêneros discursivos, principalmente pelo estudo da palavra na palavra (discurso no discurso, enunciado no enunciado). (SOUZA, 2002a: 29).

O pensador russo articula, então, sua concepção acerca da filosofia da linguagem a partir das seguintes proposições:

- a) a língua como sistema de formas normativas, estáveis e idênticas é uma abstração científica que serve a certos fins científicos e práticos específicos, uma vez que tal abstração não encerra a realidade concreta da língua;
- b) a língua consiste num processo de evolução ininterrupto, que ocorre por meio da interação verbal social dos locutores;
- c) as leis da evolução lingüística são, em essência, leis sociológicas e não podem permanecer separadas da atividade dos falantes;
- d) a criatividade da língua deve ser compreendida em relação aos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam;
- e) a estrutura da enunciação é genuinamente social, pois a enunciação ocorre apenas entre falantes.

Discutiremos, na próxima seção, os fundamentos dessa filosofia da linguagem.

2.2 Princípios Articuladores da Filosofia da Linguagem Bakhtiniana

No prólogo do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (publicado originalmente em 1929), Bakhtin/Volochinov ao anunciar a importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo em seu conjunto, afirma a inexistência, até então, de análises marxistas no domínio específico da filosofia da linguagem. Entretanto, o pensador russo observa que “*os problemas da filosofia da linguagem situam-se no ponto de convergência de uma série de domínios essenciais para a concepção marxista do mundo*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 26 – grifos do autor). Como o próprio autor pôde constatar, a filosofia burguesa contemporânea se desenvolve sob o *signo da palavra* – é também nessa esfera e em sua situação no sistema que se realiza uma “luta inflamada”.

De acordo com o teórico russo, para compreendermos, primeiramente, a relação estreita entre os problemas de filosofia da linguagem e as bases de uma teoria marxista da criação ideológica¹⁵ (ou seja, as das investigações sobre o conhecimento científico, a literatura, a religião, a moral, etc.), é preciso perceber que os fenômenos naturais, os instrumentos de produção e os artigos de consumo fazem parte da realidade e podem também refletir e refratar uma outra realidade – ideológica – que lhes é exterior e extrapola suas particularidades, ou seja, podem assumir um significado e remeter a algo fora de si mesmo. “Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 31 – grifos do autor).

O domínio do ideológico e o do signo são reciprocamente correlativos. “Tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988:

¹⁵ O estudo das ideologias constituiu uma das questões centrais das análises empreendidas por Bakhtin/Volochinov, contudo o conceito de ideologia operacionalizado em tais estudos não se identifica com a acepção que esse termo adquiriu na tradição marxista. É evidente que o pensador russo conhecia os diversos sentidos deste conceito. Não obstante, compreende por ideologia, como ponderou Miotello (2005: 176), “o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”. É a partir de tal perspectiva que poderemos tratar, então, do modo de pensar e de ser de uma determinada classe social, de sua linha ideológica expressa em diferentes formas de consciência social: filosofia, política, direito, moral, arte, religião.

32). Assim, todo signo se sujeita aos critérios de avaliação ideológica, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, etc. Como cada campo de criatividade ideológica (o jurídico, o religioso, o científico, o estético, entre outros) possui sua própria função no conjunto da vida social, revelando diferenças profundas entre eles, é devido ao seu caráter semiótico que todos esses fenômenos ideológicos se apresentam sob uma definição comum.

O signo ideológico não se reduz a um mero reflexo da realidade, ele também é uma parte material dessa realidade (seja como som, como massa física, como cor, etc.). Aliás, o signo é um fenômeno do mundo exterior cuja realidade é totalmente objetiva. A esse respeito, Bakhtin afirma:

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 36).

Dessa forma, para Bakhtin, se observarmos a linguagem, notaremos que a palavra se caracteriza como um fenômeno ideológico por excelência, uma vez que pode atuar em qualquer espécie de função ideológica, seja ela estética, científica, moral, religiosa. É necessariamente na palavra, por ser um modo genuíno, indicativo e sensível de relação social, que melhor se manifestam as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica:

Cada domínio [da criação ideológica] possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 36-37).

O pensador russo aponta para uma outra propriedade significativa da palavra, a saber, o seu papel como *material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interior). Devido ao fato de a consciência necessitar, para o seu desenvolvimento, de um material flexível e que possa ser difundido pelo corpo, a

palavra constitui um instrumento excelente para o atendimento dessa precisão, pois além de resultar de um consenso entre indivíduos socialmente organizados, é produzida pelos próprios meios do organismo individual, podendo funcionar como signo interior, sem expressão externa. Esse papel de instrumento da consciência faz com que a palavra atue também como um elemento fundamental que segue e interpreta todo e qualquer ato e criação ideológicos.

O discurso interior participa dos processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma música, um ritual, por exemplo). A consciência possui, então, a capacidade de abordar verbalmente um signo cultural e torná-lo parte da unidade dessa *consciência verbalmente constituída*, o que faz com que nenhum signo esteja isolado:

Toda *refração ideológica do ser em processo de formação*, seja qual for a natureza de seu material significante, é *acompanhada de uma refração ideológica verbal*, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 38 – grifos do autor).

Outrossim, há a *comunicação na vida cotidiana* que, por um lado, se vincula diretamente aos processos de produção e, por outro, se relaciona aos domínios das diversas ideologias especializadas e formalizadas, constituindo uma rica e importante parte da comunicação ideológica. No que concerne à comunicação na vida cotidiana, por ora, salientamos que seu material privilegiado é a palavra, esfera em que se estabelecem a conversação e suas formas discursivas.

Por conseguinte, atingimos a compreensão de que cada signo, seja interior ou exterior, realiza-se em ligação estreita com a situação em que ele adquire forma, sendo que essa situação constitui sempre uma *situação social*. Segundo Bakhtin, a palavra como signo ideológico permeia todas as relações sociais em todas as esferas ideológicas, ou seja, ela desfruta de uma onipresença social. A palavra indicará sempre e de forma mais evidente todas as transformações sociais, como decorrência de sua ubiqüidade social, como aponta o filósofo russo no próximo excerto:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 41 – grifos do autor).

Todo signo é resultante de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decurso de um processo de interação; o signo só pode se constituir em um terreno interindividual. Tal fato faz com que as formas do signo sejam condicionadas tanto pela organização social desses indivíduos como pela circunstância de ocorrência da interação. Sob esse aspecto se expressa concretamente o problema da influência recíproca do signo e do ser, isto é, o processo dialético de refração do ser no signo.

Assim sendo, Bakhtin compreende a filosofia da linguagem como filosofia do signo ideológico, o que implica a observância às seguintes regras metodológicas:

1. *Não separar a ideologia da realidade material do signo* (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material* (infra-estrutura). (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 44 – grifos do autor).

Por se realizar no processo de interação social, todo signo ideológico, incluindo o signo lingüístico, encontra-se marcado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social¹⁶ definidos. A cada fase do desenvolvimento da

¹⁶ Julgamos necessário esclarecer que tendemos a considerar que, na obra bakhtiniana, muitas das ocorrências do termo “grupo social” devem ser compreendidas sob o escopo do conceito de “classe social”, sem o qual obliteraríamos, em última análise, sua significação no corpo dessa teoria. Todavia, essa interpretação não implica na dedução equivocada de que, para o pensador russo, a língua é um fenômeno de classe, pois ela já existia antes do surgimento da sociedade de classes, mas tão somente que uma vez presente nesse tipo de sociedade, a língua será também um campo em que se expressa a luta de classes – noção essa evidenciada nos escritos bakhtinianos. Talvez as traduções da obra de Bakhtin tenham alguma participação nesse contexto ambíguo do termo “grupo social” (vide o problema das traduções debatido por Souza (2002a/b)), no entanto tal possibilidade se

sociedade, os grupos de objetos singulares e limitados que preencheram a atenção do corpo social de um grupo e adquiririam um valor social, devem penetrar o domínio da ideologia, obter forma e se consolidar, para, assim, provocar uma reação semiótico-ideológica¹⁷, ou seja, “*não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 45 – grifos do autor).

Contudo, o ser não somente se reflete no signo, mas também se refrata nele. Essa refração é determinada pelo “confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 46 – grifos do autor). Bakhtin concebe o termo comunidade semiótica como um código ideológico de comunicação utilizado pela comunidade, ou seja, a sua língua. Logo, diferentes classes sociais fazem uso de um único e mesmo idioma. Por conseqüência, no signo se enfrentam índices de valor contraditório, tornando-o um campo em que também se expressa a luta de classes.

Na realidade, é essa pluralência social do signo ideológico que garante a sua capacidade de evolução, transformando-o em signo vivo e dinâmico:

O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 46).

Todavia, a pluralência social do signo também faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser, visto que a classe dominante tende a imprimir no signo ideológico um caráter intocável e acima das diferenças de classes, com o objetivo de torná-lo monovalente, isto é, de dissimular ou encobrir o combate dos

encontra no terreno das especulações e apenas se elucidará a partir do cotejo com o original em russo, tarefa essa que não estamos em condições de realizar no momento atual.

¹⁷ Para tanto, Bakhtin considera fundamental que esse objeto esteja vinculado às bases da existência material do grupo em questão.

índices sociais de valor que nele se defrontam¹⁸. “Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos” (FARACO, 2006: 50). Salientamos, pois, que o teórico russo compreende a “linguagem social” a partir do fenômeno real e concreto dos signos, de sua singularização social.

Nesse sentido, Bakhtin considera como fatores de estratificação da linguagem não só os decorrentes do tempo e da distribuição geográfica e social dos falantes (tais como profissão, gênero, idade, escolaridade, etc.), mas também os fatores responsáveis pela saturação da linguagem – os índices sociais de valor (provenientes do embate entre as classes sociais). Dessa forma, cada época, geração e camada social têm a sua linguagem; afinal, em cada momento histórico coexistem línguas de diversas épocas e períodos da vida sócio-ideológica. Esses “falares” do plurilingüismo, entendido como as linguagens sócio-ideológicas presentes em dada língua¹⁹, entrecruzam-se de diversas maneiras, originando novos “falares” ou “vozes” socialmente típicos. No que se refere à estratificação da linguagem, o filósofo russo pondera ainda que:

Quanto mais longa for esta saturação estratificante, quanto mais vasto é o meio social abarcado por ela, e, por conseguinte, quanto mais vital é a força social que produz a estratificação da linguagem, mais marcados e mais estáveis serão os traços, as modificações lingüísticas dos índices da linguagem (dos símbolos lingüísticos) que persistem nela como resultado da ação desta força, desde as nuances semânticas estáveis (e portanto sociais) até os autênticos índices dialetológicos (fonéticos, morfológicos, etc.), os quais já nos permitem falar de um dialeto social particular. (Bakhtin, 1998: 100).

Para a consciência dos falantes, a língua não consiste num sistema abstrato de formas normativas, porém numa opinião plurilíngüe concreta a respeito do mundo. Todas as palavras evocam um contexto ou contextos, nos quais elas tiveram uma existência socialmente tensa, isto é, as palavras são penetradas por intenções, acentos, apreciações.

¹⁸ Segundo o autor russo, a dialética interna do signo se mostra inteiramente apenas em épocas de crise social e de comoção revolucionária, caso contrário a ideologia dominante sempre procurará encobrir essas contradições, conferindo um valor reacionário ao signo.

¹⁹ O plurilingüismo ou heteroglossia constitui, enfim, a diversidade essencial da linguagem real.

Eis a razão para Bakhtin identificar a atuação de duas forças antagônicas na vida da linguagem, quais sejam, as forças centrífugas e as forças centrípetas. As primeiras operam no meio do plurilingüismo real, são os processos de descentralização e desunificação que ocorrem devido à dinâmica da estratificação e contradição reais numa língua viva e em desenvolvimento. Já as forças centrípetas atuam nos processos de centralização verbo-ideológica de forma a assegurar um certo *maximum* de compreensão mútua e a centralizar a unidade real, conquanto relativa, da linguagem, opondo certos obstáculos ao plurilingüismo. Assim, cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui-se em meio da atuação tanto das forças centrífugas, como das forças centrípetas. “Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilingüismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras)” (BAKHTIN, 1998: 82).

De acordo com os pressupostos acima discutidos, o pensador russo atinge a seguinte compreensão acerca da língua em sua teoria:

As línguas são concepções de mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta das classes. Por isso *cada objeto, cada noção, cada ponto de vista, cada apreciação, cada entoação, encontra-se no ponto de intersecção das fronteiras das línguas-concepções do mundo*, é englobado numa luta ideológica encarniçada. Nessas condições excepcionais, torna-se impossível qualquer *dogmatismo lingüístico e verbal*, qualquer *ingenuidade verbal*. (BAKHTIN, 1999: 415 – grifos do autor).

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 123 – grifos do autor).

Dessa forma, a evolução real da língua ocorre quando as relações sociais modificam-se, em função das infra-estruturas, posteriormente a comunicação e a interação verbais evoluem no conjunto das relações sociais. Por conseguinte, as formas dos atos de fala desenvolvem-se em conseqüência da interação verbal e o processo de evolução repercute, afinal, na alteração das formas da língua.

Não obstante, faz-se necessário esclarecermos qual o sentido que o termo “atos de fala” assume nos escritos de Bakhtin, pois ele decorre de um problema de tradução da obra bakhtiniana (presente em várias línguas, dentre elas a portuguesa). Como já discutiu Souza (2002a: 64-71), na obra original, em russo, há uma complexa articulação estabelecida entre os termos *slovo* e *retch*, a qual alguns tradutores não respeitam a ponto de desaparecer em suas versões para outros idiomas. O primeiro termo significa “palavra”, mas é empregado também por Bakhtin na acepção de “discurso”, e é a partir desse último sentido que a maioria dos tradutores opta por utilizar em suas versões. Já o segundo surge nas traduções ora como “discurso”, ora como “fala”, nesse sentido, evidenciamos que o autor russo emprega o termo *retch* na acepção de “discurso” e, por vezes, de “enunciação”, não se referindo, portanto, ao processo psicofisiológico da “fala”. No que concerne às discussões da teoria bakhtiniana, utilizaremos nesta dissertação o termo “fala” no sentido ora de “discurso”, ora de “enunciação”, uma vez que, na realidade, a fala só existe na forma concreta de enunciações do sujeito de um discurso.

Por fim, devemos considerar que Bakhtin formula uma filosofia da linguagem ancorada na reflexão acerca do funcionamento real e concreto da linguagem social, no qual encontramos o acontecimento singular e único da enunciação. Logo, a linguagem, de acordo com o pensador russo, constitui um fenômeno social, histórico, ideológico e dialógico (como veremos posteriormente), isto é, um fenômeno real e dinâmico concretizado em enunciações. Passaremos, então, na seção subsequente, ao exame da enunciação.

2.3 A Categoria Bakhtiniana da Enunciação

A categoria de enunciação tem um papel fundamental na filosofia da linguagem que embasa o pensamento bakhtiniano, devido ao fato de a língua existir não por si mesma, mas apenas em conjunção com uma enunciação concreta, ou seja, é por meio da enunciação que a língua entra em contato com a comunicação, imbui-se de seu “poder vital” e torna-se uma realidade.

De acordo com Brait e Melo (2005), um dos méritos da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* consiste precisamente em:

ter difundido a idéia de *enunciação*, de presença de sujeito e de história na existência de um *enunciado concreto*, apontando para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos. (BRAIT; MELO, 2005: 68 – grifos nossos).

Não obstante, uma questão fundamental que se apresenta desde o início para quem estuda a obra teórica de Bakhtin em português consiste no problema da tradução, ou melhor, da falta de uniformidade terminológica das traduções, as quais por vezes são vertidas diretamente dos originais em russo, por vezes trasladadas de versões em francês. Tal fato também ocorre com relação à palavra russa *vyskazyvanie* que nas edições em língua portuguesa foi traduzida ora por *enunciação*, ora por *enunciado*, como já discutiu Souza (2002b):

Para nós, a compreensão ativa do todo da obra do Círculo implica em tomar os conceitos *enunciado* e *enunciação* – traduções do único conceito russo *vyskazyvanie* – como sinônimos, visto que é desse ponto de vista que os três teóricos russos articulam não só sua Teoria do Enunciado Concreto no interior da Metalingüística, como também dialogam com outros gêneros de discurso científicos como a lingüística [...] e também as ciências humanas em geral. (SOUZA, 2002b: 140).

No que concerne ao nosso posicionamento e em consonância com as proposições de Souza (2002b), consideraremos os termos *enunciação* e *enunciado* como sinônimos, dado que o próprio pensador russo não tencionou, em sua obra, distingui-los. Entretanto, optaremos por empregar, em nossa discussão, preferencialmente, o vocábulo *enunciação*, de modo a abranger tanto o produto, no que se refere a um acontecimento único e irreproduzível na existência, quanto o processo, relativo a uma unidade da cadeia ininterrupta de comunicação verbal²⁰.

Assim sendo, passamos a perscrutar, neste momento, os fundamentos da categoria de *enunciação* na teoria bakhtiniana. Primeiramente, devemos reiterar que todas as esferas da atividade humana, por mais diversas que sejam, relacionam-se com a utilização da língua, embora o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados quanto os próprios campos da atividade humana, como procuramos demonstrar na seção precedente. Tal utilização da língua realiza-se em forma de *enunciações* (orais e escritas), concretas e únicas, originadas dos integrantes de alguma esfera da atividade humana, isto é, as pessoas não trocam orações, bem como não trocam palavras ou combinações de palavras (num sentido precisamente lingüístico), elas trocam *enunciações* constituídas com o auxílio de unidades da língua (palavras, combinações de palavras, orações, etc.). Portanto, a língua penetra na vida a partir de *enunciações* concretas que a efetivam, assim como é por meio dessas *enunciações* que a vida penetra na língua.

O filósofo russo defende a tese de que a *enunciação* é de natureza social, pois qualquer que seja o aspecto da expressão-*enunciação* examinada, ele será determinado pela situação real da *enunciação* em questão, ou seja, pela situação social mais imediata. A *enunciação* constitui o resultado da interação de ao menos dois indivíduos socialmente organizados. Nesse sentido, a palavra *enunciada* sempre se encaminha a um interlocutor, “ela é função da pessoa desse interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 112). A respeito desse aspecto, Bakhtin esclarece que:

²⁰ A distinção entre *enunciação* e *enunciado* efetuou-se na tradição dos estudos lingüísticos pelo estruturalismo ou, como denomina Bakhtin, pelo objetivismo abstrato, encontraremos-na, por exemplo, nos trabalhos de Émile Benveniste.

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social.* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 109 – grifos do autor).

A orientação da palavra em função do interlocutor decorre do fato de que ela procede *de* alguém e também se dirige *a* alguém. Logo, a palavra é resultante dessa interação entre locutor e ouvinte, por meio dela nos definimos em relação ao outro e, em última instância, à coletividade. Aliás, o autor russo sustenta que “não pode haver interlocutor abstrato” numa enunciação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 112), pois mesmo que não haja um interlocutor real, esse pode ser substituído pelo representante médio do grupo social que o locutor integra; entretanto esse “interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas” (Idem, 1988: 113). Possuir um destinatário, encaminhar-se a alguém, é uma característica constitutiva da enunciação, sem a qual ela não existe e nem poderia existir. Com efeito, qualquer que seja a enunciação considerada, por exemplo, uma informação factual ou a expressão verbal de uma necessidade como a fome, com certeza, em sua totalidade, ela é socialmente dirigida.

Conseqüentemente, a forma e o estilo da enunciação são determinados de modo imediato pela situação e pelos participantes do ato de fala, bem como nos níveis mais profundos de sua estrutura, pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis às quais estão submetidos os interlocutores. “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 113). A organização de toda enunciação situa-se, portanto, no meio social que envolve o indivíduo:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 121).

De acordo com o teórico russo, até a enunciação humana mais primitiva, embora efetuada por um organismo individual, no que concerne ao seu conteúdo, à sua significação, organiza-se fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social.

Dessa forma, Bakhtin atinge a compreensão de que:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 123 – grifos do autor).

Efetivamente, cada época, meio social, micromundo (o da família, dos amigos, dos conhecidos, por exemplo) possuem tradições que se exprimem e se conservam sob o invólucro de enunciações (são obras científicas, literárias, antologias escolares, por exemplo) nas quais as pessoas se fundamentam e às quais se referem. Conseqüentemente, a experiência verbal individual do homem adquire forma e evolui por meio da interação contínua e sucessiva com as enunciações dos outros. A partir de tal fato Bakhtin começa a pensar sobre a formação do sujeito, ou ainda, sobre a impossibilidade de uma formação individual sem alteridade, como demonstram os excertos abaixo:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. (BAKHTIN, 2000: 378).

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 2000: 314 – grifos do autor).

A enunciação isolada e fechada não constitui, então, a unidade real da língua, mas sim a interação de pelo menos duas enunciações completas, isto é, o diálogo. Uma enunciação sempre pressupõe outras enunciações que a antecederam e que lhe sucederão, ela constitui apenas um elo na cadeia de comunicação verbal. Por conseguinte, os constituintes de uma enunciação completa, ou melhor, dialógica são percebidos e compreendidos somente quando em relação com outras enunciações concernentes a um único e mesmo domínio ideológico.

Uma enunciação concreta, surgida de modo significativo num dado momento social e histórico, não consegue deixar de atingir os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica ao redor de um determinado objeto de enunciação, e não pode cessar de participar ativamente do diálogo social, uma vez que ela também emerge desse diálogo como sua extensão, como sua réplica – abordaremos tal característica mais detalhadamente ao tratarmos do processo de compreensão da enunciação.

Por conseqüência, dois sentidos materializados em enunciações não podem se encontrar lado a lado como dois objetos, visto que eles devem se tocar internamente, entrar em relação semântica. “A vida [da linguagem] começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 179), ou seja, quando ocorre a interação verbal, ainda que essa não seja estabelecida diretamente, entre pessoas colocadas face a face, mas mediatizada pela literatura, por exemplo.

A enunciação é um todo e se efetiva somente no fluxo da comunicação verbal, porquanto os limites que determinam e configuram o todo são os pontos de contato de uma dada enunciação com o meio extraverbal e verbal, discutiremos, posteriormente, esse aspecto. Por ora, se compreendermos o processo da fala no sentido amplo como uma atividade de linguagem tanto exterior como interior, notaremos que ele é ininterrupto, porém as dimensões e as formas da enunciação são determinadas pela situação em que ela ocorre e por seu auditório:

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 125).

No que se refere às enunciações típicas da vida corrente, tais como a exclamação, a pergunta, a ordem, a solicitação, Bakhtin atenta para o fato de que todas exigem um complemento extraverbal, bem como um início não verbal, especialmente as ordens e os pedidos. Ademais, o pensador russo salienta que toda situação inserida de maneira duradoura nos costumes possui um auditório ordenado de um dado modo e, conseqüentemente, um determinado conjunto de pequenas fórmulas correntes. Essas fórmulas estereotipadas se conformam ao meio da interação social que lhes é reservado e refletem ideologicamente o tipo, a estrutura, as finalidades e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente compõem o meio social e são por ele determinadas e circunscritas em todos os aspectos.

Com efeito, reafirmamos que, para o pensador russo, a enunciação individual é um fenômeno genuinamente social. Nesse sentido, o autor russo depreende que:

Uma análise fecunda das formas do conjunto de enunciações como unidades reais na cadeia verbal só é possível de uma perspectiva que encare a enunciação individual com um fenômeno puramente sociológico. A filosofia marxista da linguagem deve justamente colocar como base de sua doutrina a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 126).

Não obstante, quais seriam, afinal, as particularidades constitutivas da enunciação para Bakhtin? De acordo com o teórico russo, elas consistem em três, a saber:

1) *Alternância entre os sujeitos falantes que integram o contexto da enunciação*, ou seja, a alternância dos locutores, o que determina as fronteiras da enunciação, compreendida como uma unidade da comunicação verbal. Toda enunciação, desde uma breve réplica até um romance ou um tratado científico, inclui um início absoluto e um fim absoluto, diante dos quais há as enunciações dos outros. A alternância dos sujeitos falantes caracteriza-se de modos diversos e adota formas variadas, em decorrência das diferentes atribuições da língua e das condições e situações várias da comunicação.

2) O *acabamento específico da enunciação*, isto é, “essa alternância [dos sujeitos falantes] ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas” (BAKHTIN, 2000: 299 – grifo do autor). Entretanto, a determinação do acabamento se dá por meio de critérios específicos relacionados à possibilidade de responder, ou melhor, de adotar uma atitude responsiva acerca da enunciação de outrem. Indissociavelmente relacionados no todo da enunciação, tais critérios são:

a) *o tratamento exaustivo do objeto de sentido da enunciação*, o qual modifica em conformidade com as esferas da comunicação verbal e pode alcançar um tratamento quase total, como nas esferas cotidiana, prática, militar, profissional, enfim, nos campos em que os gêneros do discurso são estandardizados ao máximo e a criatividade é quase ausente. Em compensação, nas esferas criativas, como na arte e nas ciências, o tratamento exaustivo se torna bastante relativo, rigorosamente um mínimo capaz de provocar uma atitude responsiva. Nessas esferas, teoricamente, o objeto é inexaurível, todavia, quando se converte no tema de uma enunciação (de uma obra científica, por exemplo) recebe um acabamento relativo, sob condições precisas, em virtude dos objetivos definidos pelo autor;

b) *o intuito, o querer-dizer do locutor*, considerado pelo teórico russo como o elemento subjetivo do enunciado. Esse intuito determina a seleção e o tratamento exaustivo do objeto do sentido que lhe é próprio “para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais e suas intervenções anteriores: seus enunciados” (BAKHTIN, 2000: 300). Por esse motivo, em qualquer enunciação, desde uma breve réplica até as grandes obras complexas científicas, percebemos, apreendemos e/ou sentimos o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor;

c) *as formas típicas da estruturação do gênero do acabamento*, ou seja, o querer-dizer do locutor se concretiza principalmente na seleção de um gênero do discurso, seleção essa definida pela especificidade de um dado campo da comunicação verbal, pelas exigências de uma temática, pelo conjunto estabelecido dos parceiros, entre outros. Em seguida, “o intuito

discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado” (BAKHTIN, 2000: 301). Para falar e escrever, fazemos uso sempre dos gêneros do discurso, isto é, todas as nossas enunciações possuem uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo, ora mais padronizadas e estereotipadas, ora mais maleáveis e criativas.

3) *A relação da enunciação com o próprio locutor (como autor das enunciações) e com os outros parceiros da comunicação verbal.* A enunciação representa a instância ativa do locutor em alguma esfera do objeto de sentido, assim a escolha dos recursos lingüísticos e do gênero do discurso é dada fundamentalmente pelos problemas de execução que o objeto de sentido demanda ao locutor (ao autor), o que delimita as especificidades de estilo e composição. Tais particularidades correspondem à necessidade de expressividade do locutor perante o objeto de sua enunciação, ou seja, dependem da “relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado” (BAKHTIN, 2000: 315).

Com efeito, julgamos necessário esclarecer que Bakhtin erige uma concepção específica da noção de *sentido*, relacionada à distinção, por ele estabelecida, entre tema e significação. O sentido de uma enunciação é, pois, denominado *tema* e se caracteriza por ser individual, não reiterável, relativo a uma situação histórica concreta que o originou e determinado tanto pelas formas lingüísticas como pelos elementos não verbais da situação. Conseqüentemente, poderíamos pensar que o pesquisador russo defende que o sentido depende da enunciação, mas ele esclarece qual é a sua concepção exata no excerto abaixo:

Entretanto, se nos limitássemos ao caráter não reiterável e historicamente único de cada enunciação concreta, estaríamos sendo medíocres dialéticos. Além do tema, ou, mais exatamente, no interior dele, a enunciação é igualmente dotada de uma *significação*. Por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são *reiteráveis* e *idênticos* cada vez que são repetidos. Naturalmente, esses elementos são abstratos: fundados sobre a convenção, eles não têm existência concreta independente, o que não os impede de formar uma parte inalienável, indispensável,

da enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 129 – grifos do autor).

Desse modo, não é possível a realização de uma análise do tema da enunciação. Já a significação da enunciação, ao contrário, pode ser submetida à análise mediante um conjunto de significações relacionadas aos elementos lingüísticos que a compõem. A significação caracteriza-se, enfim, por ser apenas uma potencialidade, uma possibilidade de exprimir no interior de um tema concreto, ao passo que somente o tema pode significar de modo concreto.

Nesse sentido, concordamos com a asserção de Possenti (2001: 198), segundo a qual “o que caracteriza especificamente a concepção de Bakhtin é a heterogeneidade, os múltiplos sentidos, mesmo no domínio da palavra”. Logo, a multiplicidade de significações é o que confere a especificidade da palavra, uma vez que se algum complexo sonoro admitisse uma significação única e imutável, tal complexo não seria uma palavra, tampouco um signo, mas apenas um sinal. Se soubermos previamente tudo quanto uma palavra pode dizer, esta se aparta do diálogo e se coisifica:

Repetimos, porém, que a separação, na palavra, da realidade é destruidora para ela mesma: ela definha, perde sua profundidade semântica e sua mobilidade, sua capacidade de ampliar e de renovar seu significado em contextos novos e vivos e, em essência, morre enquanto palavra [...]. (BAKHTIN, 1998: 152).

Toda palavra empregada na fala real possui também um acento de valor, ou seja, um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) com um determinado acento apreciativo, seu nível mais elementar é a entoação expressiva, a qual se orienta pela situação imediata e, com freqüência, por suas circunstâncias mais transitórias. Porém, a entoação não manifesta apropriadamente o valor apreciativo, esse conduz antes de tudo a escolha e a distribuição dos elementos mais plenos de sentido da enunciação. Afinal, não se constrói uma enunciação sem modalidade apreciativa, “na enunciação viva [concreta], cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 135).

Assim sendo, podemos perceber que a evolução semântica da língua relaciona-se à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo²¹, como também que a evolução do horizonte apreciativo é determinada pela expansão da infraestrutura econômica, promotora de uma real ampliação nas condições da existência que é acessível, inteligível e vital ao homem:

Esse alargamento do horizonte apreciativo efetua-se de maneira dialética. Os novos aspectos da existência, que foram integrados no círculo do interesse social, que se tornaram objetos da fala e da emoção humana, não coexistem pacificamente com os elementos que se integraram à existência antes deles; pelo contrário, entram em luta com eles, submetem-nos a uma reavaliação, fazem-nos mudar de lugar no interior da unidade do horizonte apreciativo. Essa evolução dialética reflete-se na evolução semântica. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 136).

O resultado é um combate constante dos acentos em cada campo semântico da existência. Dessa forma, a sociedade em transformação amplia-se para abranger o ser em transformação. Por esse motivo, a significação, elemento abstrato idêntico a si mesmo, é incorporada pelo tema e entrecruzada por suas contradições concretas, para regressar sob a forma de uma nova significação também com uma estabilidade e uma igualdade transitórias.

A enunciação bakhtiniana constitui-se, então, como um elo da corrente de comunicação verbal em que se renova ininterruptamente a síntese dialética entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. “Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 66). A palavra enunciada apresenta-se, por conseguinte, como resultante da interação concreta das forças sociais, na qual se defrontam e lutam valores sociais de orientação contrastante.

Ao tratarmos das particularidades da enunciação recorreremos ao conceito de gêneros do discurso, porém devemos esclarecer que Bakhtin realiza uma teorização original a esse respeito, profundamente relacionada à natureza complexa e sutil da enunciação. Sem obliterar a grande heterogeneidade dos gêneros do

²¹ Segundo Bakhtin, o horizonte apreciativo é constituído por tudo o que assume sentido e importância para um determinado grupo social.

discurso, o pensador russo aponta para uma distinção dos gêneros entre primários e secundários. Os gêneros primários são mais simples e referem-se aos tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, militar, etc. Já os gêneros secundários surgem em situações de comunicação cultural mais complexa e relativamente mais desenvolvida, sendo predominantemente escritos: o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. Bakhtin salienta ainda que:

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 2000: 281).

No entanto, ao se converterem em componentes dos gêneros secundários, os gêneros primários transformam-se dentro daqueles, passam a ser uma representação e deixam de apresentar uma relação imediata com a realidade existente e com a realidade das enunciações alheias, tornam-se, por exemplo, um fenômeno da esfera literário-artística e não da vida cotidiana.

Até o presente momento procuramos examinar o aspecto social e os elementos constitutivos da enunciação, abordaremos, por fim, como ocorre seu processo de compreensão. O teórico russo destaca que, nesse processo, correspondemos cada palavra da enunciação do outro a um conjunto de palavras nossas, produzindo uma réplica, ou seja, a compreensão já contém o embrião de uma resposta. Dessa forma, o contexto ocupado em nossas mentes pelos elementos significativos de uma enunciação e pela própria enunciação é ativo e responsivo.

Portanto, a compreensão de uma enunciação concreta se encontra sempre acompanhada de uma *atitude responsiva ativa*, apesar de o grau dessa atividade ser muito variável. Bakhtin pondera, ainda, que:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um *respondente*, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe [...] a existência de enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele

já os supõe conhecidos do ouvinte. (BAKHTIN, 2000: 291 – grifos do autor).

Aliás, o locutor requer essa compreensão responsiva ativa em suas enunciações e não uma compreensão passiva que apenas duplicaria o seu pensamento na mente do outro. Na realidade, o locutor espera uma resposta, uma concordância, uma rejeição, uma aprovação, uma oposição, uma resistência, uma execução, etc. Já o ouvinte, por sua vez, ao receber e compreender uma enunciação assume, simultaneamente, uma atitude responsiva ativa: ela concorda ou discorda (total ou parcialmente), prepara-se para executar, contesta, entre outras. Essa atitude do ouvinte encontra-se em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão a partir do início da enunciação, por vezes desde as primeiras palavras do locutor.

De acordo com Bakhtin, é evidente que uma resposta fônica não sucede de forma obrigatória ao enunciado fônico que a suscita, visto que uma compreensão responsiva ativa do que foi ouvido pode realizar-se como um ato (a execução de uma ordem ou um pedido compreendidos e acatados), ou permanecer, por certo intervalo de tempo, como uma compreensão responsiva muda (como na compreensão de um poema, por exemplo); mas neste caso trata-se, mais apropriadamente, de uma compreensão responsiva de ação retardada, a saber, cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de forma ativa encontrará uma repercussão no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte. Por conseguinte, devemos perceber que, para o autor russo, a compreensão amadurece somente na resposta, entendida no sentido lato, ou seja, ela constitui uma fase inicial e preparatória para uma resposta, seja qual for seu modo de realização. “A compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra” (BAKHTIN, 1998: 90).

Com efeito, a compreensão ativa, ao agregar aquilo que é compreendido ao novo círculo do que se compreende, estabelece uma série de relações complexas, de consonâncias e multissonâncias com o compreendido, enriquecendo-o de novos elementos. Reiteramos que o locutor espera justamente esse tipo de compreensão de suas enunciações e:

Por isso, sua orientação para o ouvinte é a orientação para um círculo particular, para o mundo particular do ouvinte, introduzindo elementos completamente novos no seu discurso: pois para isto concorre a interação dos diversos contextos, diversos pontos de vista, diversos horizontes, diversos sistemas de expressão e de acentuação, diversas “falas” sociais. (BAKHTIN, 1998: 91).

O locutor visa orientar o seu discurso, com o seu círculo determinante, para o círculo alheio de quem compreende, estabelecendo relação dialógica com os aspectos desse meio. O falante penetra no horizonte alheio do seu ouvinte e elabora a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte (no meio plurilíngüe dos discursos de outrem). Ao falar ou escrever, o locutor sempre considera o fundo aperceptivo sobre o qual sua enunciação será recebida pelo interlocutor, isto é, o grau de informação que o destinatário tem da situação, seus conhecimentos específicos em dada área da comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (na perspectiva do locutor), suas simpatias e aversões, etc. Tais fatores condicionarão a compreensão responsiva e a escolha do gênero da enunciação, bem como influenciarão em seu estilo.

A enunciação permite uma relação imediata com a realidade e com o locutor vivo, o sujeito, visto que na língua existem apenas as potencialidades dessa relação (ou seja, as formas pronominais, modais, recursos lexicais, etc.). Afora esse relacionamento com o objeto e o sujeito falante, a enunciação se define também por sua relação com outras enunciações dentro dos limites de um campo de comunicação. Uma enunciação concreta, enfim, consiste num elo na cadeia de comunicação verbal de uma dada esfera, cujas fronteiras se assentam na alternância dos sujeitos falantes. Entretanto, como as enunciações não permanecem indiferentes umas às outras nem são auto-suficientes, elas se constituem sobretudo como uma resposta, no sentido lato, a enunciações anteriores dentro de uma determinada esfera da comunicação verbal, de forma a refutá-las, completá-las, confirmá-las, discordar delas, etc.

As obras de construção complexa e as obras especializadas relativas aos diversos gêneros das ciências e das artes, por exemplo, objetivam a resposta do(s) outro(s), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto recorrem a todas as espécies de forma: procuram cumprir uma atuação didática sobre o leitor, persuadi-

lo, fomentar sua apreciação crítica, influir sobre seus pares, entre outras. Assim, a obra:

Predetermina as posições responsivas do outro nas complexas condições da comunicação verbal de uma dada esfera cultural. A obra é um elo na cadeia da comunicação verbal; do mesmo modo que a réplica do diálogo, ela se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que ela responde e com aquelas que lhe respondem, a obra está separada das outras pela fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes. (BAKHTIN, 2000: 298).

A enunciação nasce, portanto, no diálogo como sua réplica viva e se desenvolve sobre a mútua-orientação dialógica do discurso de outrem. Reiteramos que a enunciação é um elo na cadeia de comunicação verbal, de modo que ela não pode ser separada dos elos anteriores que a determinam, por fora e por dentro, e provocam nela reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica. Trataremos, na seção ulterior, da categoria do dialogismo.

2.4 A Categoria Bakhtiniana do Dialogismo

O dialogismo consiste numa categoria articuladora do pensamento erigido por Bakhtin, uma vez que a filosofia da linguagem bakhtiniana compreende o homem como um ser que se constitui por meio da interação social. Com relação à importância do dialogismo para a teoria bakhtiniana, discorre Faraco (1988):

Dialógica é toda sua cosmovisão: a ele [Bakhtin] parecem interessar todas as vozes; quer ouvi-las com atenção e quer com elas interagir, não num diálogo ingênuo e esquemático que se esgota na substituição sucessiva de locutores, mas numa interação em que a meta não é nem a imposição dogmática de uma única voz, nem o relativismo duma coexistência acrítica de todas as vozes, mas a síntese dialética de vozes contrárias. (FARACO, 1988: 24).

Brait (1999: 11) assevera que o caráter dialógico da linguagem “é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico”.

Conforme tratamos na seção antecedente, o fenômeno social da interação verbal, realizado por meio da enunciação ou das enunciações, é a real substância da língua, sua realidade fundamental. O diálogo, senso estrito, constitui apenas uma das formas da interação verbal, ainda que das mais recorrentes e visíveis. Todavia, podemos compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, não somente como a comunicação em voz alta estabelecida entre pessoas colocadas face a face, mas como todo e qualquer tipo de comunicação verbal. No que se refere a tal questão, Schnaiderman (1983) assevera:

Realmente, o dialogismo bakhtiniano, que deixou de ser novidade, e que não é de modo algum a simples ocorrência de mais de uma voz, o “diálogo” no sentido corrente, mas o fato de que toda palavra se emite na expectativa do discurso do interlocutor e todo monólogo aparece “dialogizado”, é para o autor a decorrência de um fenômeno muito mais abrangente. (SCHNAIDERMAN, 1983: 70).

A título de exemplo dessa concepção ampla de diálogo, podemos observar que o livro é um discurso escrito e consiste num componente da comunicação verbal. O ato de fala impresso, nesse sentido, se constitui como um objeto de discussões ativas produzido para ser compreendido de maneira ativa, para ser estudado, discutido, analisado e criticado por seus leitores; além das reações impressas já institucionalizadas, como as críticas e as resenhas. Há também o fato de que o livro é sempre orientado em relação às ocorrências anteriores na mesma esfera de atividade, sejam as do próprio autor, sejam as de outros autores. Assim, o discurso escrito integra “uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 123).

Por conseguinte, as relações dialógicas são um fenômeno que ultrapassa as relações de um diálogo, no sentido restrito do termo, posto que sua existência “penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana [consciente e racional], em suma, tudo o que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 1997: 42). Segundo Bakhtin, a vida autêntica do indivíduo torna-se acessível no discurso apenas sob um enfoque dialógico, perante o qual ele responde por si mesmo e se manifesta livremente. Na realidade, a orientação dialógica, onipresente na vida humana, garante-nos a capacidade de focalizar a palavra do outro como posicionamento racional ou como outro ponto de vista:

Somente sob uma orientação dialógica interna minha palavra se encontra na mais íntima relação com a palavra do outro mas sem se fundir com ela, sem absorvê-la nem absorver seu valor, ou seja, conserva inteiramente a sua autonomia enquanto palavra. (BAKHTIN, 1997: 64).

Dessa forma, a enunciação monológica isolada e fechada não constitui a unidade real da língua, mas sim a interação de pelo menos duas enunciações completas, isto é, o diálogo.

As relações dialógicas são extralingüísticas, visto que não podem ser estabelecidas a partir de critérios propriamente lingüísticos, tais como as suas particularidades sintáticas léxico-semânticas. “A relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua” (BAKHTIN, 2000: 345). No entanto,

mantêm-se, concomitantemente, inalienáveis ao campo do discurso, ou seja, do fenômeno da língua em sua integridade real e concreta. Para Bakhtin, a linguagem existe somente na comunicação dialógica daqueles que a utilizam. “É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem” (BAKHTIN, 1997: 183 – grifo do autor). Qualquer que seja o campo de emprego da linguagem (cotidiano, científico, artístico, político, etc.), ele está repleto de relações dialógicas.

Efetivamente, o dialogismo constitui uma relação específica de sentido que se estabelece entre enunciações completas (ou consideradas completas, ou ainda potencialmente integrais), pelas quais se expressa um sujeito real ou potencial, a saber, o autor de determinada enunciação, na comunicação verbal. Logo, a relação dialógica não coincide com a relação que ocorre entre as réplicas de um diálogo, por ser mais ampla, variada e complexa. De acordo com o pensador russo, as réplicas de um diálogo consistem apenas numa variante da relação dialógica que se estabelece entre as enunciações completas no decurso do processo de comunicação verbal.

Assim sendo, dois sentidos materializados em enunciações dialógicas não podem se encontrar juntamente como dois objetos, já que eles devem entrar em contato internamente, isto é, estabelecer uma relação semântica:

Dois discursos iguais e diretamente orientados para o objeto não podem encontrar-se lado a lado nos limites de um contexto sem se cruzarem dialogicamente, não importa que um confirme o outro ou se completem mutuamente ou, ao contrário, estejam em contradição ou em quaisquer outras relações dialógicas (por exemplo, na relação entre pergunta e resposta). (BAKHTIN, 1997: 189).

Quando confrontamos duas enunciações distintas, ainda que ambas se ignorem completamente e se encontrem separadas uma da outra no tempo e no espaço, elas manifestam, inevitavelmente, uma relação dialógica mediante uma confrontação de sentido, uma vez que haja convergência de sentido, inclusive se for algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista, na opinião, no pensamento, etc.

Não obstante, o pensador russo nos adverte acerca das idéias simplificadoras que habitualmente se faz sobre a comunicação, pois qualquer enunciação que examinemos com apuro, ao se considerar as condições concretas da comunicação verbal, encontraremos as palavras do outro abertas, ocultas ou semi-ocultas e com graus distintos de alteridade. A enunciação é um fenômeno complexo, polimorfo e atravessado por diversos matizes dialógicos, se a considerarmos de modo não isolado, mas em sua conexão com o autor (o locutor) e com as enunciações dos outros, enquanto elo na cadeia da comunicação verbal:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 1998: 88).

O locutor não é um Adão mítico, perante objetos virgens que nomeia pela primeira vez. O objeto do discurso de um locutor, qualquer que seja, não se constitui como objeto de discurso pela primeira vez nesta enunciação, bem como o locutor não é o primeiro a tratar dele. O objeto já foi falado, contestado, esclarecido e julgado de diversos modos e por diferentes opiniões, perspectivas, tendências e visões de mundo, fato esse que repercute na enunciação. Por esse motivo, o locutor encontra seu objeto de discurso sulcado pelas opiniões de interlocutores imediatos (na esfera da vida cotidiana) ou, então, pelas visões de mundo, pontos de vista, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural). A enunciação não se dirige apenas para o seu objeto, mas também para o discurso do outro a respeito desse objeto. “A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um *aspecto dialógico* que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe” (BAKHTIN, 2000: 320 – grifos nossos).

No que tange ao processo de compreensão de uma enunciação, correspondemos cada palavra da enunciação do outro a um conjunto de palavras nossas, produzindo uma réplica, como discutimos anteriormente. Notemos, então,

que a compreensão é sempre, em certa medida, dialógica, visto que ela implica duas consciências, dois sujeitos:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.

[...] A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988: 131-132 – grifos do autor).

O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*. Ela entra num diálogo em que o sentido não tem fim (entretanto ele pode ser fisicamente interrompido por qualquer um dos participantes). (BAKHTIN, 2000: 357).

Com efeito, para Bakhtin não somente a enunciação é constitutivamente dialógica, mas também a compreensão do todo da enunciação e da relação dialógica que se estabelece é ela própria dialógica, cujo sistema global modifica, pois o praticante do ato de compreensão, o interlocutor, passa a ser participante do diálogo, embora o seja num nível específico, dependente da orientação de sua compreensão.

Segundo o filósofo russo, compreender uma enunciação comporta três momentos, não no sentido aritmético, já que os participantes do diálogo podem ser em número ilimitado. Dessa forma, afora o locutor (o primeiro), o autor das enunciações, há sempre o destinatário ou interlocutor (o segundo) de quem o autor da produção verbal aguarda e pressupõe uma compreensão responsiva ativa. Entretanto, o locutor presume, de modo mais ou menos consciente, um *supradestinatário* superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta num tempo histórico afastado:

O terceiro em questão não tem nada de místico ou de metafísico (ainda que possa assumir tal expressão em certas percepções do mundo). Ele é um momento constitutivo do todo do enunciado e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto. O fato decorre da natureza da palavra que sempre quer ser ouvida [no processo de comunicação verbal], busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua *no imediato* e impele

sempre mais adiante (de um modo ilimitado). (BAKHTIN, 2000: 356 – grifos do autor).

K. Marx dizia que, somente ao ser enunciado na palavra, um pensamento torna-se real para o outro e, portanto, para si mesmo. Mas esse outro não é unicamente o outro no imediato (destinatário, segundo). Em sua busca de uma compreensão responsiva [pelo locutor], a palavra sempre vai mais longe. (BAKHTIN, 2000: 357).

Bakhtin argumenta também que a própria natureza do pensamento humano é dialógica, uma vez que o verdadeiro domínio da idéia não subsiste na consciência individual isolada de um homem. O pensamento humano apenas se torna autêntico, ou seja, idéia, em situação de contato vivo com o pensamento dos outros, concretizado na voz dos outros, enfim, quando assume relações dialógicas com as idéias de outrem. Assim, a idéia pode desenvolver-se, descobrir e renovar sua expressão verbal, originar novas idéias, participar do grande diálogo da época, etc. O autor russo não considera, portanto, a idéia a partir de um ângulo psicológico-individual subjetivo, ela é concebida segundo o seu caráter interindividual e intersubjetivo, na comunicação dialogada entre as consciências, como demonstram os excertos a seguir:

A idéia é um *acontecimento vivo*, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências. Neste sentido a idéia é semelhante *ao discurso*, com o qual forma uma unidade dialética. Como o discurso, a idéia quer ser ouvida, entendida e “respondida” por outras vozes e de outras posições. Como o discurso, a idéia é por natureza dialógica [...]. (BAKHTIN, 1997: 87 – grifos do autor).

Pois o nosso próprio pensamento – nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes – nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2000: 317).

Ademais, de acordo com o pensador russo, não se pode considerar as consciências alheias como objetos ou coisas, “*comunicar-se com elas só é possível dialogicamente*” (BAKHTIN, 1997: 68 – grifos do autor). Refletir sobre elas implica *conversar com elas*, caso contrário elas dirigiriam rapidamente para nós o seu caráter objetificado, fechando-se e estagnando-se em imagens objetificadas acabadas.

Conseqüentemente, adquirir consciência de algo pela primeira vez demanda estabelecer uma relação com esse algo, que já não existe só em si ou para si, mas para o outro:

Toda motivação do comportamento de um indivíduo, toda tomada de consciência de si mesmo (porque a autoconsciência sempre é verbal, sempre consiste em encontrar um determinado complexo verbal) é a colocação de si mesmo sob determinada norma social, é, por assim dizer, a socialização de si mesmo e do seu ato. Ao tomar consciência de mim mesmo, eu tento como que olhar para mim pelos olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, da minha classe. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004: 86-87).

Para a consciência individual, aliás, a linguagem enquanto concreção sócio-ideológica, encontra-se nas fronteiras de seu território e nos limites do território de outrem. No momento de sua apropriação pelos falantes, a palavra não se acha numa língua neutra e impessoal, como num dicionário, porém nos contextos de outrem e em função das intenções de outrem. A palavra da língua se faz “própria” quando o falante a povoa com suas intenções e seus acentos, dominando-a por meio do discurso, processo esse difícil e complexo.

Logo, o surgimento das relações dialógicas ocorre quando elas se tornam enunciações, transformando-se em posicionamentos expressos entre diferentes sujeitos na linguagem. Segundo Bakhtin, as relações de contraposição e concordância, acordo-desacordo, afirmação-complemento, pergunta-resposta, são totalmente dialógicas. Tais relações só são possíveis entre enunciações provenientes de diferentes sujeitos falantes, isto é, presumem o outro, em relação ao locutor, membro da comunicação verbal.

No entanto, faz-se necessário esclarecermos que as relações dialógicas ocorrem não somente entre enunciações dialógicas integrais²². O enfoque dialógico pode acontecer também com qualquer parte significativa da enunciação, inclusive com uma palavra isolada, uma vez que ela seja entendida como signo da posição semântica de um outro, como representativa do enunciado do outro, ou seja, se encontramos nela a voz de um outro. São possíveis relações dialógicas entre quaisquer enunciações, conquanto elas sejam percebidas como pontos de vista

²² Esclarecemos que as enunciações dialógicas apresentam uma integralidade apenas relativa, se considerarmos que elas constituem um elo na cadeia da comunicação verbal.

sobre o mundo, por mais distintas que sejam as forças sociais que engendram o trabalho de estratificação da linguagem (classe social, profissão, gênero, faixa etária, personalidade individual, etc.).

Por outro lado, estabelecem-se também relações dialógicas entre estilos de linguagem, dialetos sociais, caso sejam compreendidos como representantes de certa posição semântica, como uma espécie concepção de linguagem. As relações dialógicas podem ocorrer, ainda, com a nossa própria enunciação como um todo ou com partes ou palavras isoladas desse todo, se de alguma forma nós nos apartamos dela, conservamos uma distância face a ela, restringimos ou desdobramos a nossa autoridade. “Lembremos para concluir que, numa abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria *sígnica*” (BAKHTIN, 1997: 184 – grifo do autor).

A enunciação, nesse sentido, não é um objeto, mas um meio incessantemente ativo e mutável de comunicação dialógica. Ela nunca satisfaz uma consciência. “Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra” (BAKHTIN, 1997: 203). Nesse processo, a palavra como elemento da enunciação não se desvia de seu caminho, nem pode se livrar até o fim da influência daqueles contextos concretos que integrou:

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta de aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada. (BAKHTIN, 1997: 203).

Em todos os domínios da vida e da criação ideológica, nossas enunciações contêm em profusão palavras de outrem, emitidas com graus diversos de exatidão e imparcialidade. Dessa forma, toda enunciação encontra o objeto para o qual se dirigiu, por assim dizer, refutado, apreciado, desacreditado ou, ao contrário, esclarecido pelas enunciações de outrem que já falaram sobre ele, como

abordamos anteriormente. Afinal, o objeto está ligado e atravessado por idéias gerais, pontos de vista, avaliações dos outros e entonações:

Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos dos outros, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros [...]. (BAKHTIN, 1998: 86).

Quanto mais intensa, diferenciada e elevada for a vida social de uma coletividade falante, tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro, como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, de uma refutação, de um reforço, de um desenvolvimento posterior, etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso. (BAKHTIN, 1998: 139).

Conseqüentemente, as palavras do outro, quando inseridas em nossas enunciações, são envolvidas, de modo inevitável, por algo novo, a saber, a nossa compreensão e a nossa avaliação. Do mesmo modo que a formação, o enquadramento do discurso de outrem também manifesta um ato único da relação dialógica com esse discurso, o qual influencia todo o caráter da transmissão e todas as modificações de acento e de sentido que ocorrem nele no decurso dessa transmissão. A transmissão da afirmação de outrem sob a forma de pergunta, por exemplo, conduz a um atrito entre duas interpretações numa única palavra, ao se considerar que não somente indagamos como também problematizamos a asserção do outro. Constitui, ainda, tarefa particularmente simples tornar cômica a mais séria das declarações, motivando relações dialógicas ligadas à objetividade, ao se manipular o contexto, o acento ou o sentido das palavras de outrem citadas com fidelidade.

Na prática cotidiana, ouvimos de maneira muito sensível e perspicaz todos esses matizes nos discursos daqueles que nos circundam, percebemos o mais sutil deslocamento de entonação, a mais ínfima descontinuidade de vozes no discurso do outro. O nosso discurso da vida prática encontra-se também repleto das palavras dos outros, com as quais unimos a nossa voz, concordamos total ou parcialmente, contestamos seu conteúdo, revestimos de nossas próprias intenções (estranhas e até hostis a elas), etc.

Nesse sentido, o ser humano vive no universo das palavras do outro, entendidas como qualquer palavra (pronunciada ou escrita) de alguma outra pessoa. Em toda a sua vida, ele atua também nesse universo e reage de forma variada às palavras do outro, a começar pela assimilação delas, no decorrer do processo de domínio original da fala, para concluir pela apropriação das riquezas da cultura humana, verbal ou outras:

[...] na composição de quase todo enunciado do homem social – desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitidas por um ou outro processo. No campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo. (BAKHTIN, 1998: 153).

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra *minha*, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. (BAKHTIN, 2000: 313 – grifos do autor).

Com efeito, apenas sob a perspectiva do outro e do eu, a palavra adquire expressividade, originada não da palavra em si, mas do ponto de contato entre a palavra e a realidade concreta a partir de seu uso efetivo entre os falantes numa situação real.

Assim sendo, Bakhtin chega à percepção de que não existe uma palavra que seja a primeira ou a última, bem como não há fronteiras para o contexto dialógico, o qual se lança num passado e num futuro ilimitados. Até os sentidos passados, que surgiram do diálogo com os séculos passados, nunca estão fixados, concluídos ou finalizados de uma vez para sempre, visto que eles constantemente se transformam e se renovam no transcorrer do diálogo futuro, no devir humano:

As grandes descobertas do gênio humano só são possíveis em condições determinadas de épocas determinadas, mas elas nunca se extinguem nem se desvalorizam juntamente com as épocas que as geraram. (BAKHTIN, 1997: 36).

Toda cultura encerra inumeráveis virtualidades de sentido que não foram descobertas, elucidadas ou exploradas durante a vida histórica dessa cultura. [...].

Fazemos questão de salientar que tratamos aqui dos extratos profundos onde o sentido é depositado pelas culturas das épocas passadas, e não de uma ampliação do conhecimento factual e material que podemos ter delas. (BAKHTIN, 2000: 366-367).

Em cada momento do desenvolvimento do diálogo, há uma multiplicidade ilimitada de sentidos esquecidos. Contudo, em determinados momentos do desenrolar do diálogo, tais sentidos serão rememorados e ressurgirão em forma renovada, num contexto novo. Para o filósofo da linguagem russo, todo sentido pode se renovar na grande temporalidade.

Por fim, cabe-nos, ainda, discorrer sobre uma concepção equivocada que busca atribuir um valor positivo ao dialogismo e negativo ao monologismo. Consideramos que tal interpretação axiológica não encontra respaldo na obra bakhtiniana, como apontaram os autores Tezza (2003) e Fiorin (2006), já que o autor russo não conferiu valores ideológicos a tais categorias. Para dirimir quaisquer dúvidas, devemos sempre considerar que Bakhtin compreende a natureza da linguagem como constitutivamente dialógica. Entretanto, no que tange à manifestação do discurso, isto é, ao dialogismo em sentido restrito, o autor russo avalia que essa pode adotar uma maior tendência na direção do dialogismo, quando o locutor procura incorporar as palavras de outrem à sua enunciação (com os diversos matizes dialógicos indicados anteriormente); ou na direção do monologismo, quando ele enseja conferir à sua enunciação um caráter centralizador, fundador e desvinculado da cadeia de comunicação verbal.

Por conseguinte, atingimos uma compreensão fundamental para o pensamento bakhtiniano: ser implica comunicar-se pelo diálogo, uma vez que o ser humano, como elucidou Marx e Engels (1999: 13), “em sua realidade, é o conjunto das relações sociais”, e a individualidade consiste numa síntese de múltiplas determinações decorrentes das relações sociais, o homem não pode existir enquanto ser social concreto sem encetar o diálogo. No momento em que cessa o diálogo, tudo se deteriora, pois é por meio da comunicação, da interação entre os homens que se dá a conhecer o “homem no homem” para os outros ou para si mesmo, e que, por conseqüência, ocorre a sua humanização. Esse entendimento é

fundamental para as pesquisas em Ciências Humanas e, de modo específico, na Educação, posto que elas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, mas sim ao homem em sua especificidade. A linguagem humana, a possibilidade de se expressar sempre (falar) constitui uma dessas especificidades humanas. “Quando estudamos o homem, buscamos e encontramos o signo em toda parte e devemos tentar compreender sua significação” (BAKHTIN, 2000: 341). Conseqüentemente, o conhecimento que temos do ser humano só pode assumir a perspectiva dialógica.

3 A CONTEMPORANEIDADE: A TEORIA BAKHTINIANA NA ESFERA DA EDUCAÇÃO

A obra teórica de Mikhail M. Bakhtin, em seu caráter original e vanguardista, tem sua apropriação cada vez mais intensificada no campo da Educação Brasileira desde o fim do século passado. Para compreendermos a amplitude mundial alçada pela obra do pensador russo, Brait (1998) fornece-nos alguns dados acerca da bakhtinianística no fim do século XX:

Para se ter uma idéia da amplitude alcançada pela fortuna crítica bakhtiniana, tanto na Rússia quanto no estrangeiro, e da impossibilidade de fornecer com precisão a totalidade dos textos que a compõem, basta observar duas tentativas de atualização: uma delas, *M. M. Bakhtin no Espelho da Crítica* (Moscou, 1995), reúne publicações aparecidas entre 1989 e 1995 e é composta de mais de mil títulos; a outra, publicada na revista de Vitebski *Diálogo. Carnaval. Cronotopo* (1994), reúne quase setecentos títulos, sem incluir as publicações russas. (BRAIT, 1998: 161).

Em Faraco (1999), encontramos considerações acerca da originalidade do pensamento bakhtiniano aliada a uma visão dos estudos brasileiros que o empregam como referencial teórico:

É esse forte tom de vanguarda que explica, certamente, a crescente legião de estudiosos, no Brasil e em toda parte, que se envolve com o pensamento de Bakhtin, traduzindo-lhe os textos, propondo-lhe exegeses; utilizando suas idéias para iluminar temas de lingüística, de literatura, de psicologia, de *educação*, de estética, de teoria cultural; organizando bases de dados, eventos e publicações. (FARACO, 1999: 115 – grifos nossos).

Já Paulo Bezerra (1997), no prefácio à segunda edição brasileira do livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, assinala de forma categórica a relevância da teoria de Bakhtin como pólo de resistência à hegemonia do pensamento neoliberal:

Traduzidas para o nosso contexto atual, essas concepções filosóficas de Bakhtin são um suporte teórico fundamental para aqueles que não aceitam a nova (?) concepção monológica do mundo e o discurso autoritário e pretensamente indiviso produzido pelos arautos da globalização neoliberal e do chamado fim da história (BEZERRA, 1997: XII).

Com relação aos estudos bakhtinianos na esfera da Educação, na revisão bibliográfica efetuada para esta pesquisa, realizamos um levantamento no banco de teses do sítio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – doravante Capes²³, o qual indicou a ocorrência de 31 dissertações e 15 teses, a partir da pesquisa no item assunto com os descritores *Bakhtin* [e] *enunciação* [ou] *dialogismo*. Contudo, nenhuma pesquisa, seja de mestrado, seja de doutorado, procurou empreender uma crítica à apropriação da teoria bakhtiniana no campo da Educação. Apenas a dissertação de Ornellas (1998) visou analisar a presença de Bakhtin em dissertações e teses da área de Letras, da USP e da PUC/SP, no período de 1972 a 1996, porém sua análise objetivou examinar as formas de referência denominadas citação textual, paráfrase e alusão sob a perspectiva dos estudos desenvolvidos pelo pensador russo acerca do discurso citado, o que distingue tal trabalho dos objetivos e da área de nossa pesquisa.

Já uma busca efetuada no sítio do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, com o descritor *Bakhtin* no item assunto, indicou a ocorrência de duas monografias e 10 artigos em periódicos. Novamente, não encontramos trabalhos cuja finalidade fosse análoga à perscrutada na presente pesquisa. Nesse sentido, a revisão bibliográfica apontou que não há pesquisa no campo da Educação Brasileira com objetivos semelhantes aos propostos em nossa investigação.

Para analisarmos a apropriação da teoria bakhtiniana na área da Educação, empreendemos inicialmente o levantamento dos artigos que empregam as categorias bakhtinianas da *enunciação* e do *dialogismo*, o qual respeitou os seguintes critérios: artigos que fossem publicados em periódicos específicos da área de Educação, no primeiro quinquênio do século XXI, com circulação há mais de 25 anos no país, indexação nacional e internacional, classificados com Qualis A pela

²³ Efetuamos as pesquisas nas bases virtuais da Capes e do Inep no dia 21 de agosto de 2005 e submetemos seu resultado à avaliação empreendida na disciplina “Produção de Pesquisa”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar.

Capex e, por fim, disponíveis na base de dados virtual denominada *Scientific Electronic Library Online* – Scielo.

A adoção dos critérios elencados deve-se ao objetivo de selecionarmos artigos em periódicos consolidados como importantes veículos de divulgação científica de nosso país, donde optamos pela observância dos anos de existência do periódico, sua indexação e classificação no Qualis pela Capex. A única revista que constitui uma exceção ao período de existência observado é a *Revista Brasileira de Educação*, uma vez que ela apresenta 12 anos de circulação. Entretanto, julgamos pertinente incluí-la por consistir numa publicação realizada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Anped, maior associação acadêmica da área de Educação do Brasil, além de apresentar um conceito A na classificação do Qualis e possuir nível internacional.

No que concerne à opção pela análise de artigos publicados em revistas científicas, fundamentamo-nos no fato de que eles constituem um meio amplamente utilizado na esfera acadêmica para a comunicação de pesquisas. Outra característica relativa aos artigos que consideramos importante para esta pesquisa consiste no fato de que, em geral, a comunidade acadêmica mais rapidamente toma conhecimento da ciência produzida em seu país e nos demais países do mundo por meio dos periódicos – especificidade essa que auxiliará nossa busca pela compreensão de como ocorre, na atualidade, a apropriação do pensamento bakhtiniano.

Com referência ao período de publicação dos artigos, a saber, os primeiros cinco anos do século XXI, tal recorte justifica-se pelo fato de que o emprego intensificado da teoria bakhtiniana no campo da Educação Brasileira é relativamente recente, iniciou-se, como indicou a revisão bibliográfica efetuada para esta pesquisa, na última década do século passado, bem como pelo objetivo de analisarmos a atual apropriação desse pensamento na referida esfera da Educação. Quanto à disponibilidade dos artigos na base virtual do Scielo, a seleção desse critério atende à ampliação de circulação e à facilidade de acesso de tais artigos entre os pesquisadores brasileiros que estudam a teoria bakhtiniana, proporcionadas por sua inserção na internet.

Por fim, os critérios adotados para a seleção de artigos, especificados nos parágrafos antecedentes, objetivam selecionar um universo de trabalhos, dentro da

heterogeneidade de estudos que empregam a teoria bakhtiniana na Educação, que resultem de um esforço efetivo de apropriação dessa teoria e não de um uso episódico proveniente de alguma espécie de “modismo” com relação ao pensamento de Bakhtin.

No que tange à metodologia de análise adotada na presente pesquisa, objetivamos verificar:

- a) de que forma ocorrem as aplicações da teoria bakhtiniana no campo da Educação Brasileira a partir da apropriação das categorias da *enunciação* e do *dialogismo* nos artigos selecionados;
- b) se o emprego das referidas categorias bakhtinianas realiza-se de modo fundamentado e encontra respaldo na obra de Bakhtin ou limita-se a um uso instrumental ou de outra ordem;
- c) quais são os limites e as possibilidades do emprego dessas categorias suscitados pelos pesquisadores brasileiros.

Por conseguinte, em conformidade com os critérios já detalhados empreendemos uma pesquisa na base de dados virtual Scielo, em 12 de junho de 2007, primeiramente com o descritor *Bakhtin*, num segundo momento, com os descritores *Bakhtin* [e] *dialogia* [ou] *dialógico* e por fim com *Bakhtin* [e] *enunciação* [ou] *enunciado*, sendo que as buscas percorreram todos os índices de seleção disponibilizados na base. Como resultado desse levantamento, obtivemos 11 artigos, arrolados na tabela a seguir:

NÚMERO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS POR PERIÓDICO						
Periódico/Ano	2001	2002	2003	2004	2005	Total por Periódico
<i>Cadernos de Pesquisa</i>	1	3	-	1	-	5
<i>Cadernos Cedes</i>	-	-	-	-	3	3
<i>Revista Brasileira de Educação</i>	-	-	1	1	-	2
<i>Educação e Pesquisa</i>	-	-	-	-	1	1
Total Geral						11 artigos

De acordo com os resultados apresentados na tabela, podemos observar que há a publicação de artigos de pesquisadores brasileiros que empregam a teoria bakhtiniana no campo da Educação em todo o período examinado, ainda que nos anos de 2001 e 2003 tenha vindo a lume apenas um artigo, respectivamente. Tal constatação é indicativa da crescente importância que essa teoria assume para as pesquisas em Educação, não obstante o fato de que o pensamento bakhtiniano não produziu um conhecimento específico dessa área.

Na seção subsequente, realizaremos a análise do emprego da teoria bakhtiniana nos artigos selecionados.

3.1 A Apropriação da Teoria Bakhtiniana na Esfera da Educação

Desenvolveremos, nesta seção, a análise dos artigos selecionados que empregam a teoria bakhtiniana no campo da Educação Brasileira. Para tanto, esclarecemos que nos deteremos primeiro no emprego da enunciação e, em seguida, do dialogismo²⁴. Salientamos também que, para efeito de exposição, discutiremos separadamente as particularidades relativas a cada uma das categorias suscitadas nos artigos, contudo no decurso da análise evidenciaremos como tais especificidades encontram-se intrinsecamente relacionadas no pensamento bakhtiniano e, por decorrência, nos próprios artigos. Será possível observar que em muitos momentos encontraremos uma discussão acerca tanto da enunciação quanto da dialogia em um único excerto retirado de um artigo, assim como somente um exemplo poderia ilustrar várias particularidades dessas categorias.

Com relação ao emprego da categoria da enunciação nos artigos selecionados, constatamos ocorrências que atentaram para a natureza social e histórica da enunciação e evidenciaram a compreensão de sua determinação de modo imediato pela situação e pelos participantes do ato de fala, assim como, nos níveis mais profundos de sua estrutura, pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis às quais estão submetidos os interlocutores. De acordo com o pensamento bakhtiniano, a enunciação constitui o resultado da interação de ao menos dois indivíduos socialmente organizados e, nesse sentido, a palavra enunciada sempre se encaminha a um interlocutor.

No artigo “Do texto pelas mãos do escritor ao texto nas mãos do leitor: pensando a leitura e a escrita na biblioteca”, Bernardes (2003) sustenta, com base nessa concepção de enunciação, que em virtude de a língua constituir-se como um processo de evolução ininterrupta, efetivado na e pela interação verbal dos interlocutores, a enunciação passa a ser “o motor essencial da língua” (BERNARDES, 2003: 80). Logo, a realidade essencial da linguagem é o seu caráter dialógico, compreendido somente no fluxo da comunicação verbal:

²⁴ Não trataremos de todas as questões abordadas e/ou suscitadas pelos artigos, mas apenas as que se referem à aplicação das referidas categorias.

Toda *enunciação* é, portanto, diálogo, ou seja, não há *enunciado* isolado. Para Bakhtin, qualquer *enunciado* – oral ou escrito – faz parte de um processo de comunicação ininterrupto, pressupondo, além da presença concomitante de um ser falante e de um ser ouvinte, aqueles *enunciados* que o antecederam e todos os que o sucederão. Caracteriza-se o *enunciado*, então, como um elo de uma grande cadeia *dialógica* que só pode ser compreendido no interior dessa cadeia. (BERNARDES, 2003: 80 – grifos nossos).

No capítulo anterior, pudemos observar que, para Bakhtin, toda enunciação nasce no diálogo como sua réplica ativa e se desenvolve sobre a mútua-orientação dialógica do discurso de outrem, ou seja, toda enunciação é um elo numa cadeia de comunicação verbal em uma determinada esfera da atividade humana e pressupõe outras enunciações que a antecederam e lhe sucederão. Encontramos tal fato indicado tanto por Bernardes (2003), no excerto anterior, como por Freitas (2005), no artigo “*Sites* construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação”, ao justificar o emprego da teoria bakhtiniana na esfera digital em virtude do:

[...] olhar extraposto a partir do qual [Bakhtin] via a linguagem [o que] lhe permitiu valorizar o discurso múltiplo, *dialógico*, a compreensão de que todo discurso recolhe o discurso alheio. Esses aspectos por ele valorizados estão presentes na linguagem que se produz no meio digital. (FREITAS, 2005: 98 – grifo nosso).

Segundo o pensador russo, a utilização da língua pelos falantes realiza-se em forma de enunciações (orais e escritas), concretas e únicas, originadas dos integrantes de uma dada esfera da atividade humana, embora o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados quanto os próprios campos da atividade humana. Não obstante, todas as nossas enunciações dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo, ou seja, de um gênero do discurso. A escolha de um determinado gênero depende, por consequência, da especificidade de um dado campo da comunicação verbal, das necessidades de uma temática, do conjunto constituído dos parceiros, dos problemas de execução que o objeto de sentido implica para o locutor, dentre outros.

No que tange à concepção de gênero do discurso na teoria bakhtiniana, verificamos seu enfoque em três dos artigos selecionados. No primeiro, denominado “(Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever”, Costa (2005) argumenta que “os gêneros encontram-se nas práticas sociais da linguagem, são muito variados e de grande amplitude, fazem parte do cotidiano dos interlocutores e desenvolvem-se com as experiências adquiridas no curso da História” (COSTA, 2005: 104). Nesse sentido, para o pesquisador, na produção de um gênero ocorre sempre uma interação determinada e estabelecida pela organização enunciativa da situação de produção, que envolve o lugar social da interação, os lugares sociais dos interlocutores ou enunciadores e as finalidades da interação.

Assim sendo, Costa (2005) avalia que o computador consistiria no mediador que alteraria o discurso e levaria à criação de outros gêneros textuais e a novas maneiras de ler/escrever. Um novo meio tecnológico tem uma interferência na estabilização e na natureza dos gêneros produzidos em dadas situações históricas, sociais e culturais. Aliás, em consonância com a teoria bakhtiniana, o pesquisador sustenta que a própria estabilidade dos gêneros é relativa. Portanto, defende que a organização espacial enunciativa, proporcionada pela ferramenta e pelos programas, gera possibilidades de produção e recepção originais:

O espaço de escrita numérica, dinâmica e interativa, autoriza e estimula as interações entre autor-leitor-texto. Porém trata-se de um modo de comunicação e de uma situação de *enunciação* complexos, que se desenrolam num espaço enunciativo também complexo, que favorece a heterogeneidade enunciativa e receptiva, e, portanto, a produção de escritas de diversas naturezas, inclusive a emergência de novos gêneros. (COSTA, 2005: 107 – grifo nosso).

De acordo com o autor, em virtude das mudanças proporcionadas pela internet, as “novas motivações enunciativas (relações de amizade entre interlocutores, atitudes lúdicas da conversa-escrita teclada, buscas de expressividade, emoção ou afetividade)” (Idem, 2005: 110) desse novo campo da vida social geram uma variedade de linguagem, relativa a esse novo modo de comunicação, e fomentam a manifestação de novos gêneros do discurso ciberespacial, os quais possuem uma nova entidade enunciativa e indicam um novo processo de leitura/escrita:

A internet é virtual, múltipla, multimidiática, heterogênea, multifacetada, não-linear, autônoma, desterritorializada, desmaterializada: um ciberespaço, um hiperespaço, uma entidade enunciativa nova. Ela permite uma escrita/leitura que não são mais limitadas geograficamente. Passamos de uma lógica linear para uma lógica multidimensionada, cuja relação de construção de sentido é múltipla no ciberespaço. (COSTA, 2005: 110).

Costa (2005) argumenta, ainda, que a disposição do texto impresso é linear e confunde-se com a ordem da página, à medida que nos hipermídias a organização do espaço enunciativo não é única e assume a forma de uma rede, cujas páginas se vinculam a muitas outras por meio de (hiper)palavras ou palavras/expressões-chave, as quais se proliferam pela internet em todo tipo de *sites*. Dessa forma, o pesquisador esclarece que “o texto tradicional propõe ao leitor um percurso fixo, ao passo que o hipertexto dá o leitor a opção de construir progressivamente um conjunto fugaz de elementos textuais, a seu bel-prazer” (COSTA, 2005: 112).

As singularidades do hipertexto (modularidade, virtualidade, multimodalidade, interatividade) alteraram a escrita e a leitura devido à virtualidade, ou seja, as potencialidades e as possibilidades proporcionadas pela transformação de texto. Assim, o hipertexto pode ser explorado em profundidade, de modo combinatório, ramificado e descendente, pois cada elemento textual contém uma porta de acesso a outros elementos; tornando-o um produto mais complexo que as formas textuais tradicionais. No entanto, Costa (2005: 113) salienta que ler e escrever hipertextualmente não constituem uma exclusividade da internet, visto que a diferença entre o hipertexto virtual e o texto-papel não reside no produto (o artefato empírico), mas na “construção textual, isto é, a textualidade de um e de outro, em que linearidade ou não-linearidade é o resultado de um princípio textual”.

Quanto ao artigo “Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção”, Pereira (2002) utiliza a categoria enunciado²⁵ para assinalar a relação dos gêneros secundários com os primários ao ressaltar o vínculo entre vida e arte a partir da interação entre artista e contemplador da obra artística:

²⁵ Não devemos esquecer que consideramos neste trabalho os termos *enunciação* e *enunciado* como sinônimos, uma vez que ambos constituem a tradução de uma única palavra russa, fato esse discutido na seção acerca da categoria da enunciação.

[...] para compreender os *enunciados* específicos do campo da arte, se torna necessário buscar auxílio em outras esferas da produção humana – o que inclui a vida cotidiana – pois os *enunciados* originados nessas outras esferas já contêm em germe a forma artística, uma vez que a arte dialoga com outros campos de produção (Stam, 1992). (PEREIRA, 2002: 96 – grifos nossos).

Já o terceiro artigo também visa refletir sobre os gêneros discursivos no ciberespaço, Freitas (2005) salienta que “a utilização da língua efetua-se em forma de *enunciados* orais e escritos que emergem de diferentes esferas da atividade humana” (Idem, 2005: 96 – grifo nosso), ao passo que cada uma dessas esferas elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, a saber, os gêneros. Logo,

Ao compreender a *enuniação* como unidade da comunicação verbal, partimos do pressuposto de que ela se constrói no processo constituído por uma interação verbal específica, nascida de um tipo de intercâmbio comunicativo social também específico. (FREITAS, 2005: 97 – grifo nosso).

Hoje, com a tecnologia informática, a escrita exige novas operações em razão de novas necessidades, como a própria velocidade dos bits, que estão levando a novas formas de escrever com um retorno ao gênero primário, com transformações. (FREITAS, 2005: 97).

Dessa forma, a pesquisadora defende que se tem na teoria bakhtiniana um campo fecundo para a reflexão a respeito dessa nova esfera da atividade humana – a virtual, visto que a língua não permanece como algo morto e estático, mas em constante devir que segue a vida social. “Nessa comunicação se elaboram os mais diversos tipos de *enunicações* que se adequam às situações nas quais se realizam. Para compreender as *enunicações* é preciso ver o vínculo com a situação social que as provoca” (Idem, 2005: 99 – grifos nossos). Onde a autora conclui que o ciberespaço revela-se como um novo espaço de interações, o qual propicia aos internautas uma leitura/escrita não-sequencial, não-linear, ramificada que possibilita uma variada tipologização de textos pertencentes ao, por ela denominado, “gênero internético”.

Outro aspecto observado no emprego da categoria da enuniação em alguns dos artigos refere-se ao entendimento de que, para a teoria bakhtiniana, a

compreensão de uma enunciação é uma forma de diálogo, uma vez que nesse processo correspondemos cada palavra da enunciação do outro a um conjunto de palavras nossas, produzindo uma espécie de réplica ou um embrião de uma resposta, isto é, toda compreensão é acompanhada de uma atitude responsiva ativa.

No artigo “Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão”, Salgado, Pereira & Jobim e Souza (2005) exploram esse caráter da compreensão da enunciação no pensamento bakhtiniano ao refletirem acerca da natureza constitutivamente dialógica dos enunciados:

Todos os *enunciados* são respostas a outros que já foram ditos e que serão ditos. Sua própria compreensão exige uma resposta, que faz do interlocutor também um locutor. Neste sentido, as fronteiras entre os *enunciados* se definem por essa alternância dos falantes, que, mesmo na posição de ouvintes, participam ativamente da construção dos *enunciados*, uma vez que o locutor não se expressa em um mundo mudo, mas para alguém que tem sempre o direito de réplica. (SALGADO, PEREIRA & JOBIM E SOUZA, 2005: 15 – grifos nossos).

Dessa forma, as autoras argumentam que como para Bakhtin toda e qualquer produção cultural se expressa na linguagem, esse fato garante-lhes a possibilidade de “estender suas considerações teóricas e metodológicas a *enunciados* que escapam da forma oral e escrita, como é o caso das imagens” (Idem, 2005: 15 – grifos nossos).

A concepção bakhtiniana acerca do processo de compreensão da enunciação também se faz presente em Freitas (2005), quando a pesquisadora considerou a leitura realizada no processo de análise dos *sites* como uma observação, a partir da qual se busca uma “compreensão ativa, que no dizer de Bakhtin (1988) é responsiva, construída no encontro dos diferentes *enunciados* produzidos entre os sujeitos” (FREITAS, 2005: 89 – grifo nosso). A autora salienta que o processo de compreensão dos *sites* procurou construir com os sujeitos os sentidos dos eventos analisados de modo interativo, a saber, pelo movimento de leitura da HP e pela oportunidade de contato via *e-mail*, *link* “fale conosco”, ou “livro de recados” disponibilizados pelo autor do *site*.

Não obstante, com relação ao emprego da categoria da enunciação, verificamos a ocorrência de uma diferenciação entre enunciação e enunciado que consideramos não encontrar respaldo na obra bakhtiniana, pois contrariamente às teorias enunciativas estruturalistas, o autor russo não realiza uma distinção entre o produto e o processo da enunciação. Encontramos essa dicotomização da enunciação em níveis, nos artigos dos pesquisadores Amorim (2002), Nunes-Macedo, Mortimer e Green (2004) e Kramer (2004).

Em “Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas”, julgamos que Amorim (2002) emprega a categoria da enunciação a partir de uma acepção estruturalista, própria da teoria de Benveniste, que dicotomiza o ato enunciativo em dois níveis, a saber, o da enunciação e do enunciado, concepção essa ausente das considerações bakhtinianas sobre a enunciação. Podemos observar esse procedimento nos excertos a seguir:

A subjetividade no texto de pesquisa não está no modo de um diário, mais ou menos íntimo, ou de confissões implicacionistas que, de todo modo, se dão sempre no *nível do enunciado*. E quanto ao *nível da enunciação* e da relação forma/conteúdo, é bom saber que a subjetividade também não significa grandes delírios ou dispersões pois, segundo Bakhtin, o objeto impõe sempre seus constrangimentos para que se possa falar dele. (AMORIM, 2002: 18 – grifos nossos).

A questão da verdade coloca-se no *nível do enunciado* e a questão do acontecimento – acontecimento do encontro entre o pesquisador e seus outros – no *nível da enunciação*. A busca de uma verdade, mesmo provisória e em movimento, remete àquilo que no *enunciado* se propõe como válido e repetível, independentemente do contexto. [...] O acontecimento, ao contrário, remete ao que houve de irrepetível e de intransmissível nesta pesquisa. (AMORIM, 2002: 18 – grifos nossos).

No artigo “A constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no primeiro ciclo”, Nunes-Macedo, Mortimer e Green (2004) abordam a questão da enunciação como decorrente da concepção dialógica da linguagem desenvolvida por Bakhtin, porém realizam uma distinção entre enunciação e enunciado, como indica o exemplo a seguir:

Bakhtin (1995) postula que a interação verbal, de natureza dialógica e social, é a categoria básica da concepção de linguagem como um fenômeno social, marcado ideologicamente. Disso decorre que o enunciado é a unidade dos processos de interação verbal, a “verdadeira unidade da comunicação verbal”. Para Bakhtin, o *diálogo*, concebido como um processo que ultrapassa a interação face a face, é o traço fundamental do enunciado e da enunciação. (NUNES-MACEDO; MORTIMER; GREEN, 2004: 18 – grifo dos autores).

Já Kramer (2004), em “Professoras de educação infantil e mudança: reflexões a partir de Bakhtin”, ao justificar sua opção pelas entrevistas coletivas, discute que essas propiciam um ambiente dialógico, oferecem aos participantes a oportunidade de se manifestarem e interagirem entre si e com os pesquisadores, entre outros. Entretanto, a autora evidencia um dilema teórico-metodológico, no que se refere ao material empírico disponível a partir das entrevistas, o qual nos revelará sua concepção de enunciação:

Do ponto de vista teórico, a necessidade de fundamentar a utilização da entrevista coletiva como estratégia metodológica levou-me a recorrer a Bakhtin, buscando fundamentos para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas: de acordo com a concepção de linguagem do autor, para entender o que é dito é preciso conhecer não só o *enunciado*, mas fundamentalmente o contexto da *enunciação*. Esta concepção e os conceitos apresentados em muitas de suas obras (1982, 1988, 1988a, entre outras) permitem entender que, na produção dos discursos, os lugares que as pessoas ocupam interferem no significado produzido. [...] Na *enunciação*, os lugares e as condições de onde são proferidas as palavras produzem sentidos. (KRAMER, 2004: 504 – grifos nossos).

No capítulo precedente, procuramos demonstrar que para Bakhtin a enunciação é uma realidade que abarca tanto o acontecimento único e irreproduzível na existência, quanto a unidade da cadeia de comunicação verbal ininterrupta. Aliás, uma das características que torna fecundo o pensamento bakhtiniano consiste justamente em nos fazer pensar não por dicotomias ou pelo hiperdimensionamento das partes, mas por uma complexa dinâmica em que a língua penetra a vida a partir de enunciações concretas; enquanto a vida adentra a língua por meio dessas enunciações, resultantes da interação entre sujeitos constituídos e imersos em condições sociais e históricas determinadas.

Nesse sentido, observamos dois aspectos que podem apontar algumas razões para esse equivocado processo de dicotomização da categoria bakhtiniana da enunciação. O primeiro consiste no problema da falta de uniformidade terminológica das traduções brasileiras, nas quais a palavra russa *vyskazyvanie* foi vertida para o português ora como enunciação, ora como enunciado. Como discutimos anteriormente, consideramos que uma compreensão ativa do todo da obra bakhtiniana, consoante Souza (2002b), permite tomar os termos enunciação e enunciado como sinônimos, uma vez que o próprio pensador russo, coerente com sua filosofia da linguagem, não tencionou estabelecer esse tipo de distinção. Desse modo, avaliamos que a falta de uniformidade terminológica no que se refere à categoria da enunciação, a princípio, poderia gerar esse tipo de incompreensão interpretativa, porém entendemos que esse fato deve ser superado por uma perspectiva que vise a compreensão do todo da obra bakhtiniana.

Quanto ao segundo aspecto referente à dicotomização da enunciação, ele deve-se ao fato de o contexto científico que envolve a teoria de Benveniste assumir relevo no fluxo da obra do Círculo Bakhtiniano no Ocidente, embora a teoria enunciativa de Benveniste seja posterior a maioria das obras sobre a enunciação de Bakhtin e seu Círculo. Souza (2002b) argumenta que a influência desse contexto ocorre em três dos principais divulgadores da obra bakhtiniana na França, quais sejam, “Julia Kristeva, Marina Yaguello e Tzvetan Todorov, todos eles com forte ligação e envolvidos com as idéias de Benveniste em relação à *enunciação*” (SOUZA, 2002b: 48 – grifo nosso). Assim, cria-se um terreno propício a um entendimento ambíguo da categoria da enunciação em Bakhtin, gerando um esforço para se ajustar essa teoria ao quadro do estruturalismo, o que de nenhum modo garante alguma legitimidade a essa interpretação. Ademais, ela oblitera toda a crítica bakhtiniana ao “objetivismo abstrato”. Por fim, salientamos que esse problema de interpretação da teoria enunciativa bakhtiniana já ocorre e é identificado em outras áreas do meio científico (em geral, na Lingüística), sendo, portanto, transferido para o campo da Educação; o que nos permite questionar se a apropriação do pensamento de Bakhtin, na Educação Brasileira, ocorre de forma crítica e fundamentada.

No que se refere ao emprego da categoria do dialogismo, observamos a ocorrência de artigos que apresentaram a compreensão de que, para Bakhtin, a

comunicação dialógica constitui o verdadeiro campo de existência da linguagem, uma vez que as relações dialógicas abarcam toda a linguagem humana e todas as esferas da vida humana. Encontramos indicações desse entendimento quando tratamos da apropriação da categoria da enunciação pelos pesquisadores brasileiros, por exemplo, em Bernardes (2003), Freitas (2005) e Salgado, Pereira & Jobim e Souza (2005). Tal compreensão do dialogismo também se faz presente em Freitas (2002), no artigo “A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa”, pois quando a autora analisa as perspectivas abertas por essa abordagem para a investigação qualitativa na esfera das Ciências Humanas, indica justamente o caráter dialógico da entrevista:

Entendemos a entrevista como produção de linguagem, uma vez que esta se realiza pela interação verbal, cuja realidade fundamental é o seu caráter *dialógico*. Para Bakhtin (1992), o *enunciado* é a unidade real da comunicação discursiva. Vemos a entrevista como um espaço de produção de *enunciados* que se alternam e que constroem um sentido na interação das pessoas envolvidas. (FREITAS, 2002: 37).

Com relação à natureza dialógica da linguagem, discutimos anteriormente que, como decorrência do caráter essencialmente social e histórico do ser humano, o dialogismo aponta para a impossibilidade de se pensar o ser sem o outro, ou seja, para o fato de que a subjetividade tem um caráter social e intersubjetivo. Dessa forma, o pensamento humano apenas se torna autêntico em situação de contato efetivo com o pensamento dos outros, na comunicação dialogada entre as consciências, enfim, quando assume relações dialógicas com as idéias de outrem. Segundo Bakhtin, a própria experiência verbal individual do homem adquire forma e evolui somente por meio da interação contínua e permanente com as enunciações dos outros.

No que tange à concepção de subjetividade expressa na obra bakhtiniana, quatro artigos fazem referências diretas a essa questão. A primeira ocorrência dá-se em Pereira (2002), quando a pesquisadora pondera que:

Toda criação ou toda compreensão é sempre fruto de um diálogo, sempre parte de uma relação de alteridade, de um contexto em que

os “eus” são autores uns dos outros, co-autores das suas produções. A “autoria” é também criação de si mesmo, posto que o *self* não existe fora do *dialógico*, é permanente presença do outro: o eu precisa daquilo que o outro vê. (PEREIRA, 2002: 98 – grifos nossos).

No segundo artigo, observamos que Bernardes (2003) aborda a dimensão dialógica da enunciação para entender a relação entre os sujeitos da linguagem nos processos de constituição da subjetividade, donde depreende que:

Não há, pois, para a perspectiva bakhtiniana, um terreno estável de constituição, um sujeito pronto e acabado que se apropria, durante a efetivação dos seus atos de leitura e de escrita, de uma língua também pronta e acabada. Ler e escrever consistem, nesse sentido, em espaços ampliados de formação e constituição que se dão em tempos e modos diversos. (BERNARDES, 2003: 81).

Já Lodi (2005), no artigo “Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos”, argumenta que “a subjetividade para Bakhtin (1920-1930; 1970-1971) é construída numa relação sempre *dialógica* com o(s) outro(s)” para concluir que “a construção da subjetividade do ser surdo depende, fundamentalmente, da relação que eles estabelecem [sic] tanto com seus pares quanto com ouvintes [...]” (LODI, 2005: 419 – grifos nossos).

Por fim, no trabalho de Salgado, Pereira e Jobim e Souza (2005: 10), as pesquisadoras procuram realizar uma “análise crítica da infância contemporânea e da sua relação com a televisão”. Para tanto, partem da compreensão de que “é na relação *dialógica* e alteritária do adulto com a criança que encontramos o fundamento teórico-metodológico da pesquisa [...]” (SALGADO, PEREIRA & JOBIM E SOUZA, 2005: 10). Tais reflexões originaram-se a partir de uma pesquisa de campo, com caráter de intervenção, realizada com uma turma de 21 crianças da Educação Infantil, cuja idade variava entre cinco e seis anos.

Dessa forma, as autoras consideram os programas televisivos voltados ao público infantil como enunciados portadores de sentidos tensos, discursos culturais dirigidos às crianças, sobre a vida social:

São, portanto, *enunciados* que expressam formas de conceber a infância no mundo contemporâneo e de estabelecer diálogos com as crianças, convidando-as a participarem do mundo. Diante disto, pretendemos compreender como e de que forma as crianças se apropriam desses *enunciados*, como manipulam e interagem com esses discursos e como estes, por sua vez, participam do processo de constituição de sua subjetividade, sem perder de vista a *dialogia* aí também presente, pois esse processo implica escolhas e assimilações dos discursos alheios. (SALGADO, PEREIRA & JOBIM E SOUZA, 2005: 15-16 – grifos nossos).

Por conseguinte, as pesquisadoras defendem o dialogismo como um caminho possível para compreender a criança em sua singularidade. “Em uma perspectiva *dialógica*, entendemos a criança como o outro do adulto, como um sujeito, cuja presença inquieta nosso olhar e nossos saberes” (Idem, 2005: 15 – grifo nosso). Salgado, Pereira e Jobim e Souza (2005) julgam que a pesquisa com crianças, a partir dessa perspectiva dialógica, permite escutar as vozes que foram ou estão emudecidas; salientam também que numa cultura infantil em que a presença do adulto torna-se cada vez mais evanescente, a retomada do diálogo entre crianças e adultos, cada dia menos freqüente nas cenas midiáticas e nas situações da vida cotidiana, propicia “o resgate da alteridade, das relações humanas assentadas na aceitação do outro como contrapartida ao individualismo e à onipotência, tão acentuados em nossa cultura” (Idem, 2005: 22).

Neste momento, enfocaremos o emprego do dialogismo nos artigos que tratam os atos de leitura e escrita como um processo incessantemente ativo de comunicação dialógica, se considerados a partir de uma perspectiva real, concreta e histórica da língua, tal como indica Bakhtin. Essa compreensão ocorre em Bernardes (2003), no momento em que a pesquisadora visa refletir sobre o ato de leitura e de escrita na biblioteca, considerada não apenas como uma instância cultural, mas também como um espaço discursivo no qual se confrontam variadas vozes:

Nesse sentido, focalizando a biblioteca em sua dimensão textual-discursiva, busco, neste texto, com base nos pressupostos da teoria enunciativa da linguagem desse autor [Bakhtin], erigir uma concepção dos atos de ler e escrever em seus processos de construção no texto, assim como em suas formas de efetivação enquanto práticas sócio-culturais [sic] nas diversas esferas da atividade humana. (BERNARDES, 2003: 79).

Com efeito, a pesquisadora pondera que as práticas de leitura e escrita na ou a partir da biblioteca compelem “o sujeito a construir sobre o mundo que o cerca uma representação, oferecendo-a e contrapondo-a à representação de um “outro”” (Idem, 2003: 80), ou seja, trata-se de perceber que as práticas discursivas, se consideradas em sua realidade concreta e viva, estão sempre imersas numa rede intrincada de relações dialógicas.

Bernardes (2003) retoma a concepção da atividade de leitura/escrita como um ato essencialmente dialógico, nas seções do artigo destinadas a refletir sobre a arte da escrita e a da leitura, de modo a evidenciar que o processo de criação de uma obra envolve, em sua essência:

[...] a participação ativa de um ouvinte/leitor potencial e/ou virtual, a atividade da leitura passa a ser, então, uma atividade de co-enunciação, no sentido de que aquele que escreve antecipa, na própria geração de seu texto, os movimentos daquele que, um dia, irá tê-lo em suas mãos. (BERNARDES, 2003: 82).

Por sua vez a leitura, enquanto prática sociocultural, ação entre interlocutores, demanda o cotejo de contrapalavras que o leitor contrapõe ao texto por meio de um processo que “se efetua, primordialmente, via atitude responsiva ativa de dado *enunciado* no processo de compreensão num contexto específico” (Idem, 2003: 85 – grifo nosso). Portanto, o espaço da biblioteca, repleto de experiências da humanidade, “ao se atualizar no movimento da leitura e da escrita, torna-se, assim, como a própria linguagem, um lugar vivo e inquietante” (Idem, 2003: 82). A pesquisadora depreende, enfim, que pensar a leitura e a escrita na biblioteca requer superar os sentidos habitualmente atribuídos e consolidados a respeito desse espaço de leituras, os quais visam fechá-lo sob um único prisma, obliterando os múltiplos sentidos possíveis da linguagem.

Quanto a Freitas (2005), a autora pretende compreender como o hipertexto digital propicia o diálogo entre textos e entre pessoas. Nesse sentido, a pesquisadora avaliou o processo de leitura/escrita manifesto nos *sites* produzidos por adolescentes “como uma atividade que traz em si o *dialogismo* bakhtiniano, já que estamos diante do hipertexto digital que favorece uma construção dialogada ou

mesmo de muitas vozes” (Idem, 2005: 94 – grifo nosso). Assim, considera que o escritor de um hipertexto realiza uma série de previsões para ligações potenciais entre segmentos, os quais se convertem em opções de escolha para os hipernavegadores; ao passo que os leitores têm condições de determinar interativamente o fluxo de sua leitura, definindo a ordem da leitura e o conteúdo a ser lido, numa espécie de autoria coletiva ou co-autoria.

A leitura/escrita do hipertexto digital consiste, pois, num processo multilinearizado, multisseqüencial e indeterminado, propício ao diálogo entre textos e interlocutores, como pondera a pesquisadora:

Nessa visão, o hipertexto pode ser visto como um evento textual-dialógico. [...] Ato dialógico este que se dá em duas vias: diálogo entre textos e o diálogo entre pessoas. Contudo, essas duas vias estão diretamente interconectadas, tornando impossível vislumbrar uma sem considerar a outra. Podemos dizer que cada *link* de um *site* se apresenta como um indicador de uma enunciação, gerando assim uma corrente de comunicação verbal ininterrupta que une interesses e experiências partilhadas em processos de comunicação, interpretação e negociação, possibilitando que as pessoas construam de forma partilhada seus conhecimentos. O hipertexto pode promover a construção social do conhecimento pela interação que redistribui o poder e a autoridade na produção textual. (FREITAS, 2005: 96 – grifos da autora).

No que se refere ao processo de leitura e escrita, Lodi (2005) relata o desenvolvimento de nove oficinas de leitura com um grupo de surdos adultos, numa situação bilíngüe e salienta que:

Nesse espaço, a leitura foi compreendida como um processo de compreensão ativa, no qual os múltiplos sentidos em circulação no texto são construídos a partir de uma relação dialógica estabelecida entre autor e leitor, entre leitor e texto e entre os múltiplos enunciados, as múltiplas vozes e linguagens sociais que ecoam no texto. (LODI, 2005: 422).

A pesquisadora defende também que, com o intermédio da língua de sinais, os surdos podem ter acesso à escrita por meio de práticas sociais em que “a escrita é usada em sua dimensão discursiva, propiciando o estabelecimento das *relações dialógicas* dela constitutivas” (LODI, 2005: 421 – grifos nossos).

Outro aspecto relacionado à teoria bakhtiniana, abordado em um dos artigos selecionados, reside no fato de que no signo se confrontam índices sociais de valor contraditório. Em virtude de se realizar no processo de interação social, pudemos perceber que para o pensador russo, todo signo encontra-se marcado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social definido. No momento de sua apropriação pelos falantes, a palavra não se acha numa língua neutra e impessoal, como num dicionário, mas sim nos contextos de outrem e em função das intenções de outrem. Por conseqüência, a palavra enunciada apresenta-se como resultante da interação real das forças sociais, na qual se entrecruzam e lutam valores sociais de orientação contrastante. Nesse sentido, diversos são os fatores que geram a estratificação da linguagem, estendendo-se desde os decorrentes do tempo, da distribuição geográfica e social dos falantes até os fatores responsáveis pela saturação da linguagem – os índices sociais de valor.

Assim sendo, Freitas (2002) emprega as categorias da enunciação e do dialogismo para compreender a natureza real da linguagem, ao tratar da entrevista na pesquisa qualitativa de cunho sócio-histórico, como constatamos no excerto a seguir:

Ela [a entrevista] não se reduz a uma troca de perguntas e de respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, *dialógica*. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As *enunciações* acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre interlocutores, depende de com quem se fala. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social. (FREITAS, 2002: 29 – grifos nossos).

De acordo com a autora, a contextualização não só do sujeito entrevistado, mas também do pesquisador assume, então, relevância diante dessa perspectiva:

Para Bakhtin (1988), cada pessoa tem um certo horizonte social definido e estabelecido que orienta a sua compreensão e que o coloca diante de seu interlocutor com uma forma própria de relacionamento. A partir dessa situação social, do lugar em que se

situa, é que constrói suas deduções, suas motivações e apreciações. A leitura que faz do outro e dos acontecimentos que o cercam está impregnada do lugar de onde fala e orientada pela perspectiva teórica que conduz a investigação. (FREITAS, 2002: 29-30).

Por conseqüência, a pesquisadora considera que o investigador é igualmente um ser social, faz parte da investigação e suas análises realizam-se a partir do lugar sócio-histórico em que ele se situa, além de dependerem das relações intersubjetivas por ele mantidas com os seus sujeitos da pesquisa.

No universo de pesquisa analisado, observamos também a ocorrência de artigo que abordou a necessidade de as Ciências Humanas estudarem o homem como sujeito, o que implica considerar o ser humano em sua especificidade de se expressar sempre (falar). Segundo a teoria bakhtiniana, nas Ciências Humanas há uma relação entre sujeitos e o estudo torna-se interrogação e interação, conseqüentemente o conhecimento que se tem do ser humano só pode ser dialógico. Nesse sentido, a questão do restabelecimento, da transmissão e da interpretação das palavras de outrem surge relacionada ao conteúdo objetivo das próprias Ciências Humanas.

Freitas (2002) utiliza a categoria bakhtiniana do dialogismo para tratar da reflexão empreendida por Bakhtin sobre a especificidade das Ciências Humanas, ou seja, segundo a pesquisadora, o estudo do homem como ser humano, como sujeito implica considerá-lo em processo de contínua expressão e criação. Desse modo, a autora salienta que as Ciências humanas não podem chegar à cientificidade própria das Ciências Exatas, uma vez que nestas o pesquisador encontra-se diante de um objeto mudo que precisa ser observado para ser conhecido, ele fala desse objeto e não com ele, logo, adota uma postura monológica de conhecimento. Já nas Ciências Humanas o pesquisador está frente um sujeito que tem voz, não pode tratá-lo como um objeto mudo, e deve, então, estabelecer um diálogo com ele:

Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma *interação sujeito-objeto* para uma *relação entre sujeitos*. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva *dialógica*. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação. O homem não pode ser apenas objeto de uma *explicação*, produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve ser também *compreendido*, processo

esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto, dialógico. (FREITAS, 2002: 24-25 – grifos da autora).

A pesquisadora pondera que Bakhtin contribui com a reflexão sobre uma nova atitude em relação à pesquisa em Ciências Humanas ao atentar para o fato de que todo conhecimento é sempre construído num processo de interação entre as pessoas. Assim sendo, sustenta que o enfoque sócio-histórico na pesquisa qualitativa proporciona a compreensão dos fenômenos em sua complexidade e em seu acontecer histórico. Por fim, Freitas (2002) assevera que a pesquisa qualitativa conduzida pela abordagem sócio-histórica constitui uma instância de aprendizagem e de produção do conhecimento.

Não obstante, a partir do exame da categoria do dialogismo nos artigos selecionados verificamos o estabelecimento de uma identificação ou sinonímia entre dialogismo e polifonia, fato esse que julgamos não encontrar respaldo na teoria bakhtiniana. Dessa forma, em virtude de a dialogia ser um traço constitutivo da linguagem em todas as suas realizações, os autores Mello (2001), Amorim (2002) e Nunes-Macedo, Mortimer e Green (2004) sugerem e/ou defendem em seus artigos uma controversa identificação entre polifonia e dialogismo, como poderemos observar nos exemplos a seguir.

No artigo “Relendo Luria: os limites de uma perspectiva”, ao focar trechos de uma entrevista realizada com três sujeitos, Mello (2001) sustenta que em tal entrevista “parece acontecer é uma elaboração *polifônica* das *enunciações*”, ou seja, “para tornar compreensível seus pontos de vista para o entrevistador, os sujeitos vão tornando palavras concepções que, por serem compartilhadas, não necessitavam da palavra anteriormente” (MELLO, 2001: 116 - grifos nossos).

Já Amorim (2002) procura tecer, no artigo supracitado, uma breve reflexão acerca das teorias da enunciação de Benveniste e Bakhtin. Discorre, então, sobre um aspecto que a autora considera ser diferenciador entre as duas teorias, o qual nos indicará essa identificação entre polifonia e dialogia:

[Em Benveniste] A enunciação é lugar de expressão e, mais ainda, de constituição de subjetividade, mas seu sentido só se produz numa relação de alteridade. Em Bakhtin, no entanto, o caráter de alteridade do enunciado se radicaliza: desdobrando os lugares enunciativos ao

infinito, seu *enunciado dialógico merece bem ser chamado de polifônico*, pois uma multiplicidade de vozes pode ser ouvida no mesmo lugar. (AMORIM, 2002: 8 – grifos nossos).

Após tecer suas considerações a respeito do lugar das vozes constitutivas do texto e de sua contribuição para a compreensão do texto em pesquisa de Ciências Humanas, Amorim (2002) focaliza o problema do monologismo em contraposição ao dialogismo:

Todos aqueles que conhecem a obra de Bakhtin e talvez até aqueles que dela apenas ouviram falar conhecem a célebre oposição entre discurso monológico e discurso dialógico. Monológico é o discurso de uma só voz, e *dialógico ou polifônico*, o discurso de múltiplas vozes. (AMORIM, 2002: 11 – grifos nossos).

Como pudemos notar no excerto precedente, a pesquisadora toma como sinônimos dialogismo e polifonia. Tal procedimento também se faz presente quando a autora visa esclarecer sua concepção de polifonia, estabelecida no artigo em contraposição ao conceito de polissemia. “A polifonia é da ordem do discurso e, portanto, do acontecimento: outras vozes se fazem ouvir, num dado momento, num dado lugar, dando origem a uma multiplicidade de sentidos” (Idem, 2002: 12).

De acordo com Amorim (2002), as reflexões de Bakhtin a respeito das vozes presentes no texto (particularmente as relativas ao destinatário suposto e real, ao sobredestinatário, ao lugar do objeto da enunciação, ao locutor e ao autor) fornecem subsídios para se pensar a relação entre o pesquisador e o seu outro num contexto epistemológico e ético-político. “Parece-me que a grande contribuição da *abordagem polifônica* em Ciências Humanas consiste em tornar problemática toda ilusão de transparência de um texto de pesquisa” (AMORIM, 2002: 12 – grifos nossos).

Com relação ao artigo “A constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no primeiro ciclo”, o estudo acerca do estabelecimento das interações na sala de aula conduz os autores Nunes-Macedo, Mortimer e Green (2004: 28) a concluir em suas considerações finais que “a dinâmica discursiva indica que a voz do livro didático é apenas uma das diferentes vozes que circulam nessa aula”. Por conseguinte, “o processo de ensino e

aprendizagem nessa sala de aula é *dialógico* e *polifônico*, no sentido bakhtiniano (Bakhtin, 1995). Professora e alunos estabelecem interações assumindo papéis diferenciados, característicos da cultura escolar” (NUNES-MACEDO; MORTIMER; GREEN, 2004: 28 – grifos nossos). No entanto, destacamos que o conceito de polifonia até então nunca fora empregado no artigo, tal fato sugere-nos que para os autores a polifonia consiste unicamente na ocorrência de mais de uma voz, o que gera a possibilidade de se estabelecer uma relação de identidade ou sinonímia entre dialogismo e polifonia.

Assim sendo, consideramos que os excertos anteriores são elucidativos do que avaliamos como uma inadequada identificação ou sinonímia entre o dialogismo e a polifonia bakhtinianos. Por esse motivo, julgamos necessário esclarecer que embora tenha uma matriz filosófica relacionada às suas obras da juventude, como abordou Tezza (2003), Bakhtin cunhou o termo polifonia para abarcar um novo princípio desenvolvido no romance dostoievskiano, segundo o qual:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. [...] é precisamente a multiplicidade de consciências eqüipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. (BAKHTIN, 1997: 4 – grifos do autor).

Por conseguinte, avaliamos que a polifonia não pode ser identificada com o dialogismo, pois a polifonia não se reduz à ocorrência de múltiplas vozes, mas sim de uma multiplicidade de vozes eqüipolentes e imiscíveis; embora o romance polifônico seja necessariamente dialógico, nem todas as enunciações, aliás, a maior parte delas não é polifônica. Faraco (2006: 75) argumenta com clareza que “*polifonia* não é, para Bakhtin, um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são eqüipolentes”. Com efeito, não distinguir ou confundir polifonia com dialogismo limita a compreensão de que as relações dialógicas são um fenômeno de maior amplitude que perpassa toda a linguagem humana, ao contrário da realidade específica e incomum apreendida pela polifonia.

Por outro lado, Tezza (2003) apresenta dois argumentos que revelam ser pouco produtivo o emprego da polifonia como um termo técnico relacionado à

análise literária, os quais, *mutatis mutantis*, julgamos que podem também ser dirigidos ao emprego da polifonia na esfera da Educação. O primeiro consiste no fato de que, após o livro sobre Dostoiévski, nunca mais Bakhtin utilizou ou discutiu esse conceito, conquanto tenha escrito extensas teorizações sobre o romance; “nas obras dos anos 30 e 40, a “polifonia” desaparece, substituída pelo conceito muito mais amplo e funcional de “plurilingüismo”” (TEZZA, 2003: 231). O segundo argumento deve-se ao caráter não reiterável do conceito de polifonia, praticamente exclusivo de Dostoiévski²⁶, a despeito de toda a aposta de Bakhtin no que ele denomina “novo gênero romanesco”, “ele mesmo não conseguia encontrar (isso 40 anos depois, em 1974), mais do que dois ou três exemplos de romance polifônico” (idem, 2003: 231); já nos “Apontamentos de 1970-1971” o autor russo chega até a afirmar que “só um polifonista como Dostoiévski foi capaz de sondar na luta entre opiniões e ideologia (de várias épocas) o diálogo inacabado em torno das últimas questões (do grande tempo)” (BAKHTIN, 2003: 388).

Com base nas questões expostas, julgamos não só equivocada essa identificação da polifonia com a dialogia, como também reducionista no sentido de demonstrar uma incompreensão da amplitude e dos desdobramentos que a categoria do dialogismo assume na teoria bakhtiniana. Ademais, ainda que os pesquisadores da esfera da Educação Brasileira não compartilhem da perspectiva defendida nesta pesquisa a respeito da reduzida produtividade e da natureza não reiterável do conceito de polifonia, consideramos que não será por meio de uma identificação entre dialogismo e polifonia, sem nenhuma correlação original com as formulações de Bakhtin, que tais pesquisadores promoverão ou ampliarão o caráter filosófico da polifonia a fim de utilizá-la na Educação. Por último, constatamos que novamente um procedimento relacionado à apropriação da teoria bakhtiniana já questionado em outro campo da ciência, a saber, nas Letras, é transladado acriticamente para a área da Educação.

Outro aspecto acerca do emprego do dialogismo que consideramos problemático consiste no conceito de ambivalência dialética ou dialética dialógica, cuja fecundidade é defendida pela autora Kramer (2004). Em “Professoras de

²⁶ Como argumenta Tezza (2003: 221, 222 – grifos do autor), Bakhtin sintetizou: “no complexo conceito de *polifonia*, a categoria essencial do que ele chamou *romance polifônico*, e que, a rigor, apenas o romancista russo realizou em sua plenitude (pelo menos na justa dimensão bakhtiniana, desconsiderando as diluições do termo levadas a cabo por outras correntes teóricas)”.

educação infantil e mudança: reflexões a partir de Bakhtin”, a referida autora objetiva focalizar o tema e o referencial teórico-metodológico da mudança, com base nas entrevistas coletivas realizadas na pesquisa *Formação de profissionais da educação infantil no Estado do Rio de Janeiro: concepções, políticas e modos de implementação*. Esse referencial apóia-se na concepção de linguagem de Bakhtin, “preciosa para a compreensão da originalidade com que o tema da mudança foi abordado pelos participantes: a metáfora de sacudir” (KRAMER, 2004: 497).

Para compreender o sentido que o tema da mudança assume nas entrevistas com professores responsáveis pelas políticas de Educação Infantil em dez cidades da região metropolitana do Rio de Janeiro, a pesquisadora recorre ao conceito, por ela denominado, de “ambivalência dialética de Bakhtin”. A partir do conceito bakhtiniano de ambivalência carnavalesca (presente na tese sobre Rabelais), Kramer (2004) passa a sustentar que há uma tensão ou ambivalência dialética em Bakhtin:

A polifonia, na qual todo discurso aparece como relativo, substitui o discurso monológico dos dominantes (Bakhtin, 1999). Enquanto a dialética hegeliana propõe a superação da tese e antítese numa síntese dos contrários, a dialética bakhtiniana supõe que a ambigüidade se mantém: trata-se de uma dialética dialógica em que a atitude com o outro, com o diferente, com o inverso, é de aceitação e tolerância. As contradições permanecem vivas e tensas; em vez de evolução, temos a explosão, um piscar de olhos no qual tudo permanece e ao mesmo tempo muda. A ambivalência toma, nos escritos de Bakhtin, um sentido crítico; que se opõe ao monólogo, ao discurso autoritário. Contra a idéia de que é possível optar entre isto ou aquilo, em Bakhtin (1999), o discurso crítico é ambivalente, comportando simultaneamente isto e aquilo, e aqui reside seu elemento libertador e positivo. (KRAMER, 2004: 508).

Tal conceito de ambivalência dialética auxiliaria a compreensão, segundo a autora, do ambíguo tema da mudança na educação, aflorado nas falas das professoras, nas entrevistas coletivas, por meio das metáforas do “sacudir”, do “mexer” o pedagógico, donde atinge a seguinte percepção:

No que se refere à educação, esta maneira de entender a mudança parece-me humana e viável por pressupor que o velho e o novo convivem sem que a teoria ou a concepção hegemônica de um determinado momento sufoque a prática. A mudança se dá pela

coexistência de posições teórico-práticas diversas que se encontram, chocam, dialogam, e não por uma evolução linear e autoritária em que, por decreto, o velho seria dispensado e o novo adotado. (KRAMER, 2004: 508).

Enfim, as entrevistas coletivas ofereceram aos participantes a oportunidade de se manifestarem e pronunciarem a sua contrapalavra. Nessa entrevista, aqui analisada, o tema da mudança foi abordado de modo original – a metáfora de sacudir e os conceitos de ambivalência dialética e dialogismo forneceram um interessante instrumento conceitual para a análise. (Idem, 2004: 513).

Dessa forma, a autora verificou a emergência da idéia de que é preciso mudar junto com o anseio de mudar em quase todas as entrevistas, porém ela esclarece que foi na entrevista com nove professoras, referida no artigo, que a mudança aflorou como se constituísse a ação educativa.

No entanto, consideramos problemática a dedução desse conceito de ambivalência dialética ou dialética dialógica da teoria bakhtiniana, o que nos leva questionar se ele encontra respaldo nessa obra. Primeiramente, observamos que a autora em nenhum momento esclarece o seu leitor que esse conceito não foi criado por Bakhtin, tratando-se, portanto, de um desenvolvimento realizado pela pesquisadora com base na sua compreensão da teoria bakhtiniana; pelo contrário, ela afirma que “a visão de mudança presente nas falas das entrevistadas parece aproximar-se do *conceito de ambivalência dialética de Bakhtin*” (KRAMER, 2005: 507 – grifos nossos).

Um segundo aspecto a ser considerado consiste no pressuposto de que se fundamenta a autora para erigir sua argumentação acerca da dialética dialógica, a saber, a compreensão de que a polifonia significa que todo o discurso é relativo. Já abordamos anteriormente nesta seção que a polifonia constitui-se como um discurso complexo e incomum no qual todas as vozes são plenivalentes e imiscíveis, contudo daí a se inferir que a multiplicidade bakhtiniana implicaria uma espécie de ausência de posição socioaxiológica na enunciação (posto que todo discurso é relativo), significa obliterar o combate dos índices sociais de valor que nela se confrontam, ou seja, não compreender a linguagem como uma realidade axiologicamente saturada e estratificada. Não podemos, pois, negligenciar que o filósofo russo apreende a língua como um fenômeno essencialmente social e histórico, ou nas palavras do próprio Bakhtin (1999: 415): “as línguas são

concepções de mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta das classes”.

Por conseqüência, julgamos que essa dialética dialógica, a partir da qual as ambigüidades se mantêm e nada evolui, não encontra respaldo no pensamento bakhtiniano, uma vez que se institui a partir de uma concepção equivocada, em virtude da qual o dialogismo assume um valor positivo, enquanto o monologismo é negativo. Dessa forma, avaliamos, com base em Tezza (2003) e Fiorin (2006), que tal interpretação axiológica não encontra respaldo na obra bakhtiniana, visto que o autor russo não conferiu valores ideológicos a tais categorias:

[...] algum animismo teórico parece colocar vida própria nos termos “dialógico” e “monológico” e declara que o primeiro é superior ao segundo, não por definição literária, mas por valor social – o que é dialógico é democrático, portanto intrinsecamente superior ao que é monológico, autoritário e centralizador. (TEZZA, 2003: 233).

Esclarecemos que Bakhtin compreende a natureza da linguagem como constitutivamente dialógica, todavia o autor russo avalia que a manifestação composicional do discurso pode apresentar uma tendência maior em direção ao dialogismo, quando o locutor procura incorporar as palavras de outrem à sua enunciação, tendo em vista diversos matizes dialógicos possíveis; ou ao monologismo, quando ele enseja conferir um caráter centralizador, fundador e desvinculado do contexto plurilíngüe à sua enunciação.

Outrossim, não podemos obliterar que na lógica dialética os termos contraditórios se incluem mutuamente pelo princípio da contradição (ou a lei da unidade dos contrários), portanto avaliamos que não há necessidade de se recorrer ao conceito bakhtiniano de ambivalência para garantir que no movimento da mudança ocorra conservação. Consideramos, ainda, que esse conceito se encontra intrinsecamente relacionado à análise que Bakhtin realiza de uma questão cultural específica – o carnaval – como uma expressão de um momento histórico particular: o “complexo histórico da cultura medieval que Rabelais sintetiza” (TEZZA, 2003: 184), não sendo reiterável ao acaso.

Ademais, a relação entre diálogo e dialética jamais foi explorada de modo consistente pelo pensador russo. Encontramos uma indicação truncada dessa

questão em notas de rascunho publicadas sob o título de “Apontamentos de 1970-1971”:

Diálogo e dialética. No diálogo as vozes (a parte das vozes) se soltam, soltam-se as entonações (pessoais-emocionais), das palavras e réplicas vivas extirpam-se os conceitos e juízos abstratos, mete-se tudo em uma consciência abstrata – e assim se obtém a dialética. (BAKHTIN, 2003: 383).

A princípio podemos perceber que Bakhtin compreende a dialética como produto abstrato do diálogo. Já num breve ensaio publicado postumamente apenas em 1979 com o título “Metodologia das Ciências Humanas”, o autor russo afirma: “A dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior (ao diálogo das *peçoas*). Monologismo hegeliano na *Fenomenologia do espírito*” (BAKHTIN, 2000: 404 – grifos do autor). Nesse sentido, notamos que tal relação chegou a preocupar o autor, embora ele não tenha desenvolvido maiores reflexões sobre o assunto. No entanto, indagamo-nos, como o fez Schnaiderman (1983), se o pensador russo teria condições de realizar essa reflexão e publicá-la naquela época, considerando-se o contexto social e histórico vivido, então, na Rússia. De qualquer modo, ressalta-nos desse conciso cotejo a respeito das relações entre diálogo e dialética em Bakhtin quão distantes estão das proposições empreendidas por Kramer (2004).

Uma última questão que se destaca dessa discussão acerca de uma dialética dialógica consiste nas bases dos acréscimos realizados à teoria bakhtiniana. Não contestamos a necessidade de se dar prosseguimento aos estudos empreendidos pelo pensador russo, bem como de se verificar os limites e as possibilidades suscitados por sua teoria, aliás, essa é uma importante tarefa a ser efetuada por seus estudiosos. Todavia, julgamos que tal tarefa não pode obliterar quais são os fundamentos teóricos da obra bakhtiniana, sob o risco de criarmos tantos *Bakhtins* quanto forem os nossos objetivos e/ou necessidades.

No que tange à apropriação da categoria do dialogismo, verificamos outro aspecto que entendemos sustentar uma interpretação limitante, a saber, a redução das relações dialógicas ao diálogo face a face. No artigo de Nunes-Macedo, Mortimer e Green (2004), os autores visam investigar alguns elementos que

constituem o letramento escolar numa turma de primeiro ciclo, com base nas interações discursivas ocorridas entre alunos e professores no momento do uso do livro didático de língua portuguesa, pois julgam que “a análise das interações face a face que constituem o uso do livro didático pode ser fecunda para a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita” (Idem, 2004: 18). Para tanto, fundamentam-se na perspectiva teórico-metodológica estabelecida pela teoria da enunciação bakhtiniana e pela etnografia interacional.

Uma primeira questão a ser observada consiste no fato de que a teoria bakhtiniana da enunciação é empregada somente em dois momentos do artigo. O primeiro situa-se nas considerações iniciais, quando os autores justificam a razão de considerarem o livro didático um enunciado:

Bakhtin (1995) postula que a interação verbal, de natureza dialógica e social, é a categoria básica da concepção de linguagem como um fenômeno social, marcado ideologicamente. Disso decorre que o enunciado é a unidade dos processos de interação verbal, a “verdadeira unidade da comunicação verbal”. Para Bakhtin, o *diálogo*, concebido como um processo que ultrapassa a interação face a face, é o traço fundamental do enunciado e da enunciação. (NUNES-MACEDO; MORTIMER; GREEN, 2004: 18 – grifo dos autores).

O livro didático, na perspectiva bakhtiniana, pode ser visto como um *enunciado* que constitui um elo na cadeia de “comunicação verbal” estabelecida por alunos e professora na sala de aula investigada. A análise das interações face a face que constituem o uso do livro didático pode ser fecunda para a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. (Idem, 2004: 18 – grifo nosso).

O segundo momento em que os autores utilizam a categoria da enunciação localiza-se nas considerações finais do artigo, justamente para argumentarem que “o livro didático foi utilizado como um *enunciado*, no sentido bakhtiniano do termo, um elemento da cadeia de interação verbal estabelecida por alunos e professora” (Idem, 2004: 28 – grifo nosso). Por ora, ressaltamos que as contribuições da teoria da enunciação não foram efetivamente consideradas nas seções referentes à metodologia, análise e contextualização da pesquisa.

No que tange ao aspecto discursivo das interações realizadas entre professor e alunos, os pesquisadores constataam “poucas perguntas dos alunos para a professora, o que significa que o discurso na sala de aula tem funções diferentes para os participantes” (NUNES-MACEDO; MORTIMER; GREEN, 2004: 28). De modo geral, as interações estabeleceram-se da seguinte forma na sala observada: “ao professor cabe fazer as perguntas que julgar adequadas e ao aluno cabe respondê-las, de preferência, atendendo às expectativas da professora” (Idem, 2004: 28-29).

Entretanto, consideramos que os pesquisadores acabam por reduzir toda a reflexão do pensador russo acerca do caráter dialógico da linguagem à interação face a face, visto que eles buscam analisar os “*padrões interacionais recorrentes* na dinâmica interativa e outras regularidades que constituem a rotina do grupo” (Idem, 2004: 20 – grifos nossos). Salientamos ainda que tal concepção de dialogia é restritiva em virtude do fato de Bakhtin não se dedicar ao estudo da forma-diálogo como tal, o diálogo face a face só interessava ao pensador russo como um dos espaços em que se pode observar a dinâmica do processo de interação das vozes sociais, como nota Faraco:

Desse modo, não constitui objeto de suas preocupações observar a maneira como se dá a troca de turnos entre participantes de uma conversa, como faz hoje, por exemplo, a chamada Análise da Conversação. Nem desenvolver um estudo de práticas conversacionais de um grupo humano qualquer, como se faz, por exemplo, desde a década de 1960, na chamada Etnografia da Fala ou da Comunicação – por mais interessantes que possam ser essas análises. (FARACO, 2006: 59).

Tezza (2003) também ilumina essa questão ao salientar que para Bakhtin e seu Círculo “o diálogo não é apenas uma forma alternada de enunciados isolados, como na marcação teatral, mas está na própria natureza, desde o nascimento, de todo enunciado, mesmo tomado isoladamente” (TEZZA, 2003: 33).

Assim sendo, para o filósofo russo, o diálogo, no sentido estrito do termo, constitui apenas uma variante da relação dialógica que se estabelece entre as enunciações completas no decurso do processo de comunicação verbal, embora seja mais recorrente e visível. O dialogismo é um elemento constitutivo da

linguagem, uma relação específica de sentido que se estabelece entre enunciações completas ou entre partes significativas da enunciação, se considerada como representativa do enunciado do outro, se encontramos nela a voz de um outro. Conseqüentemente, a relação dialógica não coincide com a relação que ocorre entre as réplicas de um diálogo, por ser mais ampla, variada e complexa.

Aliás, os próprios autores indicam, em seu artigo, o ângulo sob o qual enfocaram o processo interativo em sala de aula, qual seja, o da etnografia interacional e justificam que:

Nessa perspectiva, a aprendizagem é definida situacionalmente por meio das formas em que professores e alunos constroem os padrões e práticas da vida de cada sala de aula. Os padrões e práticas são definidos pela análise das ações dos sujeitos, objetos e práticas sociais que os sujeitos constroem através dos eventos, e das ações e interações com o outro durante a vida cotidiana da sala de aula. (NUNES-MACEDO; MORTIMER; GREEN, 2004: 19).

Em razão de tais motivos, compreendemos que as contribuições do pensamento bakhtiniano não foram efetivamente utilizadas no momento da análise no referido artigo, pois os autores não consideraram a enunciação como constitutivamente dialógica; o que implicaria atentarem para o fato de que os alunos não precisam necessariamente realizar um diálogo face a face para que estabeleçam uma relação dialógica durante a leitura e a compreensão de textos no momento do uso do livro didático. Por conseguinte, avaliamos que as interações estabelecidas na sala de aula foram estudadas a partir de uma perspectiva mais apropriadamente relacionada à abordagem interacionista desse fenômeno.

Por fim, o último aspecto relacionado ao emprego da categoria do dialogismo que avaliamos não encontrar respaldo na teoria bakhtiniana consiste no argumento defendido por Mello (2001), segundo o qual o psicólogo russo Luria não estabelece uma relação dialógica com a fala dos sujeitos de sua pesquisa; realizando uma descrição monológica dessas falas, por considerar que os processos mentais de sujeitos analfabetos, habitantes de vilarejos isolados cuja economia era subdesenvolvida, revelam um raciocínio lógico formado pela experiência prática direta, sendo o pensamento teórico ainda inadequadamente diferenciado do pensamento prático.

Em “Relendo Luria: os limites de uma perspectiva”, Mello (2001) objetiva discutir a relação entre a escrita e o desenvolvimento cognitivo de sujeitos adultos não alfabetizados a partir de uma releitura de uma pesquisa de Luria, propondo uma visão plural da racionalidade humana. Para tanto, a autora retoma algumas entrevistas constantes na obra *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*, com a finalidade de fazer uma releitura dessas entrevistas, realizadas em forma de diálogos entre entrevistadores da equipe de pesquisadores de Luria e sujeitos não alfabetizados de vilarejos e terras de pastoreio das regiões do Uzbequistão e Kirghizia:

Vamos procurar, nas entrevistas relatadas, os indícios que nos levem a compreender as posições que os sujeitos – entrevistadores e entrevistados – assumem, no momento do confronto *dialógico*, bem como as lógicas diversas que ali são confrontadas. Trabalhamos, como hipótese, de acordo com Bakhtin (1992), que as posições dos sujeitos nas culturas e suas formas de organizar o real são integradas. (MELLO, 2001: 102 – grifo nosso).

A pesquisadora defende que “a experiência pessoal e coletiva é critério de validação para esse grupo [entrevistado], baseado na tradição oral da palavra” (Idem, 2001: 106). Assim, opta por considerar a palavra como centro que possibilita a compreensão da complexidade dos enunciados dos sujeitos de Luria e revela indícios das perspectivas dos sujeitos (pesquisador e entrevistados) em seus enunciados.

Dessa forma, Mello (2001) argumenta que, em Luria, há uma crença implícita de que o aspecto lógico-formal, compreendido como processo de dedução por inferência silogística, consistiria numa forma do pensamento humano desenvolvido. Para refutar a perspectiva defendida pelo psicólogo russo, a autora assevera que sob esse aspecto:

A palavra é esvaziada dos seus *laços* com o contexto de sua produção, com as concepções múltiplas que a constituem sócio-historicamente – plurivalência do signo –, e com as perspectivas dos sujeitos enunciantes. É signo estático, se paralisado dentro de um sistema lógico, cujas relações só têm uma conclusão “óbvia” que deve ser aceita como verdadeira. (MELLO, 2001: 108 – grifos da autora).

Possivelmente por este motivo, apesar dos sujeitos da pesquisa [sic], no nosso entendimento, apresentarem em seus enunciados as respostas esperadas dos silogismos, estas não são reconhecidas como legítimas, pois *subvertem* a lógica imposta. Tal subversão se dá porque trazem, para o plano do *esperado*, do monológico, o dialogismo e as próprias relações que os sujeitos estabelecem, com base em seu universo social e histórico, e também sua prática concreta de sujeitos, agindo no mundo segundo sua cultura. (MELLO, 2001: 108 – grifos da autora).

De acordo com Mello (2001), Luria reduz a palavra dos sujeitos entrevistados a um sentido monovalente e literal, o que exclui formas culturalmente diversas, mas legítimas, de participação sócio-histórica dos sujeitos nas formas de dizer e de pensar:

A palavra monovalente, desconsiderando as interações outras que os sujeitos realizavam a partir dela e nela, os exclui, por conseguinte, da possibilidade de participarem dos processos lógicos que envolvem o ato de dizer, na concepção de Luria. As respostas dos sujeitos só podem ser avaliadas como “falta”, em relação ao parâmetro estabelecido pelo pesquisador. (MELLO, 2001: 110 – grifos da autora).

O olhar de Luria seria, para a pesquisadora, revelador de uma crença na possibilidade da universalidade de uma forma de racionalidade, “o contexto de produção de sua teoria é o da crença na civilidade, na ciência e na razão emancipatória como instrumentos de revolução social”; ao passo que os enunciados dos sujeitos revelam racionalidades “intimamente relacionadas com as posições sociais e historicidade dos sujeitos e seus enunciados” (MELLO, 2001: 113, 114). Segundo a autora, tal fato acarreta duas conseqüências:

Em primeiro lugar, ao desconsiderar o que os sujeitos da pesquisa trazem em seus enunciados, podemos dizer que os resultados apontados pela pesquisa de Luria são, em última análise, uma descrição monológica da fala do outro. Conseqüentemente, a voz última do pesquisador, presa a seu paradigma, silencia a gama de possibilidades de formas racionais devido a sua incapacidade de reconhecê-las naquele momento social e histórico. [...].
A segunda conseqüência é um olhar homogeneizador, contemporâneo de uma modernidade e de suas já discutidas implicações, que tenta enquadrar em seus pressupostos os dados

que o real revela, deixando uma etiqueta de *não* a tudo o que escapa a seus critérios (MELLO, 2001: 123 – grifos da autora).

Ao inverter a perspectiva do olhar do pesquisador, a autora considera que pôde potencializar os sujeitos e reconhecer neles modos legítimos de ser, fazer, dizer e pensar, formas essas relacionadas a práticas culturais sócio-históricas.

Contudo, entendemos que essa avaliação não encontra respaldo na teoria bakhtiniana, uma vez que ao tratar do dialogismo Bakhtin admite como pressuposto o domínio das formas mais desenvolvidas de raciocínio²⁷, o que inclui as formas lógicas, embora as relações dialógicas não possam ser reduzidas a relações estritamente lógicas. Aliás, o filósofo russo assevera que a compreensão do caráter factual-lógico, num sentido amplo, é fundamental para o estabelecimento das relações de sentido dentro de um enunciado:

As relações de sentido, dentro de um enunciado (ainda que fosse potencialmente infinito, como no sistema da ciência, por exemplo), são de ordem factual-lógica (no sentido lato do termo), ao passo que as relações de sentido entre enunciados distintos são de ordem dialógica (ou, pelo menos, têm um matiz dialógico). (BAKHTIN, 2000: 342).

Nesse sentido, como os sujeitos analfabetos da pesquisa de Luria manifestaram dificuldades e/ou limites na compreensão das relações de caráter lógico nos enunciados apresentados, por exemplo, em forma de silogismos, eles tiveram, conseqüentemente, prejudicada a sua compreensão das relações de sentido dentro do enunciado. Ao evidenciar essa questão nas entrevistas, não significa que Luria trate os sujeitos de forma monológica. Os dados da pesquisa de Luria demonstram tão somente que a estrutura da atividade cognitiva não permanece estática no decurso das diversas etapas do desenvolvimento histórico; assim como as formas mais importantes de processos cognitivos (percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e auto-análise da vida interior) modificam-se no momento em que as condições da vida social mudam e rudimentos de conhecimentos são adquiridos. Ademais, não encontramos contradições entre

²⁷ Esse pressuposto torna-se evidente quando consideramos que o autor russo tomava como objeto de suas análises algumas das obras mais desenvolvidas pelo gênero humano, quais sejam, a literatura de Dostoiévski e de Rabelais.

essa análise e a concepção de língua desenvolvida por Bakhtin, segundo a qual “as línguas são concepções de mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta das classes” (BAKHTIN, 1999: 415).

Não obstante, avaliamos, ainda, que defender a forma de racionalidade desses sujeitos analfabetos pelo viés multicultural, tolerante e de aceitação da diferença converte-se em mais um recurso para legitimar a existência de uma sociedade desigual, iníqua e excludente; propalando a mentalidade do convívio pacífico a partir da qual as desigualdades passam a ser identificadas com as diferenças, o que cerceia as possibilidades de emancipação humana.

Com a análise dos artigos que empregam as categorias da enunciação e da dialogia na Educação, não pretendemos insinuar ou defender que existe uma única forma de se apropriar do pensamento bakhtiniano (nada mais antibakhtiniano possível!), tencionamos, pois, demonstrar justamente o fato de que para realizar tal apropriação os pesquisadores, com a singularidade de seus estudos, devem empreender uma compreensão ativa das bases fundamentais desse pensamento, o que implica radicalidade²⁸, rigor e visão de conjunto, bem como indica que há limites para a interpretação de uma teoria.

²⁸ Compreendemos a palavra “radical” no seu sentido específico, isto é, relativo à raiz das questões, aos seus fundamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais.
(MARX; ENGELS, 1999: 13).

Onde os caminhos criadores da história estão fechados restam apenas os impasses da superação individual de uma vida desprovida de sentido.
(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004: 92).

Ao pesquisarmos os fundamentos da filosofia da linguagem bakhtiniana, observamos que tal filosofia se constituiu a partir de uma crítica rigorosa às duas tendências predominantes do pensamento filosófico-lingüístico acerca da linguagem. Bakhtin suplanta essas tendências ao considerar que a realidade concreta da língua não reside nas formas lingüísticas abstratas, nem no aspecto físico-psicofisiológico da fala, mas sim no fenômeno social da interação verbal, realizado por meio de enunciações concretas, originadas da interação entre indivíduos socialmente organizados, nas mais diversas esferas da atividade humana.

Desse modo, a linguagem já não é mais considerada sob uma perspectiva segundo a qual o locutor é focalizado como se estivesse sozinho, como se fosse o primeiro a romper o silêncio de um mundo mudo, mas em sua relação ativa com o interlocutor, fundamental para a comunicação social. Para o pensador russo, a linguagem consiste, pois, num fenômeno social engendrado historicamente e estratificado socialmente, no decurso de sua evolução ininterrupta. Tal concepção pressupõe um entendimento da concretude e do caráter histórico e social da palavra, a partir de sua passagem de um locutor a outro, de um contexto a outro, de uma coletividade a outra, o que acarreta uma existência socialmente tensa, ou seja, repleta de intenções, acentos e apreciações.

Nesse sentido, Bakhtin avança ao conseguir articular em sua filosofia da linguagem a relação da enunciação com a realidade existente, o sujeito falante real e as demais enunciações concretas dos outros interlocutores. Com efeito, pudemos compreender que a teoria bakhtiniana buscou incessantemente perscrutar o real, a

vida, o homem e o social em relação a um evento único na existência manifestado na enunciação, enquanto elo na cadeia de comunicação verbal, que se constrói a partir das enunciações dos outros e responde a essas enunciações, isto é, a enunciação surge no diálogo e se desenvolve sobre a orientação dialógica recíproca do discurso de outrem.

Logo, Bakhtin entende o homem como um ser que se constitui pela interação social, o que implica atentarmos para o caráter dialógico da interação verbal humana como realidade fundamental da linguagem. O surgimento das relações dialógicas ocorre no momento em que elas se tornam enunciações, provenientes de diferentes sujeitos no uso da linguagem (estendendo-se desde as esferas cotidiana, familiar até as científica, artística, filosófica, etc.). A dialogia consiste numa relação específica de sentido que se estabelece entre enunciações completas, ou com partes significativas da enunciação, ou entre estilos de linguagem, uma vez que tais enunciações sejam percebidas como pontos de vista sobre o mundo, como representativas do enunciado do outro, como signo da posição semântica do outro.

Assim sendo, ressaltamos a compreensão de que as categorias da enunciação e do dialogismo encontram-se intrinsecamente relacionadas na teoria bakhtiniana, não podendo existir uma sem a outra, ainda que ambas não sejam coincidentes e apresentem suas especificidades, como procuramos ressaltar no segundo capítulo. Não obstante, consideramos que a enunciação e o dialogismo atuam como categorias nessa teoria, no sentido marxiano do termo, a saber, “as categorias são formas de ser, determinações da existência” (Marx *apud* Lukács, 1979: 10), pois elas não se reduzem a uma representação de conceitos lingüísticos abstratos, mas são uma decorrência das relações concretas estabelecidas entre os seres humanos, em seu caráter social, histórico e cultural.

No que concerne à apropriação da enunciação e do dialogismo na Educação Brasileira, constatamos que os pesquisadores brasileiros, no universo dos artigos selecionados, valem-se cada vez mais das contribuições do pensamento bakhtiniano em suas análises acerca de temas da Educação, bem como procuram empreender discussões sobre os fundamentos dessas categorias, quais sejam: a natureza social e histórica da enunciação; o caráter dialógico da linguagem; a concepção de gêneros do discurso; o aspecto dialógico do ato de compreensão das

enunciações; a noção de subjetividade em seu caráter social e intersubjetivo; a leitura e a escrita como um processo incessantemente ativo de comunicação dialógica; a estratificação da linguagem; a compreensão de que as Ciências Humanas precisam estudar o homem como sujeito.

Todavia, verificamos também que aliado a esse esforço de apropriação da teoria bakhtiniana na esfera da Educação, há a ocorrência de distorções e impropriedades na aplicação e/ou nos acréscimos efetuados nessa teoria, em alguns dos artigos analisados. Com efeito, os problemas de apropriação revelam-nos que, por vezes, o pensamento bakhtiniano é aplicado, na Educação, a partir de uma perspectiva estruturalista, a qual julgamos não encontrar respaldo em Bakhtin. Indicam-nos, ainda, que existe uma certa incompreensão das complexas relações entre as categorias e os conceitos, na própria arquitetura bakhtiniana, bem como demonstram uma percepção ora reducionista, ora equivocada das categorias da enunciação e do dialogismo. Outrossim, constatamos que alguns desses problemas já foram criticados em outras áreas das Ciências Humanas, fato esse que nos leva a questionar se essa apropriação é efetuada de maneira crítica pelos pesquisadores da Educação. Não obstante, tais impropriedades expõem a necessidade de discutirmos as bases sobre as quais se instituem os acréscimos realizados à teoria bakhtiniana. Voltamos a ressaltar que não nos objetamos à continuidade e ao questionamento das análises bakhtinianas, aliás, consideramos esses esforços fundamentais para que a obra de Bakhtin possa se desenvolver na grande temporalidade; contudo não podemos obliterar que uma compreensão ativa dessa obra demanda radicalidade, rigor e visão de conjunto, além de indicar limites e possibilidades para a sua interpretação.

Um último aspecto concernente à apropriação do pensamento bakhtiniano que destacamos consiste no fato de que as categorias da enunciação e do dialogismo, no universo dos artigos selecionados, não foram empregadas, em geral, na análise de temas tradicionais da Educação (tais como educação escolar, ensino, aprendizagem, métodos, currículos, entre outros), mas sim para iluminar questões referentes ao processo de leitura e escrita na biblioteca e na internet (em três dos artigos); às relações sociais estabelecidas entre crianças e adultos com a mídia televisiva (em dois artigos); à epistemologia das Ciências Humanas (em dois

artigos); ao letramento escolar²⁹; à educação de surdos; à relação entre a escrita e o desenvolvimento cognitivo; ao tema da mudança nas políticas de Educação Infantil. Esse aspecto indica-nos que a apropriação da teoria bakhtiniana na Educação, área que não constituiu objeto específico dos estudos do filósofo russo, é uma tarefa que apresenta certa complexidade e dificuldade, assim como se encontra na fase inicial de sua implementação. Em virtude desse fato, designamos tal aplicação como um “esforço de apropriação”, que ainda tem um fecundo e complexo campo para se desenvolver na Educação.

Por fim, salientamos que o desenvolvimento desta dissertação possibilitou-nos abrir sendas para pesquisas futuras a respeito da relevância das contribuições da obra de Bakhtin para o estudo da Educação Brasileira. Se considerarmos que na Educação Escolar, por exemplo, o processo de apropriação das objetivações produzidas pelo gênero humano é realizado fundamentalmente por meio da linguagem, em enunciações provenientes dos diversos campos da atividade humana, perceberemos que a filosofia da linguagem bakhtiniana reúne fundamentos potencialmente relevantes para auxiliar o desenvolvimento de uma Educação dirigida para a formação plena da individualidade humana, que possibilite aos homens apropriarem-se do máximo de desenvolvimento alcançado pelo conjunto da humanidade. Nesse sentido, as possibilidades contidas na teoria bakhtiniana não se exaurem nas discussões efetuadas nesta pesquisa, antes elas indicam perspectivas para o desenvolvimento de outras investigações que objetivem extrair o potencial da arquitetônica bakhtiniana para o estudo da Educação.

²⁹ Todos os demais temas foram abordados, respectivamente, por apenas um artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Dos artigos:

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 116, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

BERNARDES, Alessandra Sexto. Do texto pelas mãos do escritor ao texto nas mãos do leitor: pensando a leitura e a escrita na biblioteca. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 22, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

COSTA, Sérgio Roberto. (Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. *Cad. CEDES.*, Campinas, v. 25, n. 65, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 116, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Sites construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação. *Cad. CEDES.*, Campinas, v. 25, n. 65, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

KRAMER, Sonia. Professoras de educação infantil e mudança: reflexões a partir de Bakhtin. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 34, n. 122, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

MELLO, Marisol Barenco de. Relendo Luria: os limites de uma perspectiva. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 112, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

NUNES-MACEDO, Maria do Socorro Alencar; MORTIMER, Eduardo Fleury; GREEN, Judith. A constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no primeiro ciclo. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 25, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 116, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

SALGADO, Raquel Gonçalves; PEREIRA, Rita Marisa Ribes; JOBIM E SOUZA, Solange. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. *Cad. CEDES.*, Campinas, v. 25, n. 65, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jun 2007.

2) Das obras:

BAKHTIN, M. M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: EDUNB, 1999.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradutora: Maria. Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradutor: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (VOLOCHINOV, V. N.). *O Freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. (VOLOCHINOV, V. N.) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Questões de Literatura e de Estética*. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP; Hucitec, 1998.

BAJTÍN, M. M. *Problemas de la Poética de Dostoiévski*. 2. ed. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2003.

BEZERRA, P. “Prefácio à segunda edição brasileira”. In: BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BRAIT, B. Mikhail Bakhtin: movimentos de reconstituição da história de um pensamento. *Revista USP*, São Paulo, n. 39, p. 158-173, set./nov. 1998.

_____; MELO, R. de. “Enunciado/enunciado concreto/enunciação”. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso”. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

EMERSON, C. *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

FARACO, C. A. “Bakhtin: a invasão silenciosa e a má leitura”. In: FARACO, C. A. et al. *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988, p. 19-36.

_____. “O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica”. In: FARACO, C. A. et al. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999, p. 113-136.

_____. “Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas”. In: BRAIT, B. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001.

_____. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

HOBBSAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã. (I Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MIOTELLO, V. “Ideologia”. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

ORNELLAS, C. A. *A presença de Mikhail Bakhtin em dissertações de mestrado e teses de doutorado, em Letras, da USP e PUC/SP, no período de 1972 a 1996*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SCHNAIDERMAN, B. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SOUZA, G. T. *A construção da metalingüística: fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu círculo*. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002a.

_____. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002b.

POSSENTI, S. “O que significa ‘o sentido depende da enunciação?’”. In: BRAIT, B. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 187-199.

REIS FILHO, D. A. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Tezza, C. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VOLOSHINOV, V. N. *Freudismo: un bosquejo crítico*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

KOZHINOV, V. “Algunas palabras acerca de la vida y la obra de M. M. Bajtín”. In: BAJTÍN, M. M. *Problemas de la poética de Dostoievski*. Madrid: FCE-España, 2004.

LURIA, A. R. *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. São Paulo: Ícone, 1990.

PAZZINATO, A. L.; SENISE, M. H. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Ática, 2002.

SCHNAIDERMAN, B. Ordem e caos na Rússia, a partir de 1917: uma abordagem empírica. *Revista USP*. São Paulo, n. 39, p. 84-87, set./nov. 1998.

SÉRIOT, P. “Pourquoi la langue russe est-elle grande? (matériaux pour une recherche)”, in *Essais sur le discours soviétique*, n. 4 (Univ. de Grenoble-III), 1984, p. 57-92. Disponível em: <http://www2.unil.ch/slav/ling/recherche/biblio/index.html>. Acesso em: 20 Dez 2005.

_____. “Pentecôte scientifique et linguistique spontanée (Un projet soviétique de langue universelle du communisme)”. *Etudes de Lettres* (Lausanne), oct-déc. 1988, p. 21-33. Disponível em: <http://www2.unil.ch/slav/ling/recherche/biblio/index.html>. Acesso em: 20 Dez 2005.

TODOROV, T. *Le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.